
Capítulo 2

Capítulo 2:**ESTUDO MONOGRÁFICO DE TRÊS ESCOLAS AMERICANAS DE CONFISSÃO
PROTESTANTE HISTÓRICAS**

O principal objetivo deste capítulo é focalizar a presença da música nas escolas americanas de confissão protestante, observando como estas escolas se estabeleceram em São Paulo, como eram os seus professores, bem como conhecer as práticas musicais com o propósito de entender se a música utilizada na igreja teria influenciado o ensino da música nestas escolas. Analisaremos três escolas, ligadas a três Igrejas Históricas: Igrejas Presbiteriana, Metodista e Batista. Como visto no capítulo anterior, estas denominações protestantes chegaram ao Brasil, a partir de meados do séc. XIX e implantaram escolas. Os missionários norte-americanos, além da tarefa de evangelização, se ocupavam também das atividades educacionais, sendo esta tarefa, na maioria das vezes, realizada pelas mulheres. No início das atividades destes missionários no Brasil, houve um apoio mútuo entre as diferentes denominações, bem como um estímulo às atividades desenvolvidas.

Também como aponta Hilsdorf (1977) é preciso levar em consideração a presença de norte-americanos que se fixaram na região de Santa Bárbara no decorrer dos anos de 1860. Concordando com Hilsdorf, Betty Antunes de Oliveira (2005) aponte que, a partir de 1865 ocorreu a vinda de cidadãos dos Estados Unidos da América para o Brasil. Isso se deu após o final da Guerra da Secessão naquele país, porém “essa emigração espontânea tem sido considerada irrelevante e sem maiores conseqüências para os dois países, diante do número reduzido de emigrados” (p. 27).

Alguns políticos brasileiros defendiam a idéia de uma imigração norte-americana por apreciarem a organização político-administrativa dos americanos e pela oposição à mentalidade católico-conservadora predominante na sociedade da época.

...a sociedade brasileira aceitava ou combatia o “espírito moderno” subjacente ao protestantismo – antes que a doutrina religiosa – do mesmo modo como combatia ou aceitava a “modernidade” do liberalismo, do positivismo, do cientificismo ou do republicanismo. Na Província de São Paulo, representantes destas novas correntes de pensamento vão aproximar-se das Igrejas Reformadas, propagadas pelos pastores norte-americanos, e aliar-se a eles na defesa dos princípios de democracia, individualismo, igualdade de direitos, liberdade de consciência e de crença, que umas e outras acreditavam veicular, bem como fazer frente comum ao regime

monárquico e sua religião oficial. Representantes da mentalidade católico-conservadora, por outro lado, vão opor-se vivamente a essas novas aspirações (p. 147).

Com muita propriedade, Hilsdorf (1977) aponta o desenvolvimento das denominações protestantes no Brasil, a vinda de colportores, a chegada dos pastores e missionários, bem como, de professores devidamente preparados para o desenvolvimento das atividades escolares.

Ainda segundo Hilsdorf (1986, p. 186-8), estas escolas recebiam recursos das Igrejas-mães e desta forma, mesmo quando as receitas não compensavam as despesas, o trabalho acontecia sem solução de continuidade. “Também os imigrantes norte-americanos que se haviam instalado no período pós-guerra de Secessão ofereceram cooperação a essas escolas”.

Hilsdorf (1977, p. 44-5) informa também que as escolas americanas de confissão protestante alcançaram renome na província de São Paulo porque trouxeram inovação e se mostraram comprometidas com novos padrões da sociedade brasileira.

Além do fato de serem absolutamente diferentes da maioria dos estabelecimentos paulistas contemporâneos, quer públicos quer particulares, e de concorrerem para atender à necessidade de instrução de algumas minorias estrangeiras, há que se considerar, também a idéia das vinculações do catolicismo com espírito aristocrático e conservador e os velhos métodos pedagógicos, e a visão do protestantismo como versão religiosa dos ideais liberais e democráticos que estavam imbuídas as lideranças políticas e culturais da província de SP, na época também ansiosas por uma renovação educacional.

Os protestantes, além de serem acolhidos pelos liberais e republicanos receberam apoio dos anti-clericais e maçons, pois estes tinham o ideal de trazer novos valores para a sociedades brasileira e entendiam que isso poderia acontecer com uma renovação da mentalidade das novas gerações.

As escolas americanas de confissão protestante trariam para a Província de São Paulo uma diretriz de ensino prático, científico e comum para todos, que concretizava aqueles aspectos do sistema de ensino norte-americano que mais atraíam as elites da época. Aos liberais e republicanos, essas escolas ofereciam seu caráter democrático; aos adeptos e simpatizantes do positivismo e outras derivações científicas, a orientação científica imprimida ao currículo de estudos; aos anti-clericais, a ausência de ortodoxia, de sectarismo, a par de uma completa oposição à Igreja Oficial. A todos, enfim, pelo cuidadoso aparato pedagógico que exibiam em termos de equipamentos, instalações, professores e procedimentos didáticos, ofereciam a possibilidade de uma formação acadêmica muito mais eficaz que a proporcionada pelos colégios nacionais, seja como preparatórios para o ingresso nos cursos superiores, seja como formação imediata para a vida. (...) Numa província como a de São Paulo, que despertava para as grandes questões do século – democracia, liberalismo, cientificismo, laicização da vida pública, formação da mulher, educação popular – seriam justamente as elites políticas e culturais as

primeiras a incentivar o trabalho dos missionários protestantes americanos. Os ideais e valores que elas propunham para a nova sociedade brasileira eram vistos como condizentes com as diretrizes culturais e pedagógicas das igrejas reformadas americanas, e não com as do ensino oficial católico ou ultramontano. Era nas escolas americanas de fé protestante que residia a possibilidade de se formar as novas gerações na prática das qualidades políticas e intelectuais necessárias para se colocar o país à altura do século. (HILSDORF, 1977, p. 156)

Hilsdorf (1977) entende que o estudo das escolas americanas de confissão protestante justifica-se, para que novas informações sejam trazidas quanto ao papel que desempenharam no processo de escolarização da sociedade brasileira entre os anos de 1890 a 1920. Aponta que as escolas americanas talvez tenham sido a mais importante das iniciativas inovadoras do Segundo Liberalismo das décadas de 1860/1880. Com o estudo das escolas americanas de confissão protestante busca-se uma clarificação tanto de suas matrizes, modos de atuação e relações com a cultura escolar do período, quanto do processo de construção de suas posições na historiografia.

Como dito anteriormente, em nossa pesquisa estamos nos propondo a levantar outras informações a respeito da utilização da música nas escolas americanas de confissão protestante em São Paulo, para entender com quais propósitos foram utilizados. Seriam as canções cantadas na igreja, as mesmas cantadas na escola? O mesmo valor dado à música pelos reformadores da igreja continuava presentes nestas escolas? O repertório musical era variado? O ensino era obrigatório? Era inovador? Oferecido apenas aos fiéis?

Os protestantes receberam apoio dos Republicanos e Liberais, que buscavam inovações na Educação. Devido a esta receptividade e do clima de mudança e de transformação pelo qual passava o Brasil, os missionários se empenharam na expansão das escolas e prosseguiram providenciando a vinda de novos professores. Os colégios americanos ofereciam seus serviços à sociedade brasileira, não fazendo restrições quanto às crenças religiosas ou classes sociais. Esta questão foi ressaltada por Hilsdorf (1977, 1986, 2000), ou seja, que os grandes colégios eram abertos para alunos “de fora”, principalmente mulheres, tendo ainda a característica de serem implantados e dirigidos por mulheres. Introduziram o ensino misto, com meninos e meninas na mesma classe; os métodos concretos; a escola diária e o ensino seriado ou graduado, aonde os temas iam sendo revistos e aprofundados em cada série. Esta idéia de “colégios abertos” trazida por Hilsdorf tem sido apoiada por outros estudos, como é o caso de Esther Fraga Vilas-Boas Carvalho do Nascimento, que estuda a atuação dos missionários presbiterianos em solo brasileiro.

Pudemos então observar, pela bibliografia, que os colégios protestantes atraíram os filhos dos republicanos e liberais, que apresentavam anseios de modernização. Os grandes

colégios protestantes apresentaram cursos para todos os segmentos, desde o Jardim da Infância, até o Curso Normal, onde professores eram preparados para exercerem o magistério. Alguns ofereceram até mesmo o ensino superior, como é o caso do *Mackenzie College* e do *Colégio Piracicabano*.

Ramalho (1976, p.76) nos auxilia nesta compreensão:

Nas primeiras décadas do século XX, esses cursos estão sujeitos a pouca regulamentação e orientação governamental, propiciando dessa forma: maior autonomia e flexibilidade na organização do currículo; introdução de novos experimentos pedagógicos; possibilidades amplas de aplicação de diferentes práticas de ensino; e campo aberto para a influência cultural. E, naturalmente, essas condições são extremamente favoráveis à implantação de colégios que chegam com orientação e filosofia educacional diversas das existentes na época, no Brasil.

Portanto, a fundação das escolas pelas missões protestantes representava uma resposta às necessidades dos imigrantes, trazia inovações pedagógicas que já haviam sido testadas, despertava para as questões políticas e culturais, ao mesmo tempo servia também como elemento de penetração na sociedade brasileira e como meio de propagação indireta das atividades de evangelização.

Como visto anteriormente, os missionários protestantes ao chegarem ao Brasil, se preocuparam com o analfabetismo da população, que existia em grande escala: eles entendiam que era de fundamental importância que os novos convertidos tivessem condições de ler a Bíblia.

Hilsdorf (1977) aponta que na década de 1840-50 havia um grave problema de “despovoamento das escolas”, o nível do ensino era baixo, o salário dos professores muito reduzido e o mobiliário escolar inadequado. Em São Paulo, nesta época, caminhavam lado a lado o ensino público e o particular, sendo a fiscalização feita pelo estado. No entanto, a instrução não era encarada como tarefa exclusiva do estado.

Nascimento (2004, p. 146-7) nos auxilia na compreensão desta questão:

À constatação do alto índice de analfabetismo, [os primeiros missionários] observaram que precisariam oferecer à população protestante um sistema educacional alternativo, para que o convertido fosse capaz de, pelo menos, ler a Bíblia, o livro de hinos (pois a música era um forte elemento conversionista) e outras literaturas religiosas; ou ainda de escrever atas, registro de batismos ou casamentos, sendo indispensável que ele tivesse um mínimo preparo intelectual para a sua integração no grupo.

Surgem, então, as escolas paroquiais, implantadas juntamente com as igrejas. Hilsdorf (1977), Nascimento (2004) e outros historiadores da educação protestante informam que os

primeiros missionários presbiterianos ofereceram o ensino de ler e escrever às suas comunidades nessas escolas paroquiais; e entendiam que nas principais cidades brasileiras deveriam ser organizados os grandes colégios, denominados por Hilsdorf (1977) como colégios abertos, por receberem pessoas de diferentes confissões religiosas, as quais “mesmo que não se convertessem ao protestantismo, poderiam ser tolerantes à nova religião” (NASCIMENTO, 2004, p. 147).

Outro autor, Mendonça (1995, p. 97-99), um estudioso do campo da Ciência da Religião, também compreende que, mesmo antes dos salões de culto já funcionavam as escolas nas casas e aponta que o analfabetismo era um empecilho ao aprendizado da doutrina protestante, pois era importante que os fiéis lessem a Bíblia. Outra razão apresentada por Mendonça para a necessidade de alfabetização era o fato de os cânticos dos hinos exigirem uma leitura rápida. Enquanto as pessoas não se encontravam aptas para a leitura, a técnica de memorização foi largamente utilizada. Diante do exposto cabe um questionamento: não teria sido a prática da memorização, muito utilizada numa sociedade oralizada, como a da época, um fator que dificultou aos fiéis a frequência a essas escolas paroquiais? Sendo esta, talvez, uma razão para o seu desaparecimento na historiografia?

Mendonça (1995, p. 100-109) sustenta as afirmações dos historiadores de que os métodos americanos nas escolas paroquiais e nos colégios eram superiores aos tradicionais usados no Brasil, o currículo divergia da escola tradicional e apresentava a introdução de várias novidades, entre elas as execuções musicais e canto ao piano. Traz ainda a citação “havia cântico de hinos sagrados durante a aula”, retirada do livro “A história da igreja presbiteriana no Brasil” de Júlio A. Ferreira (1959, p. 44).

Diante do que foi exposto anteriormente, podemos afirmar que a música estava presente nas escolas paroquiais através dos cânticos de hinos sagrados. Hack (2003, p. 22), também do campo da Ciência da Religião, em seu livro “Raízes Cristãs do Mackenzie e seu perfil confessional” apresenta:

As escolas acompanhavam as igrejas com o intuito de instruir o povo, os excluídos da sociedade brasileira, mas também alcançaram os objetivos religiosos. Além das primeiras letras ensinavam-se a Bíblia e o Breve Catecismo, com as doutrinas em forma de perguntas e respostas de fácil compreensão e assimilação. Também as escolas deviam iniciar os trabalhos com cultos diários. Os cultos ofereciam cânticos bíblicos ou de cunho doutrinário e também orações e uma explicação do texto bíblico escolhido para o dia.

As informações apresentadas por Hack (2003) sobre as escolas paroquiais foram retiradas dos relatórios pastorais que os missionários enviavam anualmente aos concílios

eclesiásticos e afirma que “a alfabetização passou a ser estratégia para a propaganda do protestantismo num Brasil semi-analfabeto do século XIX” (p. 23).

Observamos que as escolas paroquiais implantadas pelos missionários eram gratuitas, mais direcionadas aos adultos, tendo por ênfase a leitura da Bíblia. Havia pouca escrita, o catecismo era formulado com perguntas e respostas, que poderiam ser memorizadas, possibilitando uma fácil assimilação das doutrinas. Os cânticos sagrados eram na língua vernácula e também tinham a função de ajudar na assimilação das doutrinas. Este modelo das escolas paroquiais tinha um caráter mais precário, ou seja, era pouco institucionalizado e se apresenta tal como nas escolas elementares defendidas por Lutero.

Hack (2003, p.20), também entende que a situação educacional era preocupante e que os protestantes investiram em educação.

A realidade brasileira na área educacional, quando da chegada dos norte-americanos, era precária e preocupante, por isso o interesse imediato dos missionários pioneiros em estabelecer escolas junto às suas comunidades eclesiais ou igrejas. Os grupos denominacionais presbiterianos, metodistas e batistas investiram muito em educação, acreditando na formação cultural do povo brasileiro com princípios morais e éticos do ponto de vista protestante.

Apesar de nos valermos das informações trazidas por Hack (2003), é preciso certa cautela ao utilizá-lo como referência, pois frequentemente observa-se certa confusão de entendimento entre “escolas paroquiais” e os grandes colégios em suas análises.

Mendonça (1995, p. 81-96) avança no entendimento, ao informar que a luta dos protestantes por um espaço religioso na sociedade brasileira perpassa o polêmico, o educacional e o proselitista. A estratégia missionária de evangelização permeia o campo educacional: do ponto de vista instrumental, encontram-se as escolas paroquiais e do ponto de vista ideológico, os colégios americanos ou grandes colégios. Apresenta a idéia que os missionários norte-americanos cumprem um duplo papel: de evangelistas e professores. Destaca que, entre os missionários, havia especialistas em educação escolar, principalmente mulheres e algumas destas alcançaram reconhecimento na educação brasileira, como é o caso de Carlota Kemper, Márcia Brown e Martha Watts. Assim, esse autor percebe que as escolas paroquiais eram estratégias de proselitismo religioso, ao passo que os grandes colégios foram criados sem a perspectiva da difusão do evangelho reformado, mas para tornar conhecida sua visão de mundo. Nesse aspecto este autor retoma o que dissemos anteriormente com base em Hilsdorf.

Neste momento aproveitamos para esclarecer que, optamos por não trabalhar com as “escolas paroquiais” pela escassez de fonte e dificuldade de material acessível, mas observaremos como se dá a presença da música nos grandes colégios, que foram implantados posteriormente.

Ramalho (1976, p. 70-1), fazendo uma reflexão a partir do campo da sociologia da educação, matiza a questão do entendimento que os protestantes traziam sobre educação e aponta que foi difícil para os missionários que introduziram o protestantismo no Brasil, fazer uma delimitação entre a sua prática educativa, apresentada através de seus colégios, e a prática religiosa, uma vez que se apresentavam como propagadores de uma nova ênfase cristã, compósita, complexa, pois a própria concepção de vida passava pelo ideal religioso reformado.

Mas o problema da educação para os missionários tem um sentido mais totalizante: ultrapassa os limites de uma expressão evangélica, engloba-se em uma concepção de vida. Para a tradição do protestantismo americano, religião, democracia política, liberdade individual e responsabilidade são concebidas como parte de um todo, que está sendo envolvido por uma inflexível fé na educação. [...] A discussão sobre a natureza da educação e, mais objetivamente, sobre o relacionamento dos colégios protestantes com a obra evangelística propriamente dita, está sempre presente nos círculos protestantes. Traz muita controvérsia e causa até dissensões. Na formação ideológica dos missionários encontram-se dois elementos que simultâneos, produzem ambigüidades: de um lado estão os princípios liberais que afirmam a liberdade de crença; do outro, as ênfases religiosas que privilegiam o ardor evangelístico tão necessário à expansão de uma nova visão religiosa em ambiente, de certa forma, hostil.

Gostaríamos ainda de chamar a atenção para algumas considerações sobre o aparecimento das escolas americanas de confissão protestante na Província de São Paulo que atestam o quanto o compromisso com uma renovação educacional e o uso de recursos materiais (os prédios próprios com modernas aparelhagens, professores especializados, enfim, a eficiência e seriedade no trabalho) eram necessários (ou suportes) para que a evangelização indireta, via educação escolar dos “colégios abertos” fosse reconhecida pela sociedade paulista.

Com relação aos edifícios escolares que foram construídos, bem como de suas modernas instalações e aparelhagens, voltaremos a estes aspectos mais à frente, trazendo novas informações sobre estas questões, além da atuação dos professores que eram muito bem preparados.

Quanto à renovação educacional e inovações apresentadas no ensino, Hilsdorf (1977, p.45) conclui que “não foram nem as escolas públicas nem as confessionais católicas, mas as

americanas de confissão protestante, as que vieram consagrar, com sua ação, a mentalidade científica da época”.

Como vimos no Primeiro Capítulo, Lutero dava grande valor à música e ao utilizar-se da música nas escolas também procurava prover a música para a Igreja. Surge outra questão: será que isso continuaria acontecendo? A música seria utilizada como evangelização indireta?

Outro aspecto observado nas escolas americanas de confissão protestante, é que os professores que nelas atuavam eram especializados, tinham boa formação e grande experiência no magistério. Além disso, preocupavam-se também com a formação de novos professores

Quanto aos professores, a presença desde o início das atividades escolares, de pessoal especializado para o magistério, credenciava os colégios protestantes americanos quanto à eficiência e seriedade de seu trabalho. Em particular, a vinda de “schoolmarms” professoras missionárias diplomadas nos Estados Unidos e freqüentemente com vários anos de experiência no magistério público e particular, foi uma constante: miss Martha Watts era formada pela “Escola Normal” de Louisville; miss Ella Granbery, pelo Wesleyan Methodist Institut, da Geórgia; miss Mary P. Dascomb, da “Escola Americana” fez seu curso universitário no “Oberlin College”, de Ohio; enquanto que sua companheira, miss Elmira (Ella) Kuhl diplomou-se pelo “Women’s College”, de Bordentown, New Jersey. (HILDORF, 1977, p. 164)

Vimos no primeiro capítulo que a música continuava sendo valorizada na igreja com o objetivo de auxiliar na fixação das verdades bíblicas desde os tempos da Reforma Protestante. Levantamos a hipótese que também continuava presente na escola de origem protestante. Como visto anteriormente, Ferreira, Mendonça e Hack apontam a presença da música nas escolas paroquiais. Veremos a seguir como a música estava inserida nos grandes colégios. Quais eram seus usos? Quais as práticas? Aparecia como disciplina?

Dos muitos colégios que surgiram nos principais centros em todo o Brasil em um curto espaço de tempo, destacamos três, instalados em São Paulo, para a realização da nossa pesquisa. São eles: a Escola Americana de São Paulo, hoje Universidade Presbiteriana Mackenzie, organizada pelos presbiterianos em 1870; o Colégio Piracicabano, hoje Universidade Metodista de Piracicaba, fundado pelos metodistas em 1876 e o Colégio Progresso Brasileiro, hoje Colégio Batista Brasileiro, dirigido por missionários batistas a partir de 1902.

A justificativa da escolha se dá por serem os primeiros colégios das três Denominações Históricas, por continuarem suas atividades até os dias de hoje e por fazerem parte de diferentes denominações protestantes. Alguns colégios surgiram antes ou

concomitantemente a estes, mas não permaneceram. Um caso que poderíamos citar é o do Colégio Internacional, fundado por George Nash Morton.

Queremos ressaltar que mesmo permanecendo em funcionamento até os dias de hoje, foi bastante complicado chegar às fontes, pois os arquivos históricos destes colégios encontram-se em fase de organização ou de digitalização dos materiais, não sendo permitido consultá-los.

A seguir, apresentaremos as atividades musicais desenvolvidas nestes três colégios. Para tanto, faz-se necessário trazer também um pouco da história de cada instituição com o objetivo de localizar as atividades musicais dentro do contexto educacional. A seqüência apresentada não significa maior ou menor grau de importância dos colégios, mas optamos por destacar alguns temas e como foram vistos em cada uma das instituições, respeitando a cronologia.

2.1. Escola Americana

2.1.1 Breve Histórico

A Escola Americana de São Paulo, hoje Universidade Presbiteriana Mackenzie, foi organizada pelos missionários presbiterianos. A Igreja Presbiteriana estabeleceu-se no Brasil, com a vinda do missionário norte-americano Ashbel Green Simonton, que chegou ao Rio de Janeiro em 12 de agosto de 1859.

Matos (2004), historiador da Igreja Presbiteriana, assim informa:

A implantação da obra presbiteriana no Brasil resultou dos esforços de igrejas norte-americanas, que ao longo de muitas décadas fizeram um enorme investimento de pessoal e recursos em muitos pontos do território brasileiro. A Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos da América do Norte (PCUSA), a Igreja do Norte, cuja Assembléia Geral foi organizada em 1789, criou sua Junta de Missões Estrangeiras, sediada em Nova York, em 1837. Dentro de poucos anos essa Junta enviou missionários para a Índia Tailândia, China, Colômbia e Japão.

O Brasil foi o sexto país a receber missionários da Junta de Nova York, começando com o pioneiro Ashbel Green Simonton, que chegou ao Rio de Janeiro, então a capital do império em 1859. (MATOS, 2004, p. 13)

Simonton recebeu reforços para a realização do trabalho e em julho de 1860 chegaram ao Brasil o Rev. Blackford e de sua esposa Elizabeth, irmã de Simonton. Foram designados para São Paulo e em 1863, Blackford iniciou um trabalho na Rua da Constituição, hoje Florêncio de Abreu.

Segundo Matos (2004, p. 28-9) muitas foram as contribuições de Simonton para a implantação do presbiterianismo no Brasil, sendo a última delas a criação de um seminário teológico, em maio de 1867, na cidade do Rio de Janeiro. “Essa modesta instituição funcionou por apenas três anos, mas formou quatro notáveis pastores nacionais: Antonio Bandeira Trajano, Miguel Gonçalves Torres, Modesto Perestrello Barros Carvalhosa e Antonio Pedro Cerqueira Leite”.

Kerr e Kerr (2003, p. 13-4) informam que “Nesse seminário, iniciou-se também o ensino musical para os futuros pastores que iriam conduzir a atividade missionária dos presbiterianos”. Informam também que “as aulas de solfejo¹ foram as primeiras a serem criadas”, pois os pastores deveriam “receber algum treinamento musical”. Entendemos que era muito importante que soubessem música, pois teriam a missão de conduzir os fiéis com os cânticos. Como vimos no primeiro capítulo, esta era uma prerrogativa de Lutero, que entendia que se um estudante não soubesse música, não era digno de ser pastor.

Kerr e Kerr nos informam também sobre o início das atividades corais nas Igrejas Presbiterianas em São Paulo:

Antonio Pedro Cerqueira Leite, então aluno do seminário, passou a ser, ao mesmo tempo, um de seus professores de música. Foi ele não apenas um dos pastores formados na primeira turma daquele seminário como o organizador do primeiro coral evangélico no Brasil, na Igreja Presbiteriana de Sorocaba, em 1876. Em 1879, o recém nomeado pastor da Igreja de Brotas, reverendo Zacarias de Miranda que era músico de reconhecida competência, organizou o primeiro coral naquela igreja. Em 1887, formou-se um grupo coral na Igreja Presbiteriana de São Paulo (...) orientado pela organista Miss Mary Parker Dascomb. A partir desses, foram se formando corais em praticamente todas as igrejas que foram sendo estabelecidas, a ponto dessa atividade tornar-se, ao lado do canto congregacional, uma das marcas dos evangélicos no Brasil.

Neste período, no Brasil, a Igreja Católica era oficializada e as outras religiões eram apenas toleradas. Não era permitida a construção de templos fora da religião oficial, e as reuniões de pessoas que pertenciam a outras religiões deveriam acontecer a portas fechadas. Em São Paulo o desenvolvimento da cidade se deu em uma área construída em volta do Pátio do Colégio e a cidade sofre várias transformações significativas: ascende à posição de

¹ Segundo o Dicionário Musical de Frei Pedro Sinzig (1976), “Solfejo: notas escritas para exercício de leitura e canto” e “Solfejar: ler a música, pronunciando os nomes das notas”.

metrópole regional, torna-se palco de projetos políticos, as mudanças econômicas promovem a intensificação das relações culturais. Outras mudanças nos planos cultural, social, educacional, político e econômico também estão presentes neste momento.

Foi logo após a Guerra da Secessão (1861-1865) que o casal Chamberlain deixou os Estados Unidos, vindo ao Brasil para atuar como missionários. Mary Ann Annesley Chamberlain era esposa do Rev. George Whitehill Chamberlain, possuía sólidos conhecimentos pedagógicos e veio para o Brasil em setembro de 1868.² Eles ficaram um ano no Rio de Janeiro, onde Chamberlain substituiu ao Rev. Blackford e em 6 de outubro de 1869 chegaram em São Paulo, tendo Chamberlain assumido o pastorado da Igreja Presbiteriana.

[Fig. 3]

Matos (2004, p. 49) traz a seguinte informação:

Em 1870, em sua residência à Rua Visconde de Congonhas do Campo, nº. 1, o casal Chamberlain iniciou a Escola Americana. Uma hora por dia, Mary Ann passou a dar aulas a meninas que não podiam frequentar as escolas públicas por causa da intolerância religiosa. No ano seguinte, a escola passou a ocupar as instalações da igreja, na Rua Nova de São José, nº. 1 (atual Líbero Badaró), sob a direção da missionária Mary P. Dascomb, que também lecionava matemática. Os outros mestres eram Mary Ann Chamberlain (música e francês), Harriet Greenman (inglês, caligrafia e conhecimentos gerais), Júlio Ribeiro (português), Palmira Rodrigues (história) e Adelaide Molina (geografia).

Segundo Garcez (1970, p. 21) e Matos (2004, p. 49), a sra. Chamberlain foi motivada a receber as primeiras alunas brasileiras em sua casa. [Fig. 4] Diante desta motivação aproveitou para colocar em prática seus conhecimentos adquiridos nos Estados Unidos.

A “escolinha”, como era então denominada, adotou logo os métodos educacionais americanos, e as alunas viram o ensino decorado e pronunciado em voz alta (cantado) ser substituído pelo estudo intuitivo e silencioso. Desprezou-se o sistema do “debucho” pelo qual o professor escrevia a lápis para o aluno recobrir com tinta. Baniu-se o castigo físico que apavorava a criança (...). A aula passou a ser um momento agradável para aquelas meninas, e despertou nelas, um interesse para o aprendizado até então desconhecido nas escolas públicas do Império. (GARCEZ, 1970, p. 22)

Laguna (1999, p. 30) traz na íntegra uma matéria publicada no Correio Paulistano, do dia 20 de agosto de 1872, copiada do original filmado, apresentando a importância da “Escola Americana”. Transcrevo o início da matéria:

² George já havia estado no Brasil anteriormente, em caráter particular, por recomendação médica. Era licenciado pelo Inspetor Geral da Instrução Pública da Província para atuar como professor particular de inglês. Além disso, ajudou ao Rev. Blackford nos trabalhos de evangelização.

ESCOLA AMERICANA

Denominaríamos assim a importante escola para meninos e meninas fundada nesta capital, à Rua São José nº. 1, pelo pastor evangélico presbiteriano Sr. Chamberlain, da qual vamos dizer duas palavras a propósito dos exames havido ali recentemente.

Nesta ocasião a escola já ocupava as instalações da igreja, pois o endereço é o mesmo: Rua São José, nº. 1. Em 1878 a escola mudou para a Rua São João esquina com a Ipiranga [Fig. 5], onde permaneceu por mais 40 anos.

É interessante observar que a Escola Americana surgiu com os mesmos ideais das escolas norte-americanas, porém, com as devidas adequações à realidade brasileira. Em 05 de agosto de 1880, “A Província de São Paulo” publicou o seguinte anúncio: “A escola está organizada sob o mesmo plano que as escolas públicas de Nova York e o curso de estudos de cada ano, tanto quanto permitem as diversas circunstancias dos dois países é o mesmo”.

O Rev. Chamberlain buscava uma escola em que meninas e meninos trabalhassem juntos, em que os professores fossem bem preparados e apresenta à Junta um plano educacional. Como primeiro tema deste plano levanta a questão dos métodos pedagógicos a serem adotados. Propõe que o sistema de ensino seja o Americano, pois a experiência feita por Mrs. Chamberlain em sua casa, usando a metodologia norte-americana, havia sido bem sucedida.

Outro ponto destacado por Chamberlain era quanto aos programas de ensino. Ficou estipulado que o programa de ensino da Escola Americana seria desenvolvido em compêndios próprios, escritos em português e baseados nos métodos americanos. Hilsdorf (1986, p. 127-8) informa que João Köpke escreveu o método para o ensino de leitura, intitulado *Método Racional e Rápido para aprender a ler sem soletrar* (Paris, Garraux, 1879) para uso dos alunos da *Escola Americana* de São Paulo “com a finalidade de substituir os tradicionais silabários”.

A partir de então os professores da Escola Americana passaram a produzir o material didático que seria utilizado pelos estudantes. Conseguimos localizar alguns destes livros no Arquivo Particular de Fred Lane e no Arquivo Histórico Presbiteriano, como é o caso da *Gramática* de Júlio Ribeiro, da *Gramática Expositiva* (1906) e *Gramática Histórica* (1916) de Eduardo Carlos Pereira, da “*Série Braga*” que era um conjunto de livros didáticos para a escola primária, escritos por Erasmo Braga, e do livro *Resumo da História do Brasil*, de Maria Guilhermina Loureiro de Andrade. Esta obra foi editada pela Ginn and Company, Boston, EUA, é uma edição ampliada e o Copyright é de 1887, 1894, 1920. Traz a seguinte observação: “Desejando despertar nos corações dos meninos brasileiros o amor pelas coisas

pátrias, ofereça-lhes este opúsculo sobre História do Brasil, no qual seguiu o método do Professor G. W. Pockels, seu venerável mestre, A Autora”.

No entanto, não foi possível localizar algum livro específico para o ensino da música.

Hilsdorf (1986, p. 206-7) apresenta a relação de outros livros. A missionária, Sra. Magalhães, elaborou as *Lições Elementares da Língua Inglesa* e Adelaide Molina escreveu a pequena *Gramática Preparatória para uso da Escola Americana em São Paulo*. Antonio Bandeira Trajano escreveu a *Série Aritmética*, que foi muito divulgada nas *Sessões Livres* do *Jornal Província de São Paulo*.

Em dezoito de julho de 1885 é feito o pedido de registro da Escola Americana na Inspeção Geral da Instrução Pública por Chamberlain.

Horace Lane sucedeu a Chamberlain na direção da Escola Americana e do Mackenzie College. Sob sua orientação os ideais de educação são ampliados. Hilsdorf (1986, p. 207) afirma que “Horace Lane graduou o curso de estudos da Escola Americana em 3 classes de nível elementar e 4 séries secundárias, além do Kindergarten e da classe de ensino normal”.

Além de imprimir suas marcas na Escola Americana, contribuiu também para as reformas no ensino na cidade de São Paulo. “Mais para o final da década de 80 e no decorrer da década de 90, Horace M. Lane, o novo diretor da Escola Americana terá um papel relevante na implantação das reformas republicanas da instrução pública, as quais deveram às escolas americanas de confissão protestante, em muito, sua inspiração e sua execução” (HILSDORF, 1986, p. 191).

Já havíamos destacado este aspecto, mas agora apontamos que dentre os republicanos que prestigiaram a Escola Americana colocando seus filhos para estudarem nela estão as seguintes famílias: Carvalho Braga, Carvalhosa, Cerqueira Leite, Campos Sales, Prudente de Moraes, Rangel Pestana, Souza Barros, entre outras.

A pedagoga Marcia Percy Browne, que atuava na Escola Americana como dirigente da Escola Normal, e outras quatro professoras treinadas por ela e pelo Dr. Lane serviram o Estado de São Paulo na reforma de seu sistema educacional, nomeadas mediante lei especial.

Não sabemos se Rangel Pestana exerceu atividades docentes na *Escola Americana*; sabemos, isto sim, que tinha ligações estreitas com Horace Lane e que confiava em sua competência pedagógica. Segundo um testemunho de J. L. Rodrigues, largamente referido, foi Lane quem apresentou a Rangel Pestana aquela que seria responsável pelos trabalhos de organização das escolas-modelo da rede pública do Estado, criadas pela Reforma de 1890, a professora Miss Márcia P. Browne. Sua companheira de trabalhos, Maria Guilhermina Loureiro de Andrade, também foi indicada por Lane, que conhecia sua formação americana – era graduada pela *Normal School* de Nova York – e seus trabalhos no famoso *Colégio Aquino* do Rio de Janeiro (HILSDORF, 1986, p. 208-9)

Miss Brown orientou o ensino primário e normal do Estado de São Paulo durante a sua implantação, tendo organizado e dirigido três escolas-modelo na capital paulista, a Escola Modelo Caetano de Campos, anexa à Escola Normal e as escolas-modelo do Carmo e da Luz. Dr. Lane era Consultor Educacional do Governo. “Em março de 1896, após 6 anos de eficiente cooperação na organização do ensino público em São Paulo, Miss Brown retirou-se para os Estados Unidos” (GARCEZ, 1960, p. 141).

Segundo Hilsdorf (1977, p. 181), “além de pessoal especializado, a Escola Americana forneceu ao estado paulista, ao longo dos anos de implantação da reforma, e muitas vezes graciosamente, o material adequado ao ensino intuitivo”.

Informamos que os nomes dos professores que foram mencionados aqui serão trazidos no próximo tópico com novas informações a respeito de suas atividades docentes.

2.1.2. Professores

Como visto anteriormente, os professores da escola americana, de maneira geral, eram especializados, tinham boa formação e grande experiência no magistério.

Garcez (1970, p. 38) apresenta a primeira Diretoria da Escola Americana, em 1872:

Diretor.....	Rev. George Chamberlain
Diretora interna.....	Miss Mary Dascomb auxiliada pela professora Palmyra Rodrigues
O corpo docente foi constituído como segue:	
Matemática.....	Miss Mary Dascomb
História.....	Prof. Palmyra Rodrigues
Geografia.....	Prof. Adelaide Molina
Francês e Música.....	Senhora Mary Annesley Chamberlain
Inglês.....	Miss Harriet Greemann
Português.....	Prof. Júlio Ribeiro
Caligrafia e Lições de Coisas.....	Miss Greemann

Mary Ann Chamberlain possuía sólidos conhecimentos pedagógicos adquiridos nos Estados Unidos e colocou-os em prática ao iniciar as atividades da Escola Americana em sua própria casa. Depois com a chegada de Mary Park Dascomb, que veio para assumir a direção interna da escola, Mery Ann dedicou-se ao ensino de música e francês.

Mary Parker Dascomb foi a primeira missionária educadora enviada ao Brasil pela Junta de Missões Estrangeiras de Nova York. Formou-se no Oberlin College, em Ohio no ano de 1860, veio ao Brasil pela primeira vez em 1866, como professora dos filhos de James Monroe, que era presbiteriano, cônsul americano no Rio de Janeiro e havia sido professor em Oberlin. Em 1869 Miss Dascomb retornou ao Brasil, como missionária. “Trabalhou inicialmente no Rio de Janeiro, na escola para meninos e meninas anexa à igreja do Rio, e depois, por algum tempo em Brotas [...]” (MATOS, 2004, p. 67)

Segundo Matos (2004), baseado em um relatório do Rev. Chamberlain, Miss Dascomb assumiu a direção da escola em 1871 e contou com a colaboração dos seguintes professores: Mary Ann Chamberlain (música e francês), Harriet Greemann (inglês, caligrafia e conhecimentos gerais), Júlio Ribeiro (português), Palmira Rodrigues (história) e Adelaide Molina (geografia). Observa-se que desde o início da escola havia professores norte-americanos e brasileiros trabalhando conjuntamente.

Além da atuação de Mary Parker Dascomb como diretora interna e professora de matemática, tomamos conhecimento de sua formação musical, pois colaborou com o Rev. Chamberlain como organista da Igreja.

Desde 1876 até o final de 1883, a Igreja Presbiteriana de São Paulo reuniu-se na “Sala Grande” da Escola Americana, na Rua de São João. Em suas “Reminiscências” publicadas em *O Estandarte*, o Dr. Antonio Gomes da Silva Rodrigues, que freqüentou a igreja naquela época, informa que o harmônio no qual a professora Dascomb tocava os hinos ficava ao lado direito de quem entrava. A missionária continuou a tocar o pequeno harmônio no novo templo da Rua 24 de Maio, inaugurado no dia 06 de janeiro de 1884, sendo os hinos cantados em uníssono pela congregação (MATOS, 2004, p. 69).

Além da atividade instrumental que exercia como organista, Miss Mary Dascomb foi responsável também pelas atividades corais: “Em 1887, formou-se um grupo coral na Igreja Presbiteriana de São Paulo, que congregava a rua Vinte e Quatro de Maio, orientado pela organista Miss Mary Parker Dascomb” (KERR; KERR, 2003, p.14).

Valemo-nos novamente da matéria publicada no Correio Paulistano, do dia 20 de agosto de 1872, trazida por Laguna (1999) para apontar a maneira como os professores tratavam os alunos:

E cumpre notar que naquela escola não há castigos corporais; o agradável zelo dos professores, a freqüente distribuição de pequenos prêmios e também a notável emulação entre meninos e meninas que tanto recomenda as escolas mistas são ali os grandes incentivos para a aplicação e aproveitamento dos alunos. Encontra-se ali o ideal americano: escola mista, regida por mulher.

Uma distinta senhora, D. Palmyra Rodrigues, moça brasileira, de cultivada ilustração, é quem rege a escola aludida, auxiliada por dois hábeis professores, Srs. Trajano e Menezes.

Nesta matéria encontramos o nome de três professores: D. Palmyra Rodrigues e os Srs. Trajano e Menezes. A partir de Matos (2004), que traz informações biográficas detalhadas em seu livro, *Pioneiros Presbiterianos do Brasil*, foi possível localizar os nomes do Rev. Antonio Bandeira Trajano e do Rev. Manoel Antonio de Menezes e apresentamos a seguir os trechos que nos apóiam para esta afirmação:

Rev. Antonio Bandeira Trajano
Primeiro pastor nacional da Igreja do Rio de Janeiro

Trajano e seu colega Modesto Carvalhosa foram formalmente recebidos como candidatos ao ministério e licenciados no dia 22 de agosto de 1870, na 6ª reunião do Presbitério do Rio de Janeiro. De setembro a dezembro de 1870, trabalhou em Borda da Mata, Minas Gerais, e depois auxiliou o Rev. Blackford no Rio de Janeiro. Por algum tempo, colaborou com a professora Palmira Rodrigues na Escola Americana, em São Paulo. Casou-se com Olímpia T. de Souza Bertoldo em 8 de março de 1873, em Sorocaba, sendo a cerimônia oficiada pelo Rev. Chamberlain. (MATOS, 2004, p. 316-7)

Manoel Antonio de Menezes
Operoso pastor em Portugal e no Brasil

Mudando-se para São Paulo, foi arrolado por transferência na Igreja Presbiteriana no dia 2 de junho de 1872. Colaborou com a professora Palmira Rodrigues na Escola Americana. Nas férias escolares, auxiliou no campo de Rio Claro o seu futuro sogro, Rev. João Fernandes Dagama.

No *Almanak da Província de São Paulo*, publicado em 1873, encontramos o nome de mais um professor: “As aulas têm sido regidas por D. Palmyra Rodrigues, Antonio B. Trajano, M. A. de Menezes e Antonio Pedro Cerqueira Leite”.

É possível supor que Antonio Bandeira Trajano tenha sido professor de aritmética, pois foi discípulo de Mary Parker Dascomb e “elaborou a famosa *Aritmética Progressiva*, que se tornou célebre nas escolas do Brasil” (MATOS, 2004, p. 68).

Não foi possível distinguir quais as disciplinas ministradas por Menezes, mas é bem possível que tenha sido professor de música, pois foi músico e teve destacada importância para a hinologia evangélica brasileira. Em 1885 publicou um hinário “com 114 cânticos acompanhados das respectivas músicas, *Coleção de Músicas Sacras*, para uso das igrejas evangélicas em Portugal e no Brasil. Alguns desses hinos eram seus e outros foram compilados de outros hinários. Muitos hinos dos atuais hinários evangélicos têm as suas iniciais” (MATOS, 2004, p. 350-1). No hinário *Salmos e Hinos* os números 121, 141, 204,

265, 306, 356, 440, 484, 498 e 567 as letras são de sua autoria ou receberam a tradução realizada por ele.

Um aspecto que chamou nossa atenção é o fato da matéria do Correio Paulistano indicar o nome de apenas três professores, enquanto Matos (2004) apresenta os nomes de Mary Ann Chamberlain, Harriet Greenman, Júlio Ribeiro, Palmira Rodrigues e Adelaide Molina.

Sobre a prof. Palmyra Rodrigues, sabe-se que a princípio atuou como professora de História, e auxiliou Miss Dascomb na direção da escola, mas depois, segundo Hilsdorf (1977, p. 167), atuou também como professora de música. Matos (2004, p. 324-30) nos informa que ela era dotada de grande talento musical, sendo exímia pianista. Em 18 de setembro de 1873 casou-se com o Rev. Antonio Pedro de Cerqueira Leite, na residência do Rev. Chamberlain, e após o casamento deixou de lecionar na Escola Americana, onde atuara como professora desde 1872, transferindo-se para Sorocaba com seu esposo.

Em nosso Exame de Qualificação, o Prof. Samuel Kerr, que participou da Banca Examinadora, trouxe a informação de conversas que teve com o bisneto de D. Palmyra, George Zarur, contando que ela era filha de portugueses e que seus pais a enviaram para estudar na Inglaterra, onde teve sua formação como pianista. Quando voltou ao Brasil, veio com os conhecimentos protestantes, que não foram aceitos por seus pais. Palmyra, então, passou por momentos difíceis. Certo dia, ao caminhar pela rua, sua atenção se voltou para a música que era executada na igreja presbiteriana. Depois de algum tempo filiou-se à Igreja Presbiteriana, tendo sido acolhida pelo casal Chamberlain, e passou a lecionar na Escola Americana. (Informação pessoal)³.

Samuel Kerr em seu livro “A história da atividade musical na Igreja Presbiteriana Unida de São Paulo: uma fisionomia possível” traz mais algumas informações sobre D. Palmira Rodrigues “[...] E fazendo parte do programa, cantava D. Lysenor C. Santos. O boletim dizia ser ela filha do Rev. Antonio Pedro Cerqueira Leite [...]. A voz deveria ter herdado de sua mãe Palmyra Rodrigues, que Antonio Pedro conheceu tocando piano e cantando na Escola Americana em 1873” (KERR, 2000, p. 46).

Em Matos (2004, p.329) encontramos os nomes dos filhos do Rev. Antonio Pedro e Palmyra, sendo Lysenor uma das filhas do casal: “Antonio Pedro e Palmira tiveram sete filhos: Filúvio (morto na infância) Junia, Lisânias, Algina, Lisenor, Jaziel e Nefália”. O Rev. Antonio Pedro faleceu em 1883 e “D. Palmira casou-se em segundas núpcias com o Sr. João

³ Informação fornecida por Samuel Kerr em 18 de março de 2008.

Exel, com quem teve duas filhas: Scintilla e Alísia. Residiu em Mococa (SP) onde fundou o Colégio Americano, e foi professora por muitos anos no Colégio Carlota Kemper, em Lavras”.

Destacamos a informação trazida por Hilsdorf (1977, p. 167), que Palmyra Exel voltou a lecionar na “Escola Americana” em 1887 e era professora de música juntamente com Miss Effie Lenington.

Ainda nas “Reminiscências” do Dr. Silva Rodrigues, encontramos informações sobre mais um professor de música, trata-se de José Zacharias de Miranda e Silva, casado com D. Henriqueta Isaura do Paraíso e Silva, dizendo que ele “lecionava na *Escola Americana* e estudava para o ministério evangélico”. Lessa (1938, p. 142) nos ajuda a entender um pouco mais sobre as atividades desenvolvidas pelo Rev. Zacharias de Miranda: “[...] Sr. José Zacharias de Miranda e Silva, que exercia o ofício de alfaiate e era também músico de profissão. Convertido entregou-se com afincos aos estudos e tornou-se um operoso ministro do Evangelho, vindo a ser o sucessor e continuador de Antonio Pedro”.

Não sabemos ao certo se o Rev. Zacharias de Miranda chegou a ensinar música na Escola Americana, mas foi possível verificar que tinha experiência suficiente para isto, uma vez que havia estudado canto e instrumentos e tinha sido professor-diretor da banda e da orquestra de Itapira. Além disso, ao retornar para São Paulo, durante a fase dos estudos teológicos, ele atuou como músico profissional (violinista) na orquestra do Teatro São José, com o intuito de prover o sustento da família. Segundo informações apresentadas por Matos (2004, p. 337-342) ele lecionou várias matérias na Escola Americana, mas não cita quais foram:

Depois de cursar o secundário, onde estudou gramática, literatura portuguesa, francês, latim e outras matérias, aprendeu o ofício de alfaiate e começou a estudar música (canto e instrumentos, especialmente o violino). [...] Em junho de 1868, na companhia dos sogros, transferiu a sua residência para Penha do Rio do Peixe (Itapira), Província de São Paulo, onde por muito tempo ocupou-se em lecionar música. Converteu-se em Itapira como resultado de uma troca de aulas particulares de francês e música com o futuro pastor Delfino dos Anjos Teixeira, que estava estudando para o ministério e dirigia uma escolinha mantida pelos missionários de Campinas. [...] Zacarias professou a fé na Igreja de Itapira em 10 de janeiro de 1876, sendo batizado pelo Rev. Edward Lane. O fato causou grande comoção na cidade, onde ele era estimado não só pelo povo, mas pelo pároco local, João de Santa Cândida, uma vez que, na qualidade de professor-diretor da banda e da orquestra, era um fator importante nas festas da Igreja. [...] O casal mudou-se para São Paulo em busca de melhores condições de vida [...]. Zacarias estudou teologia com o Rev. John B. Howell na Escola Americana, onde também lecionou várias matérias. Fez os estudos com muita dificuldade, pois ao mesmo tempo trabalhava como alfaiate e músico profissional (violinista na orquestra do Teatro São José) para sustentar a família. [...] Sua esposa muito contribuiu para que levasse a termo a sua preparação. [...] Fixou residência em Brotas em 22 de outubro de 1880. [...] Em Brotas,

organizou um coro misto a quatro vozes, tal como fizera o Rev. Antonio Pedro Cerqueira Leite, um pouco antes, em Sorocaba. Em setembro de 1883, em virtude do falecimento do Rev. Antonio Pedro, Zacarias foi transferido para a Igreja de Sorocaba, tendo também a seu cargo as Igrejas de Guareí e Faxina (Itapeva). [...] na sede, dedicou-se de modo especial ao coral da igreja. Fundou o Colégio Sorocabano, que lhe deu um bom rendimento; deixou, porém, o colégio para atender o seu vasto campo.

Um fato que chama nossa atenção com relação a estes quatro professores da Escola Americana: Antonio Bandeira Trajano, Manoel Antonio de Menezes, José Zacharias de Miranda e Silva e Antonio Pedro Cerqueira Leite é que atuaram como pastores nas igrejas e como professores nas escolas. Principalmente sobre os professores de música, confirmando nosso pensamento sobre a presença da música na igreja e na escola.

Em 1874 acontecem mudanças na diretoria da Escola, o Rev. John Beatty Howell assumiu a Vice-Diretoria em substituição a Robert Lenington e a professora Adelaide Molina Luiza Molina passou a diretora interna em lugar de D. Palmyra Rodrigues.

Segundo Matos (2004, p. 83), em 1877, Howell viajou para os Estados Unidos e casou-se com Elizabeth Hibler Day. Ao regressarem ao Brasil vieram acompanhados pela professora Miss Phebe A. Thomaz, que assumiria a direção do Jardim de Infância, que estava sendo implantado por Chamberlain. Miss Phebe:

Veio a suas próprias expensas para lecionar na Escola Americana, onde implantou o “Kindergarten” (Jardim da Infância), inaugurado em 4 de fevereiro de 1878, do qual foi diretora por muitos anos. Ao que parece, esse foi o primeiro Jardim da Infância implantado no Brasil. Phebe foi também a primeira professora da classe de educação física da Escola Americana (MATOS 2004, p. 440-1).

Mediante informações de Kishimoto (2002, p. 90), pode-se afirmar que o Jardim da Infância da Escola Americana não foi o primeiro, mas o segundo implantado no Brasil.

Desde sua origem, o jardim de infância surgiu no Brasil como instituição que tem o direito e o dever de desenvolver a pedagogia froebeliana baseada no uso de jogos. Essa orientação aparece nos objetivos do Colégio Menezes Vieira, o primeiro estabelecimento a oferecer o jardim de infância no Brasil, em 1875.

(...)

Seguiu o mesmo caminho a Escola Americana, de São Paulo, que em 1877 fundou o seu jardim froebeliano conforme assinala o prospecto da unidade.

Garcez (1970, p. 69) destaca que a iniciativa da criação do Jardim da Infância foi de Chamberlain e que “os jornais da época elogiaram muito esse empreendimento da Escola Americana, extraordinário avanço no sistema educacional brasileiro”. No próximo tópico falaremos mais detalhadamente sobre as atividades musicais do Jardim da Infância.

Miss Phebe Thomas foi também a primeira professora de Educação Física na Escola Americana. Posteriormente recebeu auxílio de outras duas missionárias: Miss S. E. Lobb e Miss Mary Lenington. A partir de 1878 a Educação Física passa a ser obrigatória no Mackenzie.

Elizabeth Day Howell, esposa do Rev. John Beatty Howell, auxiliou na direção do internato feminino da Escola Americana.

Elmira Kuhl, chegou a São Paulo, no final de 1877, para trabalhar na Escola Americana, onde assumiu a direção do Internato Feminino, que se estabelecia na Rua dos Bambus, nº 20. Apresentava grande preparo para a atividade docente e foi companheira de trabalho de Miss Dascomb durante muitos anos.

Elmira Kuhl, conhecida pelos amigos como Ella, nasceu no dia 13 de janeiro de 1842 em Cooper Hill, perto de Flemington, a principal municipalidade do Condado de Hunterdon, em Nova Jersey. Frequentou a escola municipal e, aos dezesseis anos, ingressou no Instituto Presbiteriano de Peekskill, em Nova York, onde ficou apenas um ano. Matriculou-se então no Colégio Feminino de Bordentown, em Nova Jersey, onde fez o curso inteiro em um só semestre. Após novo ano de estudos em outro local, em 1865 o superintendente de escolas deu-lhe permissão para lecionar na escola pública de sua cidade natal, revelando-se ela uma excelente professora. No outono de 1870, abriu uma escola particular na casa de seu pai, escola essa que logo adquiriu grande popularidade. Por algum tempo após a sua formatura no colégio, auxiliara o pai em um empreendimento comercial, obtendo o conhecimento prático que muito contribuiu para o sucesso da sua administração escolar tanto na sua pátria como posteriormente no Brasil (MATOS 2004, p. 86).

Ella Kuhl lecionou nas classes primárias, juntamente com Adelaide Molina, Alexandrina Braga e Mary Ann Chamberlain, no ano de 1878.

Segundo Matos (2004, p. 87), em cartas endereçadas a *The Foreign Missionary* (o periódico de missões da Igreja do Norte dos Estados Unidos), Ella Kuhl informou que em 1878 a Escola Americana estava com 185 alunos, apesar de sofrer forte oposição. Ela “lecionava uma grande classe composta de estudantes franceses, alemães, americanos e brasileiros”. Em outra carta, datada de 27 de fevereiro de 1879, informou que os pais consideravam a escola a melhor da cidade. Neste ano “lecionava inglês, desenho, aritmética, geografia e doutrina cristã”.

Em 1892 seguiu para Curitiba, juntamente com Miss Dascomb, para “dirigir uma filial da Escola Americana, o que fizeram por vinte e cinco anos” (MATOS, 2004, p. 87).

A Escola Americana de Curitiba ocupava um longo terreno nas proximidades do templo presbiteriano. Com frente para a rua Comendador Araújo estava o internato feminino. No outro lado da quadra, defronte à rua Vicente Machado, ficava o imponente edifício do externato. Segundo o historiador David Carneiro, ilustre ex-

aluno de Mary Dascomb e Elmira Kuhl, a instituição não foi mais a mesma após o falecimento das notáveis mestras. (MATOS, 2004, p. 89).

Matos (2004, p. 88) traz informações sobre características de sua personalidade e da maneira como tratava os estudantes: “era calma, quieta, mas alegre, simpática e maternal com os estudantes. [...] Com grande prudência e mansidão, diligente e conscienciosa em seu trabalho, metódica e sistemática nos negócios, possuía grande capacidade administrativa e uma determinação inabalável”.

Segundo Hilsdorf (1986, p. 251), os professores que atuaram em 1884, na Escola Americana, foram: Adelaide Molina, Remígio C. de Cerqueira Leite, Manoel da Paixão, F. R. Schneider⁴ e as Misses Elmira Kuhl e Mary P. Dascomb. Em 1885, além destes temos também Cândida de Cerqueira Leite e Miss Mary Emerson, atendendo a 122 alunos matriculados.

Segundo Garcez (1970, p. 134) o missionário Rev. Dr. William A. Waddell, chegou ao Brasil e, em 1890, iniciou seu trabalho na Bahia, porém depois foi destacado para supervisionar a construção do prédio Mackenzie e em 1896 foi convidado por Lane para organizar e instalar a Escola de Engenharia. Esta seguiu o modelo didático da Union University, de New York. Outros professores deste curso: A. Thiré, Barros Barreto, Henry Everett, R. W. Fenn, Georg Krug, Santos Saraiva, Phillippe Lorenzi, Eduardo Waller e Augustus Farnham Shaw.

Em 1893 o prof. Augustus F. Shaw veio dos Estados Unidos para lecionar no Departamento de Cultura Física do Mackenzie e introduziu o *Basket Ball* no Brasil.

Outro educador de destaque foi o Dr. Horace Lane, que atuou não só como professor, mas também como diretor da Escola Americana e do Mackenzie College.

Destacamos a seguir alguns dados biográficos de Horace Lane, no intuito de facilitar a compreensão de sua trajetória e de trazer à luz suas contribuições no campo da educação.

Horace Lane nasceu em 29 de julho de 1837 em Readfield, Estado do Maine, Nova Inglaterra. Gomes (2000, p. 127) nos informa que Lane “cresceu no Estado de Massachusetts. Descendia, por ambos os lados, de uma família de militares, e era o segundo filho dentre os sete que nasceram do casamento de Rufus King Lane e Lecta Davis. Tinha, ainda, mais sete irmãos, oriundos da primeira união de Rufus King Lane e Ann Vance, falecida em 1828”.

Veio dos Estados Unidos para o Brasil ainda bem jovem. Sua primeira vinda ao Brasil deu-se em 1859, quando atuou como comerciante e lecionou em várias escolas, dentre as

⁴ Segundo Matos (2004, p. 42-6), trata-se do Rev. Francis Joseph Christopher Schneider, nascido na Alemanha, mas naturalizado cidadão norte-americano. Bacharelou-se em Letras no Jefferson College, na Pensilvânia e no Western Theological Seminary, em Allegheny. Foi o terceiro missionário presbiteriano a vir para o Brasil, chegando ao Rio de Janeiro em dezembro de 1861.

quais o colégio do afamado educador João Köpke, em Petrópolis; o Colégio Glória e o Colégio dos Beneditinos em São Paulo. Em 1862 conheceu George W. Chamberlain, logo que este chegou ao Rio de Janeiro e de quem viria a ser colaborador anos mais tarde.

Voltou aos EUA e formou-se em medicina em 1876. Passou a clinicar em Smithfield, condado de Jasper, Missouri. Foi presidente da Sociedade Médica do Condado de Jasper e secretário da Sociedade Médica do Sudoeste do Missouri, sendo também, redator-chefe do periódico de higiene popular “Health at Home” e maçom.

Em novembro de 1884 o Rev. Chamberlain enviou uma carta ao Dr. Horace Lane [Fig. 7] convidando-o para assumir a direção da Escola Americana, pois queria dedicar maior tempo ao trabalho de evangelização. Esta carta encontra-se no Arquivo Pessoal de Fred Lane. Seguiram-se outras cartas até que Lane decide por voltar ao Brasil e embarcou “no dia 3 de julho de 1885, em Nova York, no vapor Finance” (MATOS, 2004, p. 116).

Garcez (1970, p. 97-8) e Matos (2004, p. 116) concordam e afirmam que Lane retornou ao Brasil para assumir a direção da Escola Americana em 1885, atendendo ao convite do Rev. Chamberlain e em 1886 foi formalmente nomeado missionário pela Junta de Nova York.

Segundo Hilsdorf (1986, p. 207), Horace Lane vinha colaborando com a *Escola Americana* desde 1884 e:

em 1887 assumira a direção efetiva do estabelecimento, espelhando a sua competência pedagógica. Figura largamente relacionada nos círculos progressistas da Província por sua adesão às idéias republicanas e liberais e à maçonaria, e por sua liderança nas múltiplas atividades de médico, negociante, empresário e professor que vinha exercendo em São Paulo, Horace Lane era (...) ativo, empreendedor, amigo do progresso, pouco ortodoxo do ponto de vista das doutrinas da sua Igreja – mas, com uma qualidade a mais: largo tino administrativo.

Pelo que entendemos através da informação trazida em nota, esta posição de Hilsdorf se deve ao fato de Horace Lane assinar pela primeira vez, como diretor, os anúncios da *Província de São Paulo* em 9 de janeiro de 1887.

Segundo Garcez (1970, p. 104), “em 1886 o Rev. Chamberlain entregou a direção do Departamento Educacional das Missões Presbiterianas ao Dr. Horácio Lane nomeado pela *Board of Trustees*, de N. York”. A partir de então, Chamberlain se dedicou inteiramente ao trabalho missionário evangelístico.

A posição de Matos (2004, p. 116) é diferente:

No segundo semestre de 1885, a Escola Americana ou Instituto de São Paulo já funcionou sob a direção de Lane. Além de ser o “diretor geral dos estudos”, lecionava inglês, ciências naturais, higiene e fisiologia rudimentares (Catálogo de 1885).

Infelizmente só tivemos acesso à Carta aos Pais, a partir de 1893, e aos Prospectos, a partir de 1894, e por isso não temos uma posição para confirmar qual das informações é a mais precisa.

Matos (2004, p. 116) entende que: “Como experiente educador, bem como profundo conhecedor do Brasil, Lane imprimiu as suas marcas na Escola Americana. Providenciou a formação de professores, o preparo de compêndios para as diferentes disciplinas e a adaptação dos métodos à realidade brasileira”. Observamos também que obteve garantias legais para a instituição e aperfeiçoou suas acomodações.

Encontramos, no arquivo particular de Fred Lane, um pronunciamento de Lane dirigido aos professores, do qual destacamos o seguinte trecho:

O fim principal de uma escola não é ensinar religião. Considerada em sua relação com os cursos de estudo, a instrução religiosa é um instrumento para desenvolver o caráter e dar uma base segura para a educação moral, porém em relação ao aluno é, propriamente, uma finalidade absoluta, dando-lhe, a medida que ele possa compreender, as verdades salvadoras do Cristianismo.

(...)

O nosso alvo é formar o caráter, desenvolver a personalidade, formular um padrão de moral e estabelecer convicções religiosas. (Lane, 1892)

Hilsdorf (1977, p. 114) afirma que este posicionamento de Lane causou divergências entre os presbiterianos, pois os missionários brasileiros, por intermédio do Rev. Eduardo Carlos Pereira e do Rev. Remígio de Cerqueira Leite, opuseram a Lane e aos missionários que o apoiavam, uma vez que entendiam que apenas os filhos de crentes deveriam freqüentar as escolas protestantes americanas.

Hilsdorf (1986, p.208) afirma: “Não sabemos se Rangel Pestana exerceu atividades docentes na Escola Americana; sabemos, isso sim, que tinha ligações estreitas com Horace Lane e que confiava na sua competência pedagógica”.

Segundo Matos (2004, p. 334), além destes atritos, a situação ficou insustentável com o surgimento da questão maçônica e, em 31 de julho de 1903, em uma reunião do Sínodo, Eduardo Carlos Pereira e seus companheiros deixam a Igreja Presbiteriana do Brasil e formam a Igreja Presbiteriana Independente.

Na implantação de novos cursos, Lane cercou-se de bons profissionais, como foi o caso de Marcia Brown, Alfred Cownley Slater, Anfred A. Anderson, entre outros.

Concordamos com Hilsdorf e entendemos que isso se deu devido à sua capacidade de liderança nas muitas atividades que exerceu em São Paulo e por sua grande capacidade administrativa. Horace Lane era um empreendedor e precisava de pessoas capacitadas ao seu lado para pudesse realizar seus projetos e alcançar seus objetivos.

Apresentamos outras atividades desenvolvidas por Horace Manley Lane: fazendeiro, membro da Sociedade Paulista de Agricultura, Membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e da Maçonaria. Quando faleceu foi muito homenageado, tendo o *Correio Paulistano* e *O Estado de São Paulo* registrado suas contribuições como educador.

Segundo Matos (2004, p. 66), Effie R. Lenington, filha do Rev. Robert Lenington, trabalhou para a Missão Norte-Americana, como professora de 1886 a 1903 e depois como missionária de 1903 a 1915. Lecionou na Escola Americana de São Paulo e em sua filial de Curitiba. E sua irmã, Mary Elizabeth Lenington foi professora do Jardim de Infância da Escola Americana de 1886 a 1891. Matos (2004, p. 66) ainda informa que “outro filho dos Lenington, George, lecionou na Escola Americana de 1893 a 1895”.

Em 1886 foram criados o Curso de Comércio e o Curso de Preparatórios. O Curso de Comércio era em caráter experimental, e tinha por objetivo preparar pessoas para ocuparem altos cargos do Comércio Cafeeiro, bem como atender os escritórios das Fábricas de Tecidos. Foi dirigido a princípio pelo próprio Lane, sendo depois assessorado nesta tarefa pelo prof. Alfred Cownley Slater. Slater nasceu em Manchester, Inglaterra e diplomou-se pela Universidade de Leeds. Ingressou no Mackenzie em 1903, a convite de Lane. Álvaro Boccolini, na Revista Comemorativa do Centenário do Mackenzie (outubro de 1970), informa que Slater lecionou por mais de cinquenta anos no Mackenzie e dedicou-se ao estudo das jazidas minerais do país. Foi o organizador do Museu Geológico e organizou inúmeras excursões com seus alunos para que tivessem contato com o solo brasileiro. Entre os muitos trabalhos, destaca-se o que realizou junto às jazidas de xisto betuminoso. Publicou três livros: *Minerais e Minérios, Rochas e Geologia para Engenheiros*.

No próximo tópico (Práticas Musicais) apresentaremos outra informação sobre o prof. Slater, relacionada com a área musical.

Marcia Brown chegou ao Brasil, a convite de Lane, para dirigir a Escola Normal, que se destinava à formação de professoras para a Escola Americana. Ela era professora de pedagogia e foi diretora da Escola Normal de Massachussets. Essa escola foi criada por Horace Mann, educador que influenciou o sistema pedagógico norte-americano.

Segundo Eby (1976, p. 481-2) Horace Mann foi designado para dirigir as escolas públicas de Massachussets, em 1837. Este fato foi muito significativo, pois ele se empenhou

de tal maneira neste trabalho que foi eleito como secretário do Conselho Escolar Estadual no momento de sua implantação. Muitas foram as implantações e reformas defendidas por ele e a “cada ano publicava um relatório discutindo as necessidades do sistema escolar e seu aperfeiçoamento”. Eby traz um resumo das inovações apresentadas por ele, que transcrevemos a seguir:

1. Melhoria de equipamento material: melhores prédios; condições higiênicas de aquecimento, iluminação, ventilação e aparelhos sanitários; bancos e mesas higiênicos; material escolar, tal como: quadros-negros, mapas, esquemas, e assim por diante; e parques mais espaçosos para recreação.
2. Padrões mais altos para formação de professores; escolas normais, institutos e associações de professores.
3. Maior cuidado no exame e seleção de professores.
4. Emprego de maior número de professores de sexo feminino sob pretexto que são, por natureza, mais simpáticos e mais adequados para lidar com alunos de nível elementar.
5. Supervisão mais inteligente da instrução e da disciplina.
6. Colocação de uma biblioteca em cada escola e comunidade; mais livros escritos expressamente para crianças, e mais contato com a História, a Ciência e as artes mecânicas; e o cultivo do gosto das crianças pela leitura.
7. Métodos de instrução aperfeiçoados em todos os campos; leitura devendo começar com o método de palavras, de preferência ao do alfabeto; soletração de palavras de uso comum e não de termos técnicos; e métodos concretos para o ensino de Aritmética, Gramática, Composição e outras matérias difíceis para principiantes.
8. A reunião de pequenos distritos em unidades maiores para economia e melhor supervisão. “Nenhum progresso substancial”, dizia ele, “poderia ser feito enquanto existisse o sistema distrital”.
9. A introdução, no currículo, de Música vocal, História e Geografia, Fisiologia e Higiene e Instrução Moral. A leitura da Bíblia, sem comentários, era igualmente recomendada.
10. Insistência na pontualidade e regularidade na frequência; o recurso da frequência obrigatória.
11. Remuneração mais alta para os professores.
12. Livros de textos uniformes.
13. Promulgação de leis vigorosas contra o trabalho infantil.
14. Um ano letivo maior, sendo necessários dez meses para melhores resultados.
15. Mais escolas secundárias com maior auxílio estadual.
16. O abandono do castigo corporal.
17. Providências para a educação de crianças defeituosas e desamparadas.

Chamamos a atenção do leitor para o fato de que muitas destas inovações foram trazidas pelos educadores norte-americanos para a escola americana implantada no Brasil e destacamos o ponto 9, que apresenta a introdução da Música vocal no currículo escolar. Algumas destas inovações foram levadas também à escola pública, quando da participação de professores norte-americanos que apoiaram a Rangel Pestana, Caetano de Campos e Gabriel Prestes, na reforma do ensino público em São Paulo. Isto aconteceu também na Escola Americana, como veremos mais à frente.

Outro educador que se destacou por sua inteligência e pelos serviços prestados à denominação presbiteriana foi o Rev. Erasmo de Carvalho Braga (1877-1932) e à sociedade paulista. Foi um ótimo organista, sendo inclusive, professor de música no Seminário em Campinas, onde atuou como deão em 1907. Escreveu vários livros didáticos, para a escola primária, que foram utilizados em todo o país. “Foi possivelmente o protestante brasileiro mais culto da sua geração, interessando-se por uma enorme gama de assuntos e envolvendo-se com um grande número de iniciativas úteis para a igreja e para a sociedade” (MATOS, 2004, p. 424).

As pesquisas realizadas no Arquivo Histórico Presbiteriano nos possibilitaram localizar os prospectos da Escola Americana a partir de 1894, bem como os relatórios enviados anualmente aos Estados Unidos, sendo possível relacionar os nomes de professoras de Música e de Canto apenas para os anos de 1904 a 1933. Infelizmente os prospectos anteriores a 1904 não trazem os nomes dos professores. Juntamos às informações dos Prospectos outras informações coletadas ao longo da pesquisa e o resultado, apresentamos a seguir.

Tabela 2 – Professoras de Música e Canto na Escola Americana- 1871 a 1931

Ano	Música	Canto
1871	Mary Ann Anesley Chamberlain	
1897	Palmyra Excel	
1897	Effie Lenington	
1904	Mlles. Philippeaux	
1907	Candinha d'Aubertie	
1908	Candinha d'Aubertie	
1909	Candinha d'Aubertie	
1911	Candinha d'Aubertie	
1914	Candinha d'Aubertie	
1915	Candinha d'Aubertie	
1917	Cecília Freire	
1918	Cecília Freire	Fátima de Mello
1919	Cecília Freire	
1920	Miss Alice Sadler	
1921	Miss Mary Lane	Anésia Camargo
1922	Miss Mary Lane	Anésia Camargo
1923	Miss Mary Lane	Anésia Camargo

1924	Miss Mary Lane Guiomar N. Lagarcha	Anésia Camargo
1925	Miss Mary Lane Guiomar N. Lagarcha	Anésia Camargo
1926	Miss Mary Lane Guiomar N. Lagarcha	Anésia Camargo
1927	Leonidia Vaz Guiomar N. Lagarcha Felicissima S. Barros	Anésia Camargo
1928	Leonidia Vaz Guiomar N. Lagarcha Felicissima S. Barros Miss Grace Kolb	Anésia Camargo
1929	Leonidia Vaz Guiomar N. Lagarcha Felicissima S. Barros Miss Grace Kolb	Ruth Teixeira
1931	Felicissima S. Barros Miss Grace Kolb	Eunice Costa Almeida

Fonte: Prospectos da Escola Americana localizados no Arquivo Histórico Presbiteriano e informações textuais.

2.1.3. Música no currículo

Pelas informações trazidas até aqui, é possível supor que a música esteve presente na Escola Americana desde os seus primórdios, pois Mary Ann, a fundadora da escola, era professora de música e de francês. E a primeira diretora, Mary Parker Dascomb, também era musicista e atuava como organista e regente coral nos trabalhos da igreja.

Márcia Brown trazia as inovações implantadas por Horace Mann em Massachusetts, inclusive a da música vocal presente no currículo escolar.

Citamos novamente a matéria apresentada por Laguna (1999, p. 30), publicada no Correio Paulistano, do dia 20 de agosto de 1872, que apresenta a música no currículo escolar. A seguir transcrevemos alguns trechos:

Deu-se o exame na segunda-feira da semana passada, presentes algumas famílias dos alunos e alunas, nas seguintes matérias:
 Leitura, dividida em três classes;
 Cosmografia e geografia, em duas classes;
 Música;
 Gramática;
 Aritmética, em duas classes.

A escola assim organizada funciona apenas há cinco meses, máximo do tempo há que os meninos e meninas estão sujeitos aos estudos sob e que foram agora examinados, sendo que alguns ainda foram matriculados muito depois. Entretanto mostraram todos maravilhosos desenvolvimentos, como não estamos nós brasileiros habituados a presenciar nas nossas escolas rotineiras do tempo colonial.

Laguna (1999, p. 35) apresenta um anúncio da Escola Americana, encontrado no *Almanak da Província de São Paulo*, publicado em 1873, que apresenta a música como parte integrante do currículo:

E. Americana – Foi fundada em Março do ano passado pelo Pastor da igreja evangélica presbiteriana, G. W. Chamberlain. – Funciona na rua de S. José, 1. Além de primeiras letras, leciona-se música, geografia, aritmética e gramática portuguesa. Há também uma aula de língua inglesa dirigida pelo professor J. S. Bradwell. As aulas têm sido regidas por D. Palmyra Rodrigues, Antonio B. Trajano, M. A. de Menezes e Antonio Pedro Cerqueira Leite. O programa desta escola inclui o ensino de outras matérias secundárias, que serão introduzidas à proporção do adiantamento dos alunos. É para ambos os sexos. (*Almanak da Província de São Paulo* para 1873, organizado e publicado por José Batista de Lune e Paulo Delfino da Fonseca, S. Paulo, Tipografia Americana).

Chamberlain continuava à frente da direção da *Escola Americana* e no final do ano de 1877 implantou o Jardim de Infância [Fig. 8], nos moldes do “Kindergarten”. Esta iniciativa trouxe ainda maior reconhecimento por parte da sociedade, pois representava grande avanço no sistema educacional brasileiro. Garcez (1970, p. 69) traz uma tradução do relatório enviado pelo Rev. Chamberlain à Junta de Missões Estrangeiras de Nova York, que reproduzimos a seguir:

O Jardim da Infância ou Jardim das Crianças será baseado no hoje bem conhecido sistema Froebel e tem por fim o desenvolvimento intelectual desde a mais tenra idade, por métodos intuitivos e naturais, tendo sempre em vista as necessidades físicas das crianças, atraindo-as aos conhecimentos e desenvolvimento das faculdades observadoras, sem fadigas, sem desgosto, sem estudos forçados, sem constrangimento dos corpos e sem lágrimas, mas com alegria e contentamento, aprendendo dos próprios brinquedos e alcançando assim os benéficos efeitos da disciplina e do uso dos sentidos.

No Programa e Regulamento do Instituto de São Paulo – *Escola Americana* (1885, p. 6-7) encontram-se mais algumas informações trazidas por Chamberlain sobre o Jardim da Infância:

A boa aceitação que continua a ter o Jardim Infantil, não somente neste império, mas também na América do Norte e na Europa serve melhor do que qualquer arrazoado para provar o grande valor que tem esta parte do ensino primário.

O Jardim da Infância está sob a exclusiva direção de D. Phebe R. Thomas, que se dedica especialmente a este ramo de instrução, tendo estudado o sistema nas melhores escolas deste gênero nos Estados Unidos.

Tem ajudantes habilidosas, que estudaram de baixo de sua inspeção pessoal.

[...]

O Jardim funciona n'uma sala espaçosa, completamente montada com todos os aparelhos exigidos pelo sistema Froebel e outros que a experiência tem mostrado serem aproveitáveis.

Funciona das 9 ½ da manhã a 1 da tarde, e os alunos nunca estão mais de 15 minutos ocupados na mesma coisa.

Lourenço Filho em seu livro *Introdução ao Estudo da Escola Nova* (s.d.), traz informações relevantes sobre Froebel e o sistema que desenvolveu, destacando a importância das atividades lúdicas para o aprendizado da criança. Para ele a educação é uma tarefa que a criança realiza de dentro para fora. Traz ainda informações sobre Pestalozzi e Herbart que também ficaram conhecidos na Europa e nos Estados Unidos pela pedagogia apresentada.

Pestalozzi defendia o ensino intuitivo, ou seja, o ensino baseado na experiência direta e pessoal da criança. Entendia que o ensino intuitivo deveria substituir o ensino livresco, uma vez que a criança se instrui por meio dos exercícios práticos. Reagiu contra as punições físicas aplicadas nas escolas de sua época e desenvolveu a abordagem centrada na criança.

Herbart opõe-se às idéias de Pestalozzi e defende que a aprendizagem deve ocorrer em primeiro lugar e a prática dessa aprendizagem em seguida. Para isso, cada lição ensinada deveria seguir as seguintes etapas, que ele chamou de passos formais: clareza, associação, sistematização e aplicação. Sua proposta pedagógica apóia-se na rotina de atividade.

Segundo Eby (1976, p. 444-50), a base do currículo defendida por Froebel “é encontrada nas atividades em evolução da natureza infantil”. Para ele “A criança aprende fazendo e através da ação. A aprendizagem é o resultado de sua vida ativa”.

Para Rousseau, a importância de um objeto repousa em sua utilidade; para Pestalozzi, em seu valor no treinamento dos órgãos sensoriais; para Herbart, em sua contribuição para o conhecimento. Mas, para Froebel, um objeto é importante pelo que a criança pode fazer dele, através da auto-expressão. O verdadeiro objetivo da instrução não é adquirir conhecimento, mas, por meio de atividades, construir hábitos, habilidades, força de vontade e caráter.

Eby apresenta também que “Froebel não estava interessado na transmissão do conhecimento que não tivesse significado direto para a vida”. Como ele era profundamente religioso e cristão, defendia que “a vida normal no lar é o melhor meio de desenvolvimento da natureza religiosa”. Outro aspecto que deve ser focado é que “Froebel foi o primeiro educador a discernir a verdadeira função do brinquedo no desenvolvimento infantil”. Eby ainda destaca que “o realce dado por Froebel à atividade lúdica se baseia não apenas no

reconhecimento de seu valor teórico, mas em suas aplicações práticas”. Defendia também a utilização do desenho, pois considerava tão essencial à vida infantil como a linguagem.

Com relação às atividades musicais, Eby declara que: “Nenhum educador conferiu maior valor cultural ao ritmo que Froebel. [...] O ritmo é a base da linguagem e da música”, e acrescenta que “As atividades em maturação da criança conduzem naturalmente do movimento rítmico ao canto”.

Kishimoto (2002, p. 90) ao informar que a Escola Americana de São Paulo fundou o seu jardim de infância froebeliano, cita o texto apresentado no Prospecto de 1885 e de 1886.

Esta parte do nosso sistema, baseado no hoje bem conhecido sistema de Froebel, tem por fim o desenvolvimento intelectual desde a mais tenra idade, por métodos intuitivos e naturais, tendo em vista as necessidades físicas das crianças, atraindo-as aos conhecimentos e desenvolvendo as faculdades observadoras, sem constrangimentos dos corpos e sem lágrimas, mas com alegria e contentamento; aprendendo dos próprios brinquedos e alcançando assim benéficos efeitos de disciplina e o uso acertado dos dons e sentidos.

Gilioli (2003, p.75) afirma que “Froebel defendeu ardorosamente o cultivo do canto nas escolas sem a preocupação que as crianças tornem-se artistas”.

Segundo Fonterrada (2005, p. 51-53) Froebel defende que o canto e outras artes devam ser incluídos na escola, “com a intenção de assegurar a cada criança um amplo e completo desenvolvimento de sua natureza, na apreciação da obra artística” (SCHOLETS apud FONTEERRADA, 2005, p. 53). Já Pestalozzi, em termos de educação musical, dá ênfase à utilização de canções no processo educativo, reconhecendo a influência da música na formação do caráter. Para ela:

Os princípios do sistema Pestalozzi de educação musical são:

- * Ensinar sons antes de ensinar signos e fazer a criança aprender a cantar antes de aprender a escrever notas ou pronunciar seus nomes.
- * Levá-la a observar auditivamente e a imitar os sons, suas semelhanças e diferenças, seu efeito agradável ou desagradável, em vez de explicar essas coisas ao aluno – em suma, tornar o aprendizado ativo, e não passivo.
- * Ensinar uma coisa de cada vez: ritmo, melodia e expressão, antes de fazer a criança executar a difícil tarefa de praticar todas elas de uma vez.
- * Fazê-la trabalhar cada passo dessa divisão até que os domine, antes de passar para o próximo.
- * Ensinar os princípios e a teoria após a prática.
- * Analisar e praticar os elementos do som articulado para aplicá-los na música.
- * Fazer que os nomes das notas correspondam aos da música instrumental.

Fonterrada (2005, p. 53) ainda nos informa que para Herbart “a vida é um jogo de representações e educar, portanto, é instruir. Para que a educação tenha êxito, é preciso despertar o interesse do aluno”. No pensamento destes três educadores “nota-se a preocupação comum com a criança e com o ensino”.

Pinazza (1997) estudou o Jardim de Infância a partir das idéias de Pestalozzi e Froebel. Ela nos informa que na Revista do Jardim da Infância encontram-se cantos e marchas, traduzidos e adaptados para o português, para acompanhar jogos e ocupações retirados de coleções norte-americanas, como é o caso da Boston Collection of Kindergarten Stories. Ainda na revista encontram-se trechos de livros estrangeiros que trazem os princípios pedagógicos de Froebel.

O ensino seqüencial e graduado seria feito conforme as potencialidades, necessidades e interesses particulares da criança. As atividades desenvolvidas com a participação e cooperação do aluno deveriam privilegiar a observação, reflexão e execução e, portanto, incluir exercícios sensoriais e motores com objetos concretos (p. 57-8).

Como apontado no primeiro capítulo, Pinazza informa que Miss Márcia Browne e Maria Guilhermina Loureiro de Andrade foram destacadas da Escola Americana pelo prof. Horace Lane para introduzirem na escola pública o pensamento pedagógico com base nos preceitos pestalozzianos e froebelianos utilizados nos Estados Unidos (p. 32-33).

Froebel demonstrou grande afinidade pelas coisas da natureza. Quando criança passou por uma escola “onde os exercícios consistiam, basicamente, na memorização de passagens bíblicas e de hinos”. As muitas experiências de vida proporcionaram a Froebel oportunidade de transitar por diferentes caminhos. Seu interesse pelas questões da educação se deu ao conhecer as idéias de Pestalozzi. Interessou-se especialmente pelos passeios que Pestalozzi realizava com seus alunos, colocando-os em contato com a natureza, permitindo lições práticas e os jogos ao ar livre. Embora o conceito de espontaneidade tenha sido anunciado por Pestalozzi, foi Froebel quem o desenvolveu mais nitidamente, “colocando-o no eixo de sua pedagogia” (p. 171).

“Froebel apresenta sua concepção de jogo, como uma atividade fundamental da criança e própria de sua natureza” (p. 173). Segundo ele, somente através dos símbolos a criança pode chegar à verdade dos fatos. Entende ainda que é fundamental uma educação escolar apropriada às necessidades da criança. Além disso, esteve sempre preocupado com a formação de quem iria cuidar das crianças.

Nos postulados de Pestalozzi a ênfase é dada às noções de educação integral, processo intuitivo e ensino graduado. Desta forma, pretendia-se apresentar ao mundo a proposta pedagógica das escolas primárias paulistas. Estas questões foram apresentadas no *Memorial* assinado por Carlos Reis, Oscar Thompson e Horace Lane, encaminhado à Exposição Universal de São Luiz (Massachussets) e publicado na Revista de Ensino de Fevereiro de 1904. “Isso pode ser constatado, ao considerar a maneira como foram introduzidas as aulas *intuitivas* ou *lições de coisas* nas escolas primárias” (p. 204).

Gostaríamos de destacar que, pela foto [**Fig. 8**], podemos verificar que as crianças do Jardim da Infância na Escola Americana desfrutavam das atividades ao ar livre propostas por Pestalozzi e Froebel.

Em artigo na Revista de Ensino de junho de 1907, Margareth Holder assinala que um dos objetivos do Jardim da Infância é preparar para a vida escolar. Essa questão era observada no Jardim de Infância da Escola Americana. Ressaltamos também que os Jogos, com movimentos graduados, deveriam ser acompanhados de canto. Havia canções apropriadas para estas atividades com movimentos corporais. No próximo capítulo falaremos sobre as canções apropriadas para o Jardim de Infância.

Segundo Hilsdorf (1986, p. 204), a Escola Americana ministrava ensino de três níveis desde os inícios da década de 80:

Além do *Kindergarten* tinha a *Escola Primária*, com ensino de leitura e caligrafia, aritmética, gramática portuguesa, geografia elementar, doutrina cristã de conteúdo evangélico, história pátria, música vocal, desenhos, lições práticas de francês e inglês e lições de coisas; e o *Curso Secundário*, com aulas de línguas vivas, latim, língua e literatura nacional, geografia, história pátria e universal, retórica, filosofia mental, física, aritmética, álgebra, geometria, desenho, música, aritmética comercial e noções de escrituração mercantil.

Além das informações colhidas nos trabalhos de Hilsdorf, pudemos verificar através dos Prospectos da Escola Americana, que a música vocal era uma das matérias do programa dos cursos primário, intermediário e normal, e o ensino de piano e canto era individual, oferecido para as alunas do internato que tivessem interesse, mediante o pagamento de uma taxa extra. Então concluímos que havia duas ofertas de música vocal para as alunas da Escola Americana, uma que era feita em sala de aula, conforme vimos no currículo e outra que era oferecida individualmente para as alunas que faziam parte do internato. Em um primeiro momento à ênfase maior foi para o ensino de Piano, mas em 1918, encontramos a indicação da prof. Fátima de Mello para o ensino de Canto e durante toda a década de 20 a Escola

Americana manteve uma prof. de Canto. (Consultar tabela preparada a partir dos Prospectos da Escola Americana).

Curso Primário:

O Curso Primário era um curso de quatro anos e atendia crianças de 5 a 10 anos. Entre as disciplinas oferecidas encontramos a Música com o seguinte programa:

1º. Ano: Canto, notas da pauta, exercícios da voz

2º. Ano: Canto, notas, escala, etc.

3º. Ano: Continuação do 2º. Ano

4º. Ano: Cantos

Aqui, no Curso Primário, podemos observar uma diferença do Jardim de Infância quanto às atividades musicais, pois a partir da experiência vivida na prática, agora chega o momento de entender os signos que compõem a música. Apesar das poucas informações trazidas no programa da disciplina, é possível verificar que os estudantes estavam sendo preparados para a leitura de partitura (Ensino de notas na pauta, escala, etc.). Havia também um cuidado especial com a utilização da voz e exercícios específicos eram feitos com o propósito de preparar a voz para o canto.

Curso Intermediário

Pelos prospectos foi possível verificar que a música esteve presente no 1º. e 2º. anos do Curso Intermediário, no entanto, não encontramos indicações do programa desenvolvido nestes anos.

Curso Normal:

Laguna (1999) no quarto capítulo de sua Dissertação de Mestrado apresenta a reconstrução histórica do Curso Normal da Escola Americana de 1889 a 1933.

A música está listada no rol de disciplinas, sem, contudo, trazer especificações do conteúdo desenvolvido. Cabe aqui uma suposição que neste momento as normalistas estavam sendo preparadas para ensinarem as canções quando se tornassem professoras. Aquelas que moravam no internato tinham a possibilidade de estudar música, que era oferecida como uma atividade extra. Ao estudarmos as canções no próximo capítulo, observaremos que as partituras traziam o acompanhamento que poderia se feito ao harmônio ou piano.

Segundo Laguna (1999, p. 225), “em 1889 muitos professores da Escola Normal de São Paulo assistiram as aulas de Botânica, Música Vocal e Desenho do Curso Normal da Escola Americana”. Aqui encontramos uma questão interessante, pois o ensino de música também serviu de exemplo para os professores da Escola Normal de São Paulo. Mais à frente falaremos sobre a influência que a metodologia norte-americana passou a exercer na escola pública de São Paulo.

Laguna (1999) informa também que há divergências entre Ramalho (1976) e Ribeiro (1981) referente a informações acerca do Curso Normal no período entre 1872 e 1889. Ribeiro afirma que o curso não foi implantado até 1885 e Ramalho traz informações sobre as atividades em 1875:

A Escola Normal em 1875, com três anos de duração, seguia o regulamento do *Training Class* dos Estados Unidos e apresentava o seguinte currículo: metodologia do ensino, pedagogia, higiene escolar, psicologia aplicada, organização escolar, direção prática de aulas, matemática, português, geografia, história, música e cultura física. (RAMALHO apud LAGUNA, 1999, p. 226)

Como alguns documentos não foram encontrados, Laguna faz a reconstrução parcial do Curso Normal da Escola Americana. Em 1885 as alunas podiam iniciar o Curso Normal já no quarto ano do Curso Secundário. Isto mudou em 1904, pois a partir daí o curso “passou a ser ministrado em nível superior”. (LAGUNA, 1999, p. 228)

Ainda segundo Laguna (1999, p. 229), o Curso Normal, a partir de 1907, passou a ter a duração de dois anos e foi oferecido para aqueles que desejassem habilitar-se para o magistério, sendo essencialmente voltado à prática do ensino. Para se matricular neste curso era necessário já ter concluído o Curso Secundário e “aquelas alunas que demonstravam habilidade para a música, o artesanato e a caligrafia receberam uma preparação especial nessas atividades, para posteriormente poderem passar esses conhecimentos a seus futuros alunos”. Laguna informa ainda que no período entre 1907 e 1933 a estrutura dorsal do Curso Normal foi mantida.

2.1.4. Práticas musicais

As “Reminiscências” do Dr. Antonio Gomes da Silva Rodrigues foram publicadas em *O Estandarte* de 20 de outubro de 1933, de onde destacamos o seguinte trecho:

No púlpito o Rev. Chamberlain. Ao harmonium, Miss Dascomb. Nos assentos da frente, os alunos e alunas da Escola Americana. A sala geralmente cheia. (...) Entre as senhoras, Miss Mary Chamberlain, irmã do Rev. Chamberlain, Miss Kuhl, amiga e companheira de Miss Dascomb e tantas outras (...) D. Adelaide Molina, professora na Escola Americana, com o pessoal dela.

Por estas informações podemos confirmar a presença de um instrumento musical na escola. Trata-se do harmônio⁵, instrumento que já era utilizado nas igrejas. “O canto congregacional precisava de acompanhamento de instrumento; o mais apropriado, no momento de expansão missionária, foi o harmônio, facilmente transportável e de baixo custo para as igrejas que se formavam, além de ser o instrumento de teclado que mais se parecia com o órgão”. (KERR; KERR, 2003, p.14)

No Dicionário Grove de Música (1994, p. 409), o verbete harmônio [Fig. 9, 10 e 11] está assim definido:

Pequeno órgão de palheta. O instrumento original patenteado em 1842 tinha um teclado de três 8^{as}, um conjunto de palhetas (mais tarde quatro conjuntos) e um único fole de pedal; os modelos mais avançados tinham um teclado de cinco 8^{as}, registros e acopladores. O nome original (“harmonium”) foi usado na Inglaterra e no resto da Europa em referência a órgãos de palheta em geral (instrumentos maiores, na Alemanha, eram às vezes chamados de “Kunsthharmonium”).

O primeiro modelo padrão foi fabricado por A. F. Debain (1809-77), em Paris. Até a primeira metade do séc. XX foi encarado com o um substituto para a orquestra na música doméstica e em arranjos de música ligeira; foi usado também para a música de igreja e nos cinemas. Foram escritas composições originais por intérpretes virtuosos, principalmente Karg-Elert, e Shoenberg fez adaptações para ele.

⁵ Peço permissão para um relato pessoal: Este instrumento continuou sendo usado nas igrejas por muitos anos. Eu mesma tive a oportunidade de estudar em um deles no ano de 1969 na cidade de Campo Grande, MS. À época eu estudava piano no Conservatório Matogrossense de Música, mas não possuía piano em casa, por isso consegui autorização para estudar na Primeira Igreja Batista de Campo Grande, que ficava perto de minha casa. Nesta igreja eles tinham dois Harmônios, um menor que ficava em uma sala nas dependências da igreja onde o Coro da Igreja realizava seus ensaios e o outro maior que ficava no Templo. Normalmente eu ensaiava no harmônio pequeno, mas lembro-me que, certa vez, entrei no Templo e fui experimentar tocar no Harmônio grande. Era da marca Böhn e com vários registros. Qual não foi minha decepção por não ter forças para utilizar os pedais que acionavam os foles e que imprimiam o ar necessário para a saída do som. Vale a pena ressaltar que neste episódio eu tinha 10 anos e era bem magrinha.

Outras informações mais técnicas sobre o funcionamento do harmônio podem ser encontradas no Dicionário Musical do Frei Pedro Sinzig, editado pela Livraria Kosmos Editora, em 1976.

Apenas a título de curiosidade trazemos um fato relacionado com o harmônio, registrado por Betty Antunes (2005, p. 56) ao relatar sobre as atividades musicais em Santa Bárbara. Em 1886, uma musicista chamada D. Grace Soper, acompanhava seu esposo E. H. Soper, que era missionário, em uma visita a uma das casas de Santa Bárbara e levou seu harmônio portátil, que trouxera da Inglaterra. De acordo um registro deixado por um descendente de norte-americanos, o referido instrumento era chamado pelos brasileiros de “o bicho”.

Laguna (1999, p. 25) nos informa sobre um Relatório do Internato de Meninas que era enviado ao diretor da Escola Americana, ao final de cada ano letivo, escrito pela diretora do internato. Segundo Laguna, em seu conteúdo constavam as programações desenvolvidas pelas alunas durante o ano. “Inclui as atividades religiosas, de costura e de música; contém as informações a respeito das professoras e de seu trabalho, sobre a saúde das internas e alguns comentários gerais sobre o período letivo no Internato”.

Qual seria o objetivo desta atividade musical? O ensino de música seria para ser utilizado na Igreja? Seria para diversão?

Fazia parte das atividades musicais, para as alunas do internato, o aprendizado de piano e canto. “Em 1907, por exemplo, a prof. Candinha d’Aubertie, que ensinou piano de 1907 a 1915, dava aulas para 20 internas, que revejavam-se nos 7 pianos da escola, diariamente, nos horários: 6:30 às 7:30; das 15:00 às 17:00 e das 18:00 às 19h30” (LAGUNA, 1999, p. 303).

Ainda como parte dessas atividades musicais, havia um recital no final de cada semestre letivo, ocasião em que as estudantes faziam uma mostra do desenvolvimento adquirido no instrumento ou no canto. Era uma ocasião festiva e os pais e os amigos das estudantes eram convidados a comparecer.

Como apontado anteriormente, um dos objetivos era preparar aquelas alunas que iriam atuar como professoras, após o curso normal. Vimos também que muitas destas alunas atuavam também na Escola Dominical, atividade desenvolvida na Igreja. E havia também os momentos de conagração com familiares e amigos ao serem apresentados os recitais no final de cada semestre letivo.

É bem provável que a metodologia utilizada para o ensino da música na Escola americana, tenha sido o *Tonic-Sol Fa*. Esta era uma forma de notação musical e um sistema

de ensino de canto por leitura. Os que aprendiam por esta metodologia eram capazes de realizar a leitura de uma partitura à primeira vista. Tanto a forma de notação, quanto a metodologia para ensino de canto foram concebidos na Inglaterra, em meados do séc. XIX por John Curwen, que baseou seu sistema em um trabalho de Sarah Glover. Esta metodologia foi amplamente utilizada na Inglaterra no séc. XIX e continuou em uso em muitas partes do mundo. Em 1869, John Curwen uma escola em Londres, denominada Tonic Sol-Fa College, que ainda hoje existe. Kodály foi um educador musical húngaro, muito conhecido entre os educadores musicais de hoje, que adotou uma versão modificada desta metodologia para o uso as escolas húngaras (Cf. Grove, 1994, p. 954).

Gilioli (2003, p. 82-5) traz a informação de que Márcia Browne tentou implantar o *Tonic Sol-Fa* na escola paulista, tentando mudar uma tradição de ensino musical já estabelecida. Apresenta também o trecho de um artigo de Carlos Alberto Gomes Cardim escrito para o jornal *Commercio de S. Paulo*, que transcrevemos a seguir, por nos ajudar a entender uma prática musical adotada à época:

Sob os auspícios da forma republicana implantada, implantada em nosso País pela revolução de 15 de Novembro, surgiu em 1890 uma grande reforma no aparelho escolar paulista que pôs por terra os velhos preconceitos herdados da carunchosa forma decaída.

As idéias de Gaultier foram praticadas em um programa de ensino integral e, ao lado de outras disciplinas que concorrem eficazmente para o desenvolvimento do raciocínio, das faculdades mentais em geral e do espírito de observação, foi colocada a música.

A todas as disciplinas procurou-se dar uma orientação moderna, moldando-se o nosso ensino com as necessárias adaptações no processado nas escolas norte-americanas. No ensino de música, entretanto, foram conservados os métodos e processos usados pelos nossos avoengos. A artinha de Francisco Manuel era a geralmente seguida pelos professores; a combinação dos sons melódiosos, a pauta com as suas cinco linhas e quatro espaços, as notas, as figuras, as pausas, os valores relativos das figuras e uma série de lições abstratas que despertavam o mal-estar e o tédio nas crianças constituíam, em suma, o ensino de música elementar.

As lições de rudimentos de música eram para o aluno, aulas de verdadeiro sacrifício, fato que se não observa na aula de música pelo processo em vigor, que consegue produzir o prazer, aguçar a curiosidade e despertar o interesse – essa arma poderosa de que o professor em geral não pode dispensar em seu ensino.

Não correspondendo o antigo ensino de música à expectativa, pela ingratidão do processo adotado, foi introduzido pela exímia educadora norte-americana, reformadora do ensino das escolas paulistas, miss Macia P. Browne, o processo *tonic-solfa*, que, apesar de ser menos fastidioso que o anterior, ainda não satisfaz aos interesses do ensino por ser extremamente moroso e por ter o inconveniente próprio de todo o processo cifrado, que é o de estabelecer convenções para um mesmo fato. A tentativa do ensino de música pelo *tonic-solfa* não medrou, predominando nas nossas escolas o antigo processo de artinha.

Relembramos a informação trazida anteriormente que Miss Browne dirigiu o a Escola-Modelo e que compôs o grupo de educadores que junto com Rangel Pestana, Caetano de

Campos e Gabriel Prestes realizou uma grande reforma no ensino público em São Paulo, no período de 1890 a 1896.

Rosa Fátima de Souza, em sua Tese de Doutorado, ao apresentar a reforma da instrução pública realizada no estado de São Paulo em 1892, traz a seguinte informação sobre a música:

Na música podemos notar a forte influência americana na Escola-Modelo. No 1º. ano, adotava-se o método americano denominado *Tonic-solfa* compreendendo o ensino das notas musicais. Em 1925, a escola adotou, no 2º. Ano o sistema denominado Galin-Paris-Chevé segundo o qual as notas musicais eram representadas por sete algarismos, facilitando o solfejo através de exercícios escritos. O professor João Köpke ofereceu à escola manuais e coleções de exercícios sobre esse método.

Mais uma vez, vemos referências à influência que o ensino norte-americano exerceu sobre a Escola-Modelo. Desta feita sobre o ensino da música.

Parece-nos que diversificadas foram as práticas musicais na Escola Americana e Mackenzie College. A seguir destacamos um fato ocorrido com o prof. Slater e mais uma vez recorreremos à utilização de fotos para exemplificar o que estamos falando.

No Arquivo Histórico Presbiteriano, localizamos uma foto do Prof. Alfred Cownley Slater (na 1ª. fila bem ao centro) com um grupo de 12 alunos com instrumentos formando uma pequena orquestra [Fig. 15]. A foto está sem legenda e sem data. Encontramos a mesma foto na edição comemorativa do 100º aniversário do Mackenzie, com a seguinte legenda: “O prof. Slater e a sua orquestra?” Os instrumentos que conseguimos identificar na foto são: dois violoncelos, oito violinos (pode ser que alguns destes que considere como violino sejam violas, pois está difícil de reconhecer na foto) e duas flautas transversas. Infelizmente não conseguimos nenhuma informação textual sobre a possibilidade de existência de um conjunto instrumental na Escola Americana. Como vimos anteriormente o Prof. Slater foi diretor dos Cursos de Engenharia, de Química e Física. Era responsável pelos laboratórios de física e química [Fig. 16] e apaixonado por Geologia. No entanto não foi possível localizar informações sobre uma possível formação musical.

2.1.5. Músicas utilizadas

Como visto anteriormente, a música esteve presente no currículo da Escola Americana ao lado de outras disciplinas desde o início de suas atividades com Mrs. Chamberlain, no Jardim de Infância, no Curso Primário, no Curso Intermediário e no Curso Normal.

Hilsdorf (1977) informa que os alunos se reuniam em Assembléia Geral, na Sala Grande para entoar cânticos evangélicos, muitos deles compilados nos “Sagrados Cânticos” de autoria da professora Maria Guilhermina Loureiro de Andrade.

No livro de Henriqueta Rosa Fernandes Braga, intitulado *Música Sacra Evangélica no Brasil*, encontramos outras informações em consonância com as informações trazidas por Hilsdorf. Braga informa que tanto na Escola Americana, quanto no Mackenzie College, os hinos evangélicos desempenharam “importante função como veículo de ensinamentos religiosos” (p. 151). Durante muitos anos, na Escola Americana, os cânticos sacros eram entoados, diariamente, no início e no término das aulas. Todos os alunos da escola se reuniam em assembléia, na chamada Sala Grande, tendo sido muito utilizado o hino 121 do Salmos e Hinos, intitulado *Findo o tempo dos estudos*, de autoria de Sarah Kalley.

Ainda com relação à informação trazida por Hilsdorf sobre os Sagrados Cânticos, gostaríamos de registrar que não conseguimos localizar nenhuma informação sobre esta coleção de cânticos. No entanto, Henriqueta Braga, no mesmo livro *Música Sacra Evangélica no Brasil* informa que foi preparada por coleção de cânticos por Alexandre Latimer Blackford, intitulada Cânticos Sagrados. Seria o mesmo material? Infelizmente não tivemos acesso a um exemplar deste hinário e não pudemos tirar estas dúvidas, ou mesmo verificar quantos foram os hinos de autoria de Maria Guilhermina.

Braga informa que desde o início do trabalho presbiteriano no Brasil, em reuniões missionárias, igrejas ou escolas, nunca se dispensou a contribuição da música sacra, “tendo tido adotada a coleção Salmos e Hinos até que se tornou possível aos missionários organizar um hinário próprio” (p. 153), como é o caso de Cânticos Sagrados.

Sobre os Cânticos Sagrados, Braga informa que sua primeira edição foi impressa na Tipografia Perseverança, no Rio de Janeiro, em 1867 e continha duas partes:

A primeira, com oitenta hinos e quatorze músicas intercaladas (a três e quatro vozes) e, a segunda, com vinte e cinco hinos e sete músicas, dando a impressão de que esta última tivesse sido posteriormente anexada, o fato de existir um índice entre ambas, referente à primeira, embora a numeração da segunda continuasse a da parte anterior.

Cabe aqui uma explicação que quando se diz “oitenta hinos e quatorze músicas”, na verdade, as “quatorze músicas” são as partituras de quatorze hinos, pois dos demais hinos foram colocadas apenas as letras.

Além dos hinos, informa Braga, neste hinário havia também umas informações que foram denominadas *Breves noções da música* que foram apresentados em três capítulos: “o primeiro dedicado ao Ritmo, o segundo à Melodia e o terceiro, à Expressão. Seguia-se-lhe um curto Prefácio, belo em sua singeleza” (p. 154).

A segunda edição foi lançada em 1875 pela Livraria Evangélica, no Rio de Janeiro. “Levava um pequeno Prefácio, cento e quarenta cânticos e cinqüenta músicas” (p. 154). Tem-se ainda notícia de uma edição de *Cânticos Sagrados* impressa em 1905, pela papelaria Luiz Macedo, no Rio de Janeiro, incluindo apenas as letras de duzentos e três hinos. Braga informa ainda que, pouco a pouco “esta coletânea foi caindo em desuso, sendo adotado o hinário *Salmos e Hinos*, como nos primeiros tempos” (p. 155).

Matos (2004, p. 37) também traz a informação de que os *Cânticos Sagrados* foram compilados por Blackford e que serviu como hinário para os presbiterianos.

Diante desta informação trazida por Hilsdorf e por Braga, podemos afirmar que um tipo de música cantada pelos alunos na Escola Americana era a mesma música que se cantava na igreja. Através da pesquisa foi possível verificar que essa prática continuou com o decorrer dos anos e em 1905 ainda os cânticos evangélicos eram entoados diariamente. Como justificativa de nossa afirmação transcrevemos a seguir uma parte do relatório do Capelão Erasmo Braga apresentado ao Dr. Horace Lane, diretor da Escola Americana e do Mackenzie College. Este relatório encontra-se no Arquivo Particular de Fred Lane.

Relatório de Trabalho religioso no Mackenzie College e na Escola Americana – 1905

Apresentado ao Diretor Dr. H. M. Lane pelo capelão Erasmo Braga

Trabalho Diário

Durante o ano acadêmico e escolar de 1905, foram mantidos com toda a regularidade os serviços religiosos diários no Mackenzie às 10/40 da manhã e na Escola Americana às 3 horas da tarde. Na leitura da Bíblia, temos no Mackenzie acompanhado a vida de Paulo e suas cartas, na Escola, a vida de Jesus e alguns Salmos.

O dean providenciou para que os estudantes tenham os livros de hinos usados pelas igrejas evangélicas no Brasil afim de que possam acompanhar o cântico dos hinos.

Ao mencionar os livros de hinos, Erasmo Braga menciona “os livros de hinos usados pelas igrejas evangélicas no Brasil”. Como visto anteriormente, trata-se do hinário *Salmos e Hinos*, mencionado no primeiro capítulo. Pois o Cantor Cristão era utilizado pelos Batistas, os *Cânticos Sagrados* foram utilizados apenas pelos presbiterianos e o *Hinário Evangélico*⁶ ainda não havia sido publicado.

Além da música cantada na igreja, entendemos que utilizavam também canções com movimentos feitos pelas crianças ou ainda canções que ajudavam a cumprir a rotina das atividades diárias, pois esta era uma orientação apresentada por Froebel e Pestalozzi, ou seja, defendiam a utilização do canto pelas crianças. Encontramos algumas destas canções no livro “Hymnos e Cânticos Juvenis”. Através do Prof. Samuel Kerr, conseguimos um exemplar do livro “Hymnos e Cânticos Juvenis” que era utilizado no Curso Normal da Escola Americana, para que as futuras professoras aprendessem as canções que iriam utilizar com as crianças. Este exemplar foi adquirido por sua mãe, D. Ondina, em 1926 quando ainda estudava no Instituto Crsitao, em Castro no Paraná e utilizado também quando estudou no Curso Normal da Escola Americana, no ano de 1929. Foi publicado pela Imprensa Metodista, mas não apresenta a data de edição. Segundo Samuel Kerr, em depoimento à autora, as músicas deste livro eram cantadas tanto na escola quanto na igreja, durante as atividades da escola dominical. No próximo capítulo analisaremos as canções contidas neste livro e em Anexo apresentamos uma cópia das mesmas.

Além destas músicas cantadas, que apontamos aqui, ainda haviam as músicas utilizadas no ensino de piano e canto para as alunas do internato. No entanto, não conseguimos uma listagem deste material.

2.2. Colégio Piracicabano

2.2.1. Breve Histórico

O *Colégio Piracicabano*, hoje *Universidade Metodista de Piracicaba*, foi organizado pelos missionários metodistas, particularmente pela missionária Martha Watts [Fig.17].

⁶ Falaremos sobre este hinário no próximo capítulo.

O metodismo surgiu na Inglaterra, dentro da Igreja Anglicana, como movimento de reavivamento espiritual e preocupação social. Foram protagonistas desse movimento os pastores anglicanos John Wesley e Charles Wesley, que na Universidade de Oxford, juntamente com outros amigos, participaram de um grupo de estudos da Bíblia, oração e visitação aos encarcerados.

[...]

O movimento metodista cresceu muito na Inglaterra, propagando-se na Irlanda, onde foram fundadas várias sociedades metodistas. Depois da morte de John Wesley em 1791, as sociedades metodistas separaram-se da Igreja Anglicana, tornando-se oficialmente Igreja Metodista.

Nos Estados Unidos, o metodismo chegou via imigrantes irlandeses, crescendo e expandindo-se até tornar-se uma Igreja respeitada e economicamente forte (MESQUITA, 2001, p. 11).

Segundo Mesquita (2001, p. 13), a Igreja Metodista fixou-se no Brasil, em 1871, com a vinda do missionário norte-americano Junius Newman, que se estabeleceu nas proximidades de Santa Bárbara d'Oeste e Americana, no interior do Estado de São Paulo. Ele veio dos Estados Unidos, fugindo da Guerra Civil, juntamente com outros imigrantes norte-americanos, e abriu “uma pequena igreja na região para atender aos protestantes de língua inglesa”.

Hilsdorf (1977, p. 82) afirma que esta foi a primeira Igreja Metodista no Brasil, sendo organizada no bairro Retiro e que a Junta de Missões da Igreja Metodista de Nashville, Tennessee, enviou em 1876 o Rev. John James Ransom e em 1881 os reverendos Koger e J. L. Kennedy que vieram acompanhados da educadora Martha Watts.

Anteriormente, em 1835, houve uma tentativa de estabelecimento do metodismo no Brasil. Segundo Hilsdorf (1977, p. 81) a Igreja Metodista enviou o Rev. Fountain Pitts e um ano depois o Rev. Spaulding. Essa missão, no entanto, durou apenas cinco anos. Outra tentativa foi realizada por Daniel Parrish Kider, que na qualidade de agente da Sociedade Bíblica Americana, viajou pelo Brasil, juntamente com o presbiteriano James Cooley Fletcher, “fazendo observações e distribuindo Bíblias”. O trabalho de colportagem, realizado por Kidder, teve boa acolhida em São Paulo, tanto entre a população leiga, quanto entre os religiosos.

O financiamento do projeto educacional metodista no Brasil vinha através da Junta de Missões da Igreja nos Estados Unidos. Este era um órgão responsável por arrecadar fundos que possibilitassem a implantação e manutenção de projetos missionários. Esta Junta recebeu o apoio das sociedades femininas no sustento dos trabalhos, pois se mostravam preocupadas com a questão da educação:

Ainda no século XIX, fundaram-se várias sociedades femininas com o mesmo objetivo: sustentar as missões. Entre outras sociedades de mulheres nos EUA, surgiu, em 1878 a Woman's Missionary Society da Igreja Metodista do Sul. Essa associação foi a responsável pela instalação da maioria das escolas metodistas no Brasil e acreditava que só as mulheres poderiam ajudar outras mulheres (MESQUITA 2001, p. 12).

Essas sociedades de mulheres tomaram para si a responsabilidade de sustentarem a educação e a assistência social nos países onde os metodistas instalavam as missões religiosas, pois entendiam que se oferecessem uma educação nos padrões culturais do protestantismo às mulheres nativas, seria possível libertá-las da dominação masculina em que viviam, e desta forma poderiam providenciar seu próprio sustento. Portanto, segundo Hilsdorf (1977, p. 114), as escolas americanas metodistas eram amplamente amparadas financeiramente pelas Igrejas-Mães.

Hilsdorf (1977, p. 112) aponta que a Igreja Metodista do Sul dos Estados Unidos, procurava equilibrar a questão da educação com a da evangelização, pois paralelamente às atividades do *Colégio Piracicabano*, mantinha “um ativo serviço de distribuição de Bíblias e folhetos, de promoção de conferências públicas e de propaganda pelos jornais locais, além das pregações a viva voz do evangelho, que conquistaram na região um grande número de prosélitos”.

A cidade escolhida para a instalação do primeiro colégio metodista foi Piracicaba, vizinha de Santa Bárbara. Na mesma cidade foi organizada a Igreja Metodista e seu primeiro pastor foi o Rev. James William Koger. Sua esposa, Mrs. Koger auxiliou Martha Watts no Colégio Piracicabano. Juntamente com Martha Watts e o casal Koger, chegaram a Piracicaba em 1881 os Revs. John James Ransom e James J. Kennedy. Elias (2006, p. 22), informa que Kennedy trabalhou com Ransom no Rio de Janeiro, destacando-se como um dos primeiros historiadores do metodismo brasileiro.

Antes da implantação do Colégio Piracicabano, em junho de 1879, o Rev. Junius Easthon Newman e suas filhas, Annie Ayres Newman e Mary Phillips Newman, fundaram a Escola Newman em Piracicaba. Entretanto esta escola não durou muito tempo, pois Annie casou-se e foi morar no Rio de Janeiro e Mary, que continuara dirigindo a escola, ficou doente, razão pela qual a escola foi fechada (HILSDORF, 1977). Betty Antunes (2005) concorda com Hilsdorf sobre a implantação desta escola e relata que o ex-padre Antonio Teixeira de Albuquerque, que havia sido enviado pelos metodistas para Piracicaba, lecionou na mesma escola, provavelmente até 20 de junho de 1880, data em que se uniu aos batistas.

Para levantarmos as informações do Colégio Piracicabano, além das informações trazidas por Hilsdorf, utilizamos também os trabalhos de Beatriz Vicentini Elias, que é jornalista profissional e publicou dois livros sobre a história do Colégio Piracicabano: *...Vieram e Ensinaram (Colégio Piracicabano 120 anos)* (2001) e *Memória, encantamento e Beleza* (2006).

A situação das escolas em Piracicaba era precária, funcionava com instalações inadequadas e havia muitos alunos para poucos professores. Segundo Hilsdorf (1977), em 13 de setembro de 1881, Martha Watts, missionária metodista, iniciou as aulas do *Colégio Piracicabano* com apenas uma aluna.

Em carta endereçada à Sociedade de Mulheres da Igreja Metodista do Sul dos Estados Unidos, Martha Watts assim relata:

Cara Sra. Butler: Tenho certeza de que a senhora e as mulheres de nossa Igreja em geral ficarão felizes em saber que sua missão está realmente estabelecida em Piracicaba. [...]

Nós abrimos nossa escola no dia 13 de setembro, e uma aluna apareceu, apesar de que tínhamos carteiras para dezoito, e receávamos que elas não fossem suficientes. Nossa pupila única, no entanto, é boa, e bastante regular na frequência, e ainda temos a promessa de outros em futuro próximo. Foi um tanto difícil adequar-me a esta experiência depois de ter trabalhado nas escolas em nosso país [...] (MESQUITA, 2001, p. 36).

O *Colégio Piracicabano* recebeu apoios dos políticos liberais e republicanos, como, por exemplo, dos irmãos Moraes Barros e dos maçons. Hilsdorf (1977, p. 147-50) entende que a aliança entre maçonaria e protestantismo era característica da Igreja Reformada americana. “Prudente de Moraes, um dos 32 fundadores e primeiro Venerável da Loja Maçônica de Piracicaba, instalada em 24/11/1875, encarregou-se, em companhia de seu irmão, Manoel de Moraes Barros, da defesa de vários dos imigrantes envolvidos em processos civis e criminais na justiça de Piracicaba”. Outro tipo de apoio era dado ao colocarem seus filhos para estudarem nesta escola, ou “participando das bancas examinadoras dos exames de fim de ano”, ou ainda “prestando amparo de caráter legal aos fundadores do Colégio e da Igreja Metodista local”.

Além deste, muitos outros colégios metodistas foram implantados, na mesma época, em outras localidades, alcançando êxito social e pedagógico.

Mott; Byington; Alves (2005, p. 21) concordam com Hilsdorf e afirmam que o *Colégio Piracicabano* foi fundado em 1881, por metodistas do Sul dos Estados Unidos, que recebeu ajuda de liberais e republicanos e que era conhecido pelas idéias inovadoras sobre educação. Informam também que:

O colégio era conhecido pelo ensino de qualidade e pelas inovações pedagógicas, como classes mistas. Essas propostas representavam um avanço em termos de educação, sobretudo para mulheres. Os ginásios públicos, em número reduzido, não abriam suas portas ao sexo feminino, e as escolas particulares para mulheres raramente se dedicavam à educação além da primária.

Segundo Hilsdorf (1986, p. 190), as atividades da Igreja Metodista e do *Colégio Piracicabano* receberam cobertura da *Gazeta de Piracicaba*, órgão anti-clerical, “de orientação democrática, que publicou anúncios, avisos e artigos dos missionários, professores e alunos do colégio”. Outro órgão que apoiou o *Colégio Piracicabano* foi a *Província de São Paulo*. Através dos dados encontrados neste jornal é possível reconstruir as partes fundamentais da história desta instituição de ensino.

Hilsdorf (1977, p. 165) salienta que “não foi apenas nas condições materiais que os colégios americanos de confissão protestante se apresentaram como inovadores no panorama do ensino paulista dos fins do Império”. Além da aparelhagem moderna e dos procedimentos metodológicos, “os novos objetivos e as transformações curriculares exibidos por esses colégios, lhes permitiram oferecer um ensino atualizado e eficiente, bem de encontro às reivindicações das vanguardas provinciais”. O currículo era seriado, diversificado e o método intuitivo empregado. O método intuitivo era entendido na época como a observação correta de objetos reais e fazia uso de coleções de espécimes.

Eram muitas as inovações. Hilsdorf (1977, p. 171) apresenta que o Colégio contou com “um observatório astronômico, montado no telhado do prédio próprio, com telescópio trazido por Martha Watts”. Outro fator que diferenciava o ensino apresentado no Colégio Piracicabano eram as instalações de luz elétrica, campainhas para chamadas, quadros-negros, mapas, microscópios, além de equipamentos para o ensino de química e física para o curso secundário.

Ressaltamos outras questões trazidas por Hilsdorf (1986, p. 209-10): o *Colégio Piracicabano* apresenta-se como um colégio de instrução feminina e carrega consigo as características da pedagogia aplicada nos colégios americanos de confissão protestante “que atraíam a atenção dos grupos progressistas de São Paulo”. Recebeu também o apoio de Rangel Pestana, que se envolveu pessoalmente com o colégio e “referendou publicamente sua adesão (ou simpatia) aos princípios pedagógicos, políticos ou religiosos que o embasavam”. Em 1883, quando do lançamento da pedra fundamental do prédio próprio do Colégio Piracicabano, estiveram presentes pessoas envolvidas com a política como Prudente de Moraes, Moraes Barros, Rangel Pestana e Alfredo Nardy. Nesta época os metodistas

arrecadaram fundos para ajudar as escolas públicas já existentes na compra de mobiliário adequado e para garantir a moradia dos professores nomeados pelo governo para atuarem nas escolas de Piracicaba. Apesar dos esforços dos políticos republicanos, as escolas, como citado anteriormente, estavam em estado de total abandono.

Alem disso a situação dos professores do ensino público era difícil, pois:

Com seus reduzidos salários, os professores ainda deveriam custear as despesas de instalação de suas aulas, providenciando local adequado, móveis e material escolar. Sob a alegação de que as rendas provinciais eram insuficientes para a compra ou aluguel de prédios, coube sempre aos professores prover essas despesas. À vista da insuficiência de seus salários, as classes eram freqüentemente instaladas pelos mestres em local inadequado. (HILSDORF, 1977, p. 15)

Ainda segundo Hilsdorf (1986, p. 213), em 1888 já era considerado o melhor colégio feminino de São Paulo. Rangel Pestana endossa essa opinião, pois o jornal *Província de São Paulo* publica um artigo onde apresenta as qualidades do Colégio Piracicabano, quer seja pelos seus edifícios próprios, ou pela aparelhagem completa, ou ainda, pelo fato de apresentar um corpo docente preparado.

2.2.2. Professores

Martha Watts trazia uma bagagem pedagógica adquirida nos Estados Unidos, onde atuara como professora. Hilsdorf (1977, p. 164) informa que ela era formada pela *Escola Normal* de Louisville.

Em carta endereçada à Sra. McGavock, Martha conta sobre a aplicação do primeiro exame público, que era uma inovação tanto para os professores brasileiros, quanto para os alunos, que surpreenderam pela facilidade com que se adaptaram aos novos moldes de ensino:

As crianças nunca haviam visto coisa alguma a respeito de exames escritos e, como não tivemos tempo de ensiná-los a transferir seu trabalho da lousa ao papel, eu esperava por uma grande confusão e chuva de perguntas; mas, após algumas palavras de explicação, eles deram início ao trabalho como se estivessem acostumados a ele como as crianças de nosso país. Os professores, que não estavam acostumados a meu modo de correção e organização das provas, também tomara o trabalho com entusiasmo, abandonando seus modos pelos meus, os quais aprendi nas escolas públicas de Louisville (Mesquita, 2001, p. 46)

No relato sobre este exame público encontramos os nomes de mais alguns professores: Miss Mary Newman (filha do Rev. Junius Newman) – professora de geografia, história do Brasil e aritmética; Dona Hilária Santos, apresentada como “nossa aluna-mestre” – professora de gramática portuguesa; Mlle. Rennotte – professora de botânica, francês e de outra classe de aritmética; Miss Smith – professora de geografia em inglês.

Hilsdorf (1977, p. 165) também apresenta o nome de Mlle. Rennotte como professora de francês e dos cursos da área de ciências.

Não foi possível saber quem era o professor de música no início do colégio, mas em carta datada de 8 de março de 1882, endereçada à sra. Butler, Martha Watts relata o caso de um senhor piracicabano que, segundo ela, teria sido atraído pelo canto e que gostaria de colocar as filhas para estudar no Colégio, mas que mudou de idéia ao saber que não possuíam uma professora de música estrangeira. Diante deste fato ela fez uma convocação às moças dos Estados Unidos que tivessem habilidade em música, francês, pintura etc. e que quisessem desenvolver seus talentos, que viessem trabalhar no Brasil. Watts, que não possuía conhecimentos de francês ou música, acrescenta: “As pessoas aqui estimam o talento ainda mais do que os estudos mais práticos, e para alcançá-los devo lhes dar o que eles desejam” (MESQUITA, 2001, p. 41-44).

Em outra carta, também endereçada à sra. Butler, Martha afirma: “os alunos de música estão aumentando e logo precisaremos de outro professor; na verdade já temos um” (MESQUITA, 2001, p. 54-5).

Aqui Martha Watts fala em ensino de música. Que música seria essa ensinada aos alunos? Se o número de alunos está aumentando e se ela entende que deve oferecer aos alunos aquilo que eles desejem, é porque o ensino está agradando. Cabe aqui uma hipótese que seria o ensino de piano, pois era uma cultura muito difundida na época. Temos também a informação trazida por Hilsdorf de que o ensino de piano era feito como uma especialidade, assim como na Escola Americana, em São Paulo.

Em 1882, Marie Rennotte [Fig. 18], a professora belga que se instalara no Rio de Janeiro, provavelmente entre 1878 e 1882, já estava no Colégio Piracicabano [Fig. 19] e a convite de Martha Watts, assumiu a direção pedagógica do Colégio.

De acordo com Elias (2006, p. 19) não ficaram documentos que registrassem o que a trouxe ao Brasil três anos após qualificar-se como professora em Paris. No entanto, Mott; Byington; Alves (2005, p. 24) afirmam que Marie Rennotte “Em 1878, mudou-se para o Brasil, para ser preceptora na casa de uma família”. Ainda segundo Maria Lucia Mott (apud Elias, 2006, p. 20), há uma carta de apresentação, de autoria não identificada, arquivada no

Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, afirmando que, em terras cariocas, ela ensinou por “seis meses em casa de uma família, com carinho, assiduidade, interesse, talento, conhecimento e procedimento exemplar, sendo considerada, por isso uma boa professora”.

Foi responsável pela organização da coleção de espécimes mantida no colégio com o objetivo de possibilitar aos educandos a observação correta de objetos reais, tal como era feito no método intuitivo.

Marie Rennotte permaneceu no Colégio Piracicabano até 1889, quando, pouco antes da proclamação da República:

[...] com quase 40 anos, mudou-se para a Filadélfia, nos Estados Unidos, obtendo três anos depois o diploma no Woman's Medical College of Pennsylvania. De volta ao Brasil, tornou-se a primeira médica na cidade de São Paulo. Trabalhou como médica interna na Maternidade de São Paulo entre 1895 e 1899, dedicando-se nos anos seguintes à clínica, à pesquisa e à benemerência. Fundou, em 1912, a Cruz Vermelha. Lançou-se então na organização de um curso de enfermeiras e na criação de um hospital infantil (MOTT; BYINGTON; ALVES 2005, p. 24).

Elias (2006, p. 34) registra que a despedida de Marie Rennotte do Colégio Piracicabano foi noticiada no jornal “Gazeta de Piracicaba” do dia 14 de julho de 1889. A nota dizia que “todas as pessoas que desejarem despedir-se da ilustre senhora poderão fazê-lo indo ao Colégio Piracicabano até às 10 horas da noite, que serão recebidas cordialmente pela digna diretora do estabelecimento, Miss Watts, que com isto terá grande prazer pela justa estima que em geral de todos merece a sua talentosa colega”.

Com relação aos professores do Colégio Piracicabano, em outra carta enviada aos Estados Unidos, Martha Watts informou: “Nosso corpo docente está montado, incluindo vários homens, já que não conseguimos senhoras. Miss Newman lecionará o quanto puder; sua saúde não está tão boa, mas ela está muito interessada no trabalho” (MESQUITA, 2001, p. 30).

Hilsdorf (1986, p. 212) nos informa que o Colégio Piracicabano instalou o seu Kindergarten em 1886, aberto a crianças de 3 a 7 anos e funcionava em prédio apropriado, construído junto ao colégio, além disso “era regido por duas professoras especializadas, Misses Beaven e Jones”.

Elias (2006, p. 25), no entanto, traz a informação que em 1882 o jardim de infância já estava em atividade:

Em dezembro de 1882, o jornal “A Gazeta” deu grande destaque aos exames finais do Colégio. Pouco mais depois de ter sido criado, a cidade parecia estar se rendendo às novas pedagogias, ao jardim da infância e às ousadias que permeavam as

propostas daquele grupo de mulheres. Quando tal reportagem circulou, Maria Rennotte já era uma figura familiar ao universo da elite local, considerando-se, inclusive, a frequência com que passava a escrever, como articulista no jornal “A Gazeta”,⁷ que tinha entre seus proprietários os Moraes Barros, parceiros cada vez mais assumidos da proposta educacional metodista.

Hilsdorf (1977, p. 165) relaciona os professores que atuaram no ano de 1887 no Colégio Piracicabano e detectamos o nome de Miss Mary W. Bruce para as aulas de Música:

Miss Mary W. Bruce, para a Diretoria e aulas de música, história universal e sagrada, e álgebra; miss Mathie Jones, para a direção do Kindergarten, latim, física, leitura, inglês e aritmética; miss Ella Grambery; ajudante do Kindergarten, aulas de leitura e inglês; miss Mary Ellis Mac Intyre, para inglês, aritmética e leitura; miss Donnie Moore para trabalhos de agulha; a ex-aluna Geraldina Borges para aulas de caligrafia, geografia e leitura; Dr. Henrique Brasiliense P. de Almeida, para aritmética, francês e história pátria; A. César de Arruda, para português, e Severo Augusto Pereira, para desenho e retórica.

Miss Mary Bruce substituiu Martha Watts na direção do *Colégio Piracicabano*. No prospecto do colégio para o ano de 1913, verificamos que Martha Watts ficou na direção do mesmo até 1895, tendo sido enviada no mesmo ano para abrir colégios no Estado do Rio de Janeiro e no de Minas Gerais.

Segundo Mott; Byington; Alves (2005, p. 17-22), Mary McIntyre foi admitida como professora no Piracicabano, para ensinar inglês, aritmética e leitura no ano de 1887. “Entre suas colegas de trabalho, sobressaía a professora belga Marie Rennotte, com quem a família manterá laços de amizade ao longo da vida”. Mary McIntyre, a mãe de Pérola Byington, se tornará uma professora de renome em São Paulo na passagem do século XIX para o XX e fornecerá às suas filhas “a um só tempo as lições para desempenhar o papel de uma boa dona-de-casa e o exemplo de que o lar não era o limite do horizonte feminino”.

Elias (2006, p. 47) destaca os nomes dos professores do *Colégio Piracicabano* que estão no prospecto do colégio (1913):

O prospecto do Colégio Piracicabano, para o ano de 1913, destacava, curiosamente, uma página inteira apenas para enumerar os professores da área de música, enquanto todos os demais estavam reunidos em outra folha. Assim, é possível saber que iriam ministrar aulas de piano e harmonia, Mrs. F. K. Brown (Converse College, Columbia, Nova York), Fabiano Lozano (Conservatório de Madri), Lydia Wagner (Colégio Piracicabano); violino, Benedito Dutra (Escola Normal); flauta e outros instrumentos, Honorato Faustino (Escola Normal).

⁷ Neste momento do texto a autora traz a seguinte nota: “A Gazeta”, veículo utilizado por Maria Rennotte para veicular suas idéias, era o principal jornal da cidade, tendo sido editada por Antonio de Moraes Barros e João Sampaio, com assumidos ideais republicanos e liberais, circulando às quintas-feiras e domingos. Muitas das polêmicas de Piracicaba se deram por suas páginas. Ao final do século XIX, segundo o Almanaque de 1900, sua circulação era de cerca de 350 exemplares.

Fabiano Lozano teve seu perfil como professor reconhecido na cidade. Elias (2006, p. 48-9) registra que, “contam-se histórias em que acabou por ‘roubar’ alunos de Mademoiselle Phillippeaux, a outra mestra de piano de excepcional prestígio na cidade nas primeiras décadas do século e sua principal ‘concorrente’”.

Destacamos o fato de Mlles. Phillippeaux ter sido professora na Escola Americana em São Paulo, no ano de 1904. É possível que tenha se mudado para Piracicaba com o intuito de atuar como professora de piano no Colégio Piracicabano, no entanto, pelo que tudo indica, atuou apenas como professora particular de piano.

Em *Tempos de Escola* (1999), Hilsdorf nos traz outras informações encontradas no *Novo Almanach de São Paulo* sobre a atuação de Mlles. Phillippeaux. No Almanaque de 1883, o nome de D. Emilia Phillippeaux aparece como professora de Piano, oferecendo seus serviços como professora, sendo que, esta informação se repete nos almanaques dos anos de 1885, 1886, 1887 e 1890.

Fabiano Lozano foi estudado por Vânia Sanches Pajares em sua Dissertação de Mestrado, intitulada “Fabiano Lozano e o início da Pedagogia Vocal no Brasil” (UNICAMP, 1995), trazendo uma ampla biografia dele. Também recebe destaque no segundo capítulo da Tese de Doutorado de Marcia Aparecida Baldin Guimarães (UNICAMP, 2003), intitulada *O canto coletivo na educação infantil e no ensino fundamental*.

Fabiano Lozano mudou-se da Espanha para o Brasil, com sua família, em 1899, fixando residência em Piracicaba. Foi aluno e depois professor do Colégio Piracicabano, onde exerceu o cargo de diretor do Departamento de Música. Iniciou os estudos de música com o pai e com o irmão. Posteriormente foi estudar em Madrid onde recebeu a formação em piano, composição e regência, no Real Conservatório de Madrid. Ao voltar a Piracicaba, em 1908, dedicou-se ao ensino da música. Além das atividades no Colégio Piracicabano foi nomeado, em 1914, professor da Escola Normal Oficial de Piracicaba, exercendo este cargo até 1930. Em 4 de maio de 1939 foi nomeado Assistente Técnico do Serviço de Música e Canto Coral do Departamento de Educação do estado de São Paulo, função exercida anteriormente por João Gomes Júnior, outro educador musical da época.

Casou-se com Dora Pyles, uma norte-americana da Colônia de Santa Bárbara d’Oeste, filha de Adoniram Judson Pyles. Segundo Elias (2006, p. 46-7), este casamento causou muita preocupação, pois era o primeiro que acontecia entre uma norte-americana e um estrangeiro. Dora se formou no curso superior (Normal) do Colégio Piracicabano em 1905 e no curso de

música e, 1909. O casamento ocorreu em 1911 e “permaneceram casados até que a morte os separasse”.

2.2.3. Música no currículo

Como dito anteriormente, Hilsdorf (1986, p. 212) nos informou que o Jardim de Infância foi instalado em 1886, aberto a crianças de três a sete anos, funcionando em prédio apropriado e contando com professoras especializadas.

Mott; Byington; Alves (2005, p. 21) ao falarem sobre as atividades do Colégio Piracicabano, nos informam também que música estava presente no currículo do Jardim de Infância:

Outra inovação do Piracicabano era o *Kindergarten*, o jardim-de-infância, que procurava desenvolver a educação dos sentidos de crianças de quatro a sete anos de idade, através de jogos, cantos, danças e desenhos, num trabalho baseado no pensamento do pedagogo alemão Frederico Froebel. Bastante difundida nos Estados Unidos, essa teoria educacional apenas começava a ser adotada no Brasil, sobretudo em escolas protestantes.

Ao estudarmos sobre as atividades indicadas por Froebel, foi possível identificar que muitos dos jogos aqui mencionados, eram jogos musicais. Cabe aqui as mesmas anotações feitas para a Escola Americana.

O Curso de Música também era oferecido como uma especialidade, com pagamento à parte das mensalidades. Hilsdorf (1977, p. 116) aponta que esta era uma maneira das escolas americanas obterem outras rendas.

Elias (2006, p. 47) traz as informações contidas no prospecto do Colégio Piracicabano, para o ano de 1913, sobre o curso de música:

“Ele compreende piano, canto, órgão, violino e ciência musical. Desde as primeiras lições aprendem as alunas a análise e a síntese, a fim de tocarem com expressão, pela nítida compreensão da música, em vez de produzirem simples notas mecanicamente. Também haverá um especial cuidado na educação da voz, ensinando-se a alunas a fazerem uso apropriado de todos os recursos que lhes oferecem os órgãos respiratórios e a cantarem com boa pronúncia e enunciação”. Para a disciplina solfejo e coros, os livros indicados eram uma obra de Fabiano Lozano “Solfejos para as escolas” (impresso em Leipzig, Alemanha, em 1912) – e outra de Danhauser e Lemoine, “Solfejos dos solfejos”. Para todos os semestres, o

programa também era indicado detalhadamente. No caso do piano, que envolvia 10 anos de estudo, à semelhança do que propunha o Conservatório de São Paulo, percorria das sonatinas de Clementi aos prelúdios e invenções de Bach, às sonatas de Mozart e Mendelssohn, aos estudos de Cramer, para nos últimos anos, serem os alunos apresentados a Chopin, Beethoven, Handel, Scarlatti, Schubert e Schumann e, à escolha, “os autores modernos e contemporâneos”.

Maria Dirce de Almeida Camargo, citada por Elias (2006, p. 47), informa em um exemplar do Jornal de Piracicaba, de maio de 1986, que:

o curso montado por Fabiano Lozano para o Colégio Piracicabano baseava-se nas propostas do educador J. Matthews, um americano da Califórnia, e dividia-se em dez etapas. O aluno poderia, inclusive, vencer mais de uma etapa anualmente, se aprovado em exame realizado diante de uma banca composta de três professores da casa. Sucediã-se as audições dos “Amigos da Arte”, ora no Colégio ora em casa de alunos particulares. O Prof. Lozano vivia absorvido em explorar todos os setores musicais: canto na escola primária, orfeão na Normal, curso de piano no Colégio Piracicabano, pequenos conjuntos de câmara e orquestra.

2.2.4. Práticas musicais

Pudemos observar em nossa pesquisa que o canto foi prioridade na educação oferecida pelos metodistas e foi uma atividade sempre presente tanto no colégio, quanto nos momentos públicos.

Segundo Elias (2006, p. 25), no primeiro exame público promovido pelo Colégio Piracicabano, atividade pouco usual no Brasil e desconhecida em Piracicaba, foram realizadas várias apresentações, entre elas, as de canto.

Em 1883 Marie Renotte presidia a Sociedade Literária da escola, “que ofereceu o entretenimento mensal, que consistia em declamações, música instrumental e canto e composições” (MESQUITA, 2001, p. 58).

Elias (2006, p. 43) cita este fato em seu livro e traz a informação que Piracicaba nesta época era uma cidade plena de atividades culturais. O Teatro Santo Estevão, que havia sido construído em 1871, apresentava companhias de dança e música internacionais. O Club Piracicabano também promovia concertos e as bandas se apresentavam no coreto do jardim público aos finais de semana.

Nesse fim de século o interesse pela música era tão grande que o professor de piano Luiz Brasília Ferraz, segundo anúncio na gazeta, mesmo nas fazendas, dava aulas particulares em casa dos alunos; a banda de música Azarias de Mello dava muitos concertos apreciadíssimos no coreto, e o professor de canto e piano Celestino Matta passava a residir definitivamente na cidade. (TORRES apud ELIAS, 2006, p. 43)

Gilioli (2003, p. 85) traz um trecho do discurso João Sampaio, pronunciado nas comemorações do 77º aniversário do Colégio Piracicabano. No trecho que transcrevemos a seguir, observa-se, como na Escola Americana de São Paulo a presença do harmônio, que servia de apoio para o cântico dos estudantes:

As aulas do Colégio Piracicabano, nos bons tempos de outrora, começavam às 9 horas e meia da manhã, com rigor cronométrico. E duravam até às 3 da tarde, com meia hora para o *lunch* e recreio, ao meio-dia. Reuniam-se todos os alunos no grande salão de estudos, que se estendia em toda a frente do primeiro andar. Ambiente arejado e luminoso, onde se enfileiravam, em sentido longitudinal, as carteiras, de modelo e fabricação americanos, com assento para duas pessoas. (...) Em plano elevado de um degrau, no lado da frente, fica a mesa da Diretora, ao centro, e um *harmonium* à esquerda. Nesse salão, após a chamada, para a verificação de presença, começava-se o dia escolar pela aula de História Sagrada. (...) E terminava a aula com a oração de Cristo ao “Pai nosso, que está no Céu” (...). Cantava-se, depois, um hino religioso, acompanhado ao órgão-*harmonium*.

Elias (2006, p. 40) apresenta citação do mesmo discurso de João Sampaio acrescentando a informação que ele era genro de Prudente de Moraes e ex-aluno de Martha Watts, em 1890.

Em 15 de novembro de 1889 Martha Watts e um grupo de alunas do *Colégio Piracicabano* estiveram presentes no Club Republicano, após terem participado de uma passeata pelas ruas de Piracicaba, em comemoração ao advento da República Brasileira. As alunas do Colégio Piracicabano cantaram o hino “Nosso País”, enquanto as pessoas comemoravam. Prudente de Moraes, Manoel de Moraes Barros, Luiz Vicente de Souza Queiroz e Paulo Pinto estavam presentes. (ELIAS, 2006, p. 39).

Neste momento destacamos a presença do canto coral no Colégio Piracicabano, ou seja, o canto realizado por um grupo de alunas.

Elias (2006, p. 43) aponta que:

Todos os olhares lançados nos primeiros anos do Colégio comprovarão que música, e depois pintura, literatura e outras manifestações de arte sempre foram consideradas fundamentais. O primeiro prédio, inaugurado em 1884, para acolher seus 66 alunos, possuía uma sala de música no térreo, equipada com um piano e duas cadeiras. No primeiro andar, um dormitório foi inicialmente utilizado como “sala de piano”.

As informações sobre as salas de piano foram retiradas da carta escrita por Miss Watts para a Sra. Butler, onde descreve detalhadamente o prédio do Colégio, recém construído (MESQUITA, 2001, p. 66-70).

A Gazeta de Piracicaba de 22 de julho de 1887 traz o anúncio de abertura de matrículas e divulga os valores para as mensalidades. O ensino de música era oferecido como especialidade e era cobrada uma taxa à parte. Elias (2006, p. 44) entende que o fato do ensino de música ser oferecido fora do currículo não diminuía o interesse das alunas e nem as matrículas eram menores. “O que também era possível de entender, quando a história conta que, em 1891, nas casas da população piracicabana, já existiam 50 pianos. Em 1900, eles chegavam a 100”.

O mesmo jornal divulga, em 16 de setembro de 1902, a realização de mais uma récita do sarau literário-musical no Colégio Piracicabano, que comemorava os 21 anos de funcionamento. Elias (2006, p. 44) afirma que:

(...) pela primeira vez, o jornal “A Gazeta” noticiou a participação, em um concerto, de um jovem que iria se tornar referência nacional, anos depois, a partir do seu trabalho no canto orfeônico em Piracicaba. Naturalmente, em sua própria escola, o Colégio Piracicabano, onde seu irmão, Lázaro, vários anos mais velho, era professor de música.

O concerto foi aberto com a execução de “Invitation à la danse”, de C.M. de Weber, executado a dois pianos, por Mrs. Fanny Brown e Regina Romero. No meio da apresentação, Fabiano Lozano executa a peça “Elegia”, de P. A. Schneckner, para piano e órgão, acompanhado por Mrs. Brown. Lázaro Lozano apresenta-se com maior destaque, inclusive executando obras de sua própria autoria. A matéria termina dizendo que “todas as peças foram freneticamente aplaudidas pelo seletto auditório”.

Chamamos a atenção para a informação trazida por Elias (2006, p. 44-5), que Lázaro Lozano, irmão de Fabiano Lozano, era professor do Colégio Piracicabano, fortalecendo “uma tradição musical que apenas se confirmaria e se ampliaria com o passar dos anos. Em 1900, Lázaro Lozano fundou a Orquestra Sinfônica de Piracicaba e Fabiano Lozano, ainda adolescente, foi um dos músicos dessa orquestra, antes de retornar à Europa, onde permaneceu até 1908 estudando piano, harmonia, contraponto, composição e regência. “Além de atuarem juntos na Orquestra, o piano de Fabiano e a flauta de Lázaro, por muitas vezes, preencheram de sons os espaços do Colégio [...]”.

Os concertos continuavam acontecendo, especialmente em datas comemorativas, como os aniversários da escola, os finais de semestres e os exames públicos. O Jornal de Piracicaba de 23 de junho de 1903 noticiou:

Às 7 hs da noite, no salão principal do Colégio, o qual se achava bem ornamentado, o Rev. Manoel de Camargo iniciou a festa, invocando a bênção de Deus para o progresso daquela casa de ensino. Foi então cumprido a risca o programa, caprichosamente organizado e em cuja brilhante execução tomaram parte os srs. maestro Lazaro Lozano e Fabiano Lozano, Mrs. Brown e diversos alunos. Julgamos dispensado fazer uma apreciação sobre ele, visto as festas do Colégio Piracicabano constituírem uma tradição.

2.2.5. Músicas utilizadas

As cartas de Martha Watts enviadas aos EUA comprovam que, entre as apresentações realizadas no exame público de 1882, estão as apresentações musicais. “O irmão Koger [Rev. James William Koger] abriu os exercícios lendo o Primeiro Salmo e então a escola cantou ‘Around the Throne of God’ em português e, de comum acordo, repetimos a Oração do Senhor” (MESQUITA, 2001, p. 47).

O hino cantado pelas alunas do *Piracicabano*, no Club Republicano em 15 de novembro de 1889, encontra-se no hinário *Salmos e Hinos*. Na edição de 1975 o hino recebe o número 627, com a versão de Sarah Kalley. Como foi dito no capítulo anterior, este hinário foi compilado por Robert e Sarah Kalley, tendo sido adotado pelos protestantes desde 1861, ano de sua primeira publicação. Veremos mais detalhes sobre a utilização deste hinário no próximo capítulo.

Concordamos com Elias (2006, p. 40) no entendimento que: “Recuperar o significado da presença das alunas do Colégio em tal comemoração pública e da escolha da música por Martha Watts para manifestar-se é ouvir, de uma outra maneira, as melodias que o Colégio Piracicabano soube compor e cantar ao longo do tempo”.

Além dos hinos religiosos, as alunas de Martha Watts cantavam também os hinos cívicos ou pátrios. Hilsdorf (1977) já apontava, em sua Dissertação de Mestrado, a utilização de outros dois Hinos, que foram muito cantados pelas alunas de Martha Watts: “A Marselhesa” e o “Hino da Independência do Brasil”. Geralmente eram cantados no encerramento das solenidades do Colégio.

Entendemos, da mesma maneira que Hilsdorf (1977) e Elias (2006), que Martha Watts preocupava-se com as escolhas das canções musicais a serem interpretadas pelas alunas do Colégio Piracicabano e, desta maneira, procurava manter-se ao lado das lutas dos Moraes Barros, fortalecendo uma aliança política e de ideais, iniciada desde a implantação do colégio.

Através das cartas de Martha Watts (MESQUITA, 2001) pudemos observar que outros hinos foram cantados por suas alunas e ela mencionava com frequência, que ficava muito alegre ao ver suas crianças cantarem os hinos.

No entanto, os hinos, tanto religiosos, quanto pátrios não eram as únicas músicas cantadas e tocadas no Colégio Piracicabano, pois pelo programa do curso de Música foi possível reconhecer a música de grandes mestres como Bach, Chopin, Medelssohn, Schumann, entre outros. Destacamos também os compositores brasileiros como Fabiano e Lázaro Lozano, Honorato Faustino, Erothides de Campos, entre outros.

Mas, se a cada manhã, o dia do Colégio se iniciava com um tema e um hino religioso cantado em uníssono, os saraus, os concertos, as atividades abertas à comunidade, ao contrário do que se poderia imaginar, nunca se caracterizaram pela execução desse tipo de música. (ELIAS, 2006, p.43)

2.3. Colégio Progresso Brasileiro / Colégio Batista Brasileiro

2.3.1. Breve Histórico

Segundo Hilsdorf (1977, p. 112), a Igreja Batista quando chegou ao Brasil sempre preferiu trabalhar numa linha de evangelização direta, tanto nos Estados Unidos, quanto no Brasil, e somente nos primeiros anos do século XX que, “interessando-se pela obra educacional, viria a estabelecer o seu primeiro colégio na Província de São Paulo”.

Localizamos no Arquivo Histórico do Colégio Batista Brasileiro uma Revista intitulada “Álbum do Brasil Batista”, editada pela Junta Patrimonial Batista do Sul do Brasil, datada de 1943, e que apresenta o seguinte histórico, sendo esta uma versão oficial da igreja:

Em fins de 1901, depois de dezenove anos de abnegados serviços na Bahia e Capital Federal, veio residir em São Paulo, o casal W. B. Bagby, pioneiro do trabalho missionário batista no Brasil.

Imediatamente a esposa, Anne Luther Bagby, ex-professora do afamado “Baylor College”, começava um curso preliminar, tendo como alunos os próprios filhos e os do casal J. J. Taylor. Algumas semanas depois, D. Anne adquiria uma escola primária, pertencente a D. Mary Mac Intire, de modo que no dia 10 de janeiro de

1902, ela pode oferecer ao público paulistano o “Colégio Progresso Brasileiro”, cujas aulas e internato funcionavam no prédio no. 5 da antiga Alameda dos Bambus. Esteve o Colégio neste local até 1915, quando se transferiu para um espaçoso edifício no Largo dos Gauianazes, hoje Princesa Isabel.

Em 1919 os fundadores transmitiram a direção do estabelecimento ao Dr. Edgar Ingram, a quem coube o assinalado serviço da construção do edifício no aprazível bairro das Perdizes, para onde o Colégio se transferiu em 1923, adotando o nome atual.

Sob a dedicada direção do casal Ingram o Colégio teve extraordinário desenvolvimento passando a Convenção Batista Brasileira a eleger a sua Junta Administrativa. Depois de 10 anos de serviços, o Dr. Ingram foi substituído por H. A. Zimmerman, que dirigiu o Colégio durante os anos letivos de 1929 e 1930, assumindo a direção o Dr. Paulo C. Porter, que esteve à testa do estabelecimento durante os anos de 1931 e 1932.

Este breve resumo histórico sustenta a afirmação de Hilsdorf no que diz respeito ao atraso, em relação às outras denominações, do início da obra educacional pela Igreja Batista.

No entanto, Loureiro (2006), em sua dissertação de Mestrado *Anna Bagby, Educadora Batista (1902-1919)*, apresenta a contribuição da denominação batista para a educação através do trabalho desenvolvido por Anna Bagby em São Paulo no ano de 1902. Loureiro (2006, p. 57-9) destaca que o principal objetivo de Anna era oferecer educação feminina, proporcionando também curso de formação para professoras e Jardim de Infância. Iniciou o trabalho educacional mesmo sem o apoio financeiro da Junta Missionária de Richmond.

O *Colégio Progresso Brasileiro* foi fundado em 1890 por Mary McIntyre, que se dispôs a vendê-lo a Anna Luther Bagby em 1902. Em 1923 passa a ser chamado de Colégio Batista Brasileiro, após a construção do edifício que abriga o colégio até hoje.

Como visto anteriormente, Mary McIntyre foi uma professora presbiteriana, de renome em São Paulo na passagem do século XIX para o XX. Mary Elizabeth Ellis chegou ao Brasil aos nove anos de idade e foi morar em Santa Bárbara, no interior de São Paulo, onde seu avô, Henry Strong, se instalara, vindo dos Estados Unidos. Mary estudou no Colégio Internacional de Campinas, fundado pelos presbiterianos, da Convenção do Sul, e lá conheceu Robert Dickson McIntyre, seu futuro marido. Lembramos ainda que no ano de 1887, foi professora no Colégio Piracicabano, de confissão metodista, onde conheceu a professora belga Maria Renotte, com quem manteve amizade por toda a vida.

Mary McIntyre e Anne Bagby se conheceram nos tempos de Santa Bárbara, logo após a chegada dos Bagby ao Brasil em 1881 [Fig. 23].

Helen Bagby Harrison, a filha de Anne Bagby, em seu livro “Os Bagby do Brasil”, traz um relato detalhado de quando Mary Ellis McIntyre e o casal Bagby se conheceram. Destacamos algumas passagens do texto:

A sra. Ellis lembrava-se da solidão que sentira como estranha no Brasil e teve o desejo de convidar o casal para sua casa. [...]

A sra. McIntyre, a jovem dona-de-casa, se ofereceu para ensinar-lhes o português enquanto ali permanecessem. Em troca mamãe daria, à sra. McIntyre, lições de piano. [...] (Harrison, 1987: 28)

Isso significa que Anne Bagby tinha formação em educação musical e certamente faria uso desses conhecimentos durante sua atuação como professora e missionária. Essa é nossa hipótese.

Em Santa Bárbara os Bagby não tiveram muita dificuldade para se comunicar, pois muitos moradores eram imigrantes norte-americanos. Os cultos eram em inglês e a igreja era usada por presbiterianos, metodistas e batistas. No entanto, fazia-se necessário uma compreensão da língua o mais rápido possível para que alcançassem êxito no trabalho de evangelização. Helen nos conta:

A sra. Ellis recomendou que o casal Bagby fosse ao colégio presbiteriano de Campinas, para estudo. Foram e lá permaneceram 15 meses. Mamãe substituiu a diretora da escola durante suas férias e tanto ela como papai lecionaram várias classes por causa da escassez de professores. Mamãe também aceitou algumas alunas de piano, o que lhe permitiu mandar 140 dólares para a Junta de Richmond, como contribuição para seu ordenado. (Harrison, 1987: 28-30)

O colégio mencionado por Helen é o Colégio Internacional, fundado por George Nash Morton, em concomitância, senão, anteriormente à Escola Americana de São Paulo (Hildorf, 1977, 1986 e Bencostta, 1996).

Depois de muitos anos Anne e Mary voltam a se encontrar e desta feita:

A sempre empreendedora Mary McIntyre, em 1901, vendeu seu colégio a uma velha amiga dos tempos de Santa Bárbara, Anne Bagby, esposa do reverendo batista William Bagby. Anne foi convidada por Mary McIntyre para assistir a uma festa de encerramento do ano letivo no Progresso Brasileiro. (...)

Durante vários anos, Mary McIntyre continuou como professora, emprestando seu nome e prestígio ao colégio. (Mott; Byington; Alves, 2005: 25)

Loureiro (2006, p. 59) relata que Anne Bagby comprou o Colégio com suas próprias economias, sem o apoio da Junta Missionária da Igreja Batista, denominada Junta de Richmond, tendo, porém recebido apoio de seu pai, Dr. Luther, que era diretor do *Baylor College*, em Independence, Texas. O *Baylor College* era o departamento Feminino da Universidade Baylor.

O jornal *O Estado de São Paulo* do dia 27 de janeiro de 1902 anuncia:

Colégio Progresso Brasileiro, Alameda dos Bambus, n. 5, XIII ano letivo. Pede-se a atenção dos senhores pais de família para este estabelecimento de ensino que franqueia ao público uma educação sólida e competente subordinada aos novos intuits pedagógicos. Tem como pessoal docente professores de reconhecida capacidade: Dr. William Buck Bagby, Mrs. Anna L. Bagby, Mrs. Mary Ellis McIntyre... Enviam-se prospectos.

Diretora Anna L. Bagby

Enquanto Anna se envolvia com as questões do colégio, William cada vez mais se envolvia com os trabalhos missionários e da institucionalização da igreja batista no Brasil. No entanto, durante as viagens, ele mantinha contato permanente com sua esposa através de cartas e se envolvia com as questões do colégio.

A fundação da Convenção Batista Brasileira se deu em 1907, sendo formada por missionários norte-americanos e por brasileiros, tendo William Bagby como presidente e dirigente da primeira Assembléia. José dos Reis Pereira, historiador dos batistas brasileiros, em seu livro *História dos Batistas no Brasil (1892-1982)* relata:

...coube a Salomão Ginsburg o mérito de ter pensado primeiro na organização de uma Convenção, nacional dos batistas brasileiros. (...) mas quando ele apresentou a idéia, em 1894, ainda não havia possibilidades de levar a termo tal cometimento. O tempo ainda não estava maduro. (...) Na segunda-feira, 22 de junho de 1907, no antigo prédio da Aljube, foi aberta solenemente a primeira Assembléia da Convenção Batista Brasileira. Os mensageiros enviados por igrejas e organizações eram 43. (Pereira, 1982: 83-84)

Localizamos uma foto com os mensageiros presentes à Primeira Assembléia da Convenção Batista Brasileira em 1907, em Salvador, BA [Fig. 24]. Pereira (1982) descreve que W. Bagby que se encontrava profundamente emocionado ao relembrar das dificuldades enfrentadas quando de sua chegada ao Brasil e do início do trabalho missionário propriamente dito.

Na fundação da Convenção Batista Brasileira foram nomeadas Juntas, nos moldes da Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos. Estas Juntas estavam encarregadas de exercer as funções executivas de cada área de atuação da denominação, devendo apresentar relatórios nas reuniões anuais da Convenção, das atividades executadas no ano em exercício. Dentre estas Juntas estava a de Educação. Nos relatórios da Junta de Educação encontramos várias informações pertinentes à nossa pesquisa.

Na assembléia anual da CBB de 1908, Salomão Ginsburg é o relator da comissão da Junta de Educação e esta recomenda que todos se esforcem a favor dos colégios e que muitas escolas sejam abertas nos mais diferentes lugares do Brasil. A comissão da Junta de Educação

havia apresentado na assembléia anterior, diversos sistemas de educação nos mais diferentes países como Estados Unidos, China e Japão, mostrando os métodos mais modernos de organização em educação. Foi criada a Sociedade Educadora Batista do Brasil que, juntamente com a Junta de Missões Estrangeiras de Richmond, dos Estados Unidos, seria responsável pelo desenvolvimento de todos os colégios batistas e por providenciar os recursos necessários como comprar aparelhos, edificar, auxiliar os estudantes, etc.

Como vantagem de utilização deste sistema a comissão apresenta que “colocará os batistas na frente da instrução no Brasil, habilitando-os moralmente, introduzindo bons compêndios”⁸. No entanto, o que se percebe pela pesquisa de Loureiro (2006) é que isso não acontece com o Colégio Progresso Brasileiro, durante o período em que Anne esteve à frente do colégio.

O Colégio Progresso Brasileiro cresceu rapidamente e em 1909 foi necessário providenciar internato, pois as famílias que moravam em outras cidades ou mesmo as famílias residentes em São Paulo que também preferiam internato para suas filhas. Destacamos uma foto onde se encontram Anne e William Bagby entre as alunas internas do Colégio [Fig. 25].

No Relatório apresentado pela Junta de Educação na 5ª reunião da CBB na cidade de Campos, em junho de 1911, encontramos as seguintes informações:

Rendemos graças a Deus pelas ricas e abundantes bênçãos sobre os trabalhos de educação entre os batistas durante o ano passado, neste querido país. Nosso bondoso Deus está abrindo constantemente novas portas para aqueles que estão encarregados com estes trabalhos. Os colégios batistas têm gozado desde o princípio do favor publico, mas ultimamente Deus abriu uma porta de oportunidades quase sem paralela. A Reforma do Ensino colocou os nossos colégios numa posição muitíssimo vantajosa, porque seus métodos já gozavam de boa fama. Esperamos ver em breve grande progresso nos nossos trabalhos de educação, mormente por causa do fato aludido.

A Reforma a que se refere o autor do Relatório é aquela implantada pelo decreto de 5 de abril de 1911, de inspiração positivista e que concedeu, pela pena de seu autor, Rivadávia Correia, a irrestrita liberdade de ensino para os colégios particulares, favorecendo, portanto, a autonomia da organização do colégio.

Nesta mesma reunião, em junho de 1911, W. B. Bagby apresentou relatório como Diretor do Colégio Progresso Brasileiro, de onde destacamos os seguintes pontos:

⁸ Relatório da Junta de Educação apresentado na 3ª. Reunião da CBB, em junho de 1909, na cidade de Recife.

O ano de Julho de 1910 a Julho de 1911 foi um tempo de maior prosperidade para o Colégio Progresso Brasileiro. (...)

A organização de classes e estudos tem se aperfeiçoado em todo o sentido (...)

O corpo docente foi aumentado com a chegada de Miss Catherine Carroll, prolecta professora diplomada em artes, literatura e matérias do Jardim da Infância. (...)

O departamento de música continua debaixo da direção de Miss Grove e está fazendo progresso notável. (...)

O número de professores que ensinam constantemente no colégio é dezesseis. O numero total de alunos matriculados de Julho a Julho é de duzentos e três.

Acrescenta-se cada vez mais a necessidade de um edifício próprio nas condições de servir dignamente ao grande numero de alunos que procuram este estabelecimento de ensino primário e secundário. O colégio está crescendo em popularidade e utilidade.

Em junho de 1913 na reunião da CBB em Salvador, o parecer da Comissão de Educação recomenda que seja firmada uma Escola Primária em conexão com cada igreja e que os professores sejam preparados com o objetivo de divulgar as idéias, os métodos e os princípios da religião cristã. Recomenda ainda a favor das Escolas Normais:

- a) que se deve prover em cada instituto central um departamento ou escola normal para a preparação de pessoas de ambos os sexos que queiram dedicar-se à nobre missão de educadores, satisfazendo assim as necessidades das escolas primarias.
- b) que uma forte campanha deve ser feita oralmente e por escrito em cada igreja, para persuadir e induzir os melhores moços e as melhores moças a entrarem nestas escolas normais para completarem o aperfeiçoamento das próprias faculdades intelectuais e morais.

No relatório da Junta de Educação apresentado à Convenção Batista Brasileira, reunida em Recife, de 17 a 21 de junho de 1920, registra a saída do Casal Bagby da direção do Colégio.

O Colégio Progresso de São Paulo, fundado e dirigido por longos anos pelo distinto casal Dr. e Mrs, Bagby, está atualmente sob a competente direção do Dr. E. A. Ingram, que prossegue na rota traçada pelos seus zelosos fundadores, como o patenteia o relatório por ele apresentado⁹.

O ano de 1922 foi bastante significativo na História do Brasil. Comemorou-se o primeiro Centenário da Independência do Brasil; aconteceu a Semana de Arte Moderna que teve uma repercussão em todo o país com valor inegável; os batistas comemoraram quarenta anos desde que a primeira igreja batista brasileira foi fundada, e destacamos também o início de várias revoluções que terminam em 1930, modificando bastante o rumo da nossa história.

Isso significa que a Igreja Batista assumia agora, claramente, a obra educacional escolar.

⁹ Infelizmente não tivemos acesso a este relatório.

Em 07 de setembro de 1922 foi lançado um número comemorativo do Primeiro Centenário da Independência do Brasil de “O Jornal Batista”¹⁰, contendo 102 páginas, trazendo diversos artigos, tais como: “O que o Centenário significa para os Baptistas”, “A religião evangélica no Brasil”, “O Centenário e a História Baptista”, “O Centenário e as crenças Baptistas”, etc. Chamou-nos a atenção o artigo “O Centenário e a Educação Baptista”, de 40 páginas, fazendo um levantamento das atividades educacionais existentes e apresentando um resumo de cada instituição, com muitas fotos. Os colégios mencionados são os seguintes: Colégio e Seminário Baptista, do Rio de Janeiro; Colégio Americano Baptista de Pernambuco, de Recife; Colégio Baptista Brasileiro, de São Paulo; Colégio Baptista Fluminense, de Campos; Colégio Baptista Americano Mineiro, de Belo Horizonte e Colégio Americano, da Missão Baptista da Victoria. Dr. J. W. Shepard assina a matéria, “Nosso Ideal na Educação” onde apresenta os métodos e meios usados no processo educativo.

Cremos que o estudo dos ideais dos povos e os resultados óbvios dos mesmos na história da educação, devem proporcionar-nos uma orientação mais segura no tempo atual. (...) Os grandes pedagogos modernos como Herbert e Froebel, fizeram o seu estudo destes ideais e apresentaram um ideal mais completo para a educação, reconhecendo que a formação do caráter é de importância suprema.

Voltando às informações encontradas no *Jornal Batista* referido anteriormente, destacamos que as notícias do Colégio Batista Brasileiro são apresentadas pelo Dr. R. A. Ingram. Este atuava como diretor do colégio naquela ocasião.

O COLEGIO BATISTA BRASILEIRO é um estabelecimento que se propõe oferecer á moça brasileira uma educação sólida e acurada. Ainda em *O Jornal Baptista* de 7 de setembro de 1922 encontramos um artigo intitulado “IMPRESSÕES SOBRE A ORGANIZAÇÃO DO PROJECTO, ARCHITETURA E CONSTRUÇÃO DO COLLEGIO BAPTISTA BRASILEIRO”, assinado por A. G. Maya, onde verificamos que na planta do colégio estava determinado um espaço para um grande departamento de Música. Destacamos alguns trechos do artigo mencionado:

Tenho verdadeira satisfação em ter esta oportunidade de contar, como conseguimos organizar e pôr em execução o projeto do Colégio Baptista Brasileiro. (...)
O Dr. Ingram, diretor do Colégio, perfeito conhecedor de toda a organização e necessidades futuras do desenvolvimento da dita instituição, estabeleceu seu ideal, transmitindo-nos tudo o que pretendia. (...)
Não foram poucos os dias de preocupação que de ambas as partes passamos, até tirar qualquer peso de nossas consciências. (...)

¹⁰ “O Jornal Batista” é uma publicação semanal dos Batistas desde 1901, sendo um órgão da Convenção Batista Brasileira.

Quanto à capacidade e conforto do estabelecimento, posso sem receio garantir que ficará dentre os mais modernos, não só de São Paulo, mas da América.

Possui um Jardim de Infância Modelo, grande Salão de Visitas, Secretaria, Directoria, Sala de Presidente, Bibliotheca, amplo Hall com escada e ascensor, espaçoso Salão Nobre, Refeitório Geral de vastas dimensões, Cozinha, Copa, Despensa, Refeitório de Criados, etc., além de um grande número de classes e laboratórios, como sejam: - Artes, Dactylographia, Odontologia, Sciencias Domesticas, grande departamento de Música¹¹, compreendendo Sala de professores, piano, theoria, musica vocal, etc.; Desenho, Historia Sagrada, Physica, Chimica, Psicologia, Cosmografia, Literatura, Costura e Ginástica instalada em amplo salão munido de todos os aparelhos modernos.

Para acomodação de todas as suas alunas possui um dormitório distribuído em compartimentos de diversas categorias. (...)

Do seu estilo propriamente só poderei dizer que é moderno sobre as influências do antigo Bizantino e Românica do período de transição, encarado com plena liberdade de preceitos, fugindo quanto possível a regras preestabelecidas segundo a moderna orientação. (...)

Atualmente o edifício está na altura do ultimo pavimento. Durante a fiscalização tenho observado o desenvolvimento de todas as suas partes e, salvo um ou outro pequeno senão próprio de toda a construção, estou muito satisfeito com tudo que lá existe.

Com relação à construção do prédio, gostaria de mencionar a foto [Fig. 24] e destacar algumas partes de outro artigo que se encontra na mesma edição de *O Jornal Batista* intitulado *Notas sobre a construção do Prédio*, assinado por Guilherme Walfatti.

É quase impossível descrever num curto resumo, todas as fases deste grande prédio. A obra acabada representa o esforço harmonioso de toda uma organização técnica, tanto da parte da directoria do colégio, quanto dos construtores. É da colaboração destas duas forças que depende o sucesso da obra, construída com todos os requisitos necessários, afim de oferecer a uma coletividade as oportunidades de um grande desenvolvimento futuro.

Estes artigos encontrados em *O Jornal Batista* vêm reforçar as inovações existentes na época quanto ao edifício-escola: classes, bibliotecas, laboratórios, oficinas, ginásios, pátio para recreio, auditórios, mobília escolar. Selecionamos algumas fotos para que o leitor possa ter a idéia das informações aqui apresentadas. [Fig. 30, 31].

Infelizmente não encontramos fotos especificamente do Departamento de Música, mas pudemos constatar, através de outras fotos, a presença de pianos em espaços como, sala de aula do jardim-de-infância, no refeitório e no auditório. [Fig. 27, 28 e 29].

Observe a foto do grupo do Jardim da Infância com a presença de um piano de caudas na sala de aulas. A professora encontra-se com o braço apoiado nele.

Vale a pena ressaltar que no ano de 1922 o Dr. J. W. Shepard atuava como Relator da Junta de Educação da Convenção Batista Brasileira, sendo responsável pela publicação de um

¹¹ Grifo nosso

“Manual de Programas e Métodos de Ensino nos Collegios Baptistas (Cursos Propedêuticos)”. Conseguimos localizar um exemplar deste livro no Arquivo Histórico do Colégio Batista Brasileiro que traz o seguinte prefácio:

Recomendamos aos leitores destes programas atenção especial ao seu conteúdo, antes que á sua forma. A confecção deste manual de matérias e métodos foi feita durante três anos pelo Corpo Docente do Colégio Baptista do Rio de Janeiro. Nas reuniões semanais da Congregação dos Cursos Elementares os assuntos, detalhados aqui, foram discutidos minuciosamente. O estudo inicial foi feito em esboço pelo Diretor do Colégio a alguns Lentes, servindo esse esboço de guia nas discussões gerais da Congregação. Os programas foram entregues depois a novo estudo de comissões de professores e o acúmulo de tão grande trabalho efetuado durante três anos, é o que temos neste livro. Os programas, portanto, apesar de terem muitos defeitos, não deixam ao mesmo tempo de representar em grande parte a orientação pedagógica dos Colégios Baptistas, havendo quiçá exposição imperfeita dos métodos de ensino, bem como do esboço de materiais que constituem os cursos propedêuticos nos Colégios Norte-Americanos. Este trabalho do Corpo Docente do Colégio Baptista do Rio, foi apresentado á Junta de Educação da Convenção Baptista Brasileira, reunida em Junho de 1922, e foi adotado como base provisória dos trabalhos para os cursos propedêuticos de todos os Colégios Baptistas do Brasil. Esperamos que este pequeno manual possa servir de estímulo e ajudar na melhor orientação das professoras dos cursos elementares, não somente dos Colégios primários e complementares baptistas, mas também de escolas e colégios congêneres. A nossa ousadia apresentando-os em forma tão imperfeita e nosso único desejo é que sirva de qualquer forma para maior instrução do país.

J. W. Shepard
Relator da Junta de Educação

O que significa que a Igreja Batista assumira o encargo da obra educacional escolar e além disso, de forma centralizadora, pois as orientações vinham do Colégio Batista do Rio de Janeiro.

No entanto, ao examinarmos o documento, não encontramos nenhuma indicação específica para o ensino da música, o que pode significar que ela ficaria fora do currículo, sendo oferecida apenas para os que tivessem interesse.

2.3.2. Professores

Já vimos que, quando veio ao Brasil, Anne Bagby, usou suas habilidades de musicista para sobrevivência do casal. Vimos anteriormente que Anne atuou como professora de música, dando aulas de piano para Mary McIntyre e para algumas alunas em Santa Bárbara. De fato, a música passou a fazer parte da vida de Anna Bagby muito cedo. De acordo com os

relatos de Helen, aos dezoito anos Anne já era a organista da igreja em Galveston, no Texas, onde seu pai, John Hill Luther, era pastor. Anna vinha de uma família de educadores e seu pai se preocupava com a educação feminina.

Entre os batistas da época, as mulheres não podiam ocupar os cargos eclesiásticos, talvez por isso Anna tenha se dedicado à educação, porém sem perder seu ardor missionário. Loureiro (2006, p. 52-3) relata que, em correspondência familiar, Anna demonstrou seu desejo de ver muitas pessoas sendo alcançadas pelo evangelho. Como, para ela era impossível evangelizar através do púlpito, abraçou a idéia de fazê-lo através da escola.

Como Anna não recebeu apoio da Junta Missionária no início das atividades da escola, acabou enfrentando grandes dificuldades financeiras. Começou a trabalhar, então pela expansão do Colégio, procurando formar uma equipe de professores altamente capacitados.

Loureiro (2006, p. 61) informa que Anna ficou sabendo que Hortência Smith, do Colégio Piracicabano, procurava por uma colocação como professora e contatou-a para que assumisse o Jardim da Infância. Hortência fora localizada por William Bagby quando ele esteve pregando para os metodistas na cidade de Piracicaba. Ela prontamente aceitou o convite e iniciou-se, então as atividades do jardim-de-infância, com mesas baixas e cadeirinhas adequadas ao tamanho das crianças, tal qual na América do Norte. Mais à frente vamos verificar outras participações de Bagby na tarefa de escolha de professoras.

Chamamos a atenção para a informação apresentada no relatório de julho de 1911 sobre o departamento de música, que já existia anteriormente e que se destacava pelo progresso que vinha apresentando. Segundo o relatório este departamento era dirigido por Miss Grove.

Procurando por informações sobre Miss Grove, encontramos algumas registradas na Dissertação de Mestrado de Noemi Paulichenko Loureiro, intitulada “Anna Bagby, educadora batista (1902-1919)”, apresentada à FE-USP em 2006. Ela informa que William Bagby, em viagem aos Estados Unidos, procurava por professoras que pudessem ajudar no Colégio em São Paulo.

Transcrevo a seguir um trecho da carta de William para Anna, datada de 2 de fevereiro de 1909, que Loureiro apresenta em sua dissertação:

A Junta não pode nos enviar novos missionários agora, mas eu decidi levar duas professoras, se eu puder encontrar alguém treinado em jardim de infância como você deseja, + conseguir o dinheiro para sua passagem de ida, + a Juta prometeu dar o suporte para uma delas. Uma dessas jovens está em Brownwood, ensinando no Howard Payne College – Miss Roxy Grove. Ela tem somente 20 anos de idade... mas é esplendidamente preparada para o trabalho educacional; - é uma excelente

musicista, uma artista – uma graduada plena da Baylor U., onde ela obteve os mais altos graus. Se ela for, pode ensinar em qualquer departamento... Estou indo pedir que ela vá. Se eu conseguir afiançar uma treinada em jardim de infância, eu a levarei também. Estou satisfeito que a Junta nos dará suporte – de uma professora, pelo menos. (...) de qualquer modo, Miss Grove fará um excelente trabalho em qualquer posição (2006, p. 65)¹².

Loureiro (2006) informa que localizou na ata da reunião de 16 de fevereiro de 1909 da Junta de Richmond que o pedido de William foi negado, no entanto, ele conseguirá trazer Roxy Grove mesmo sem o auxílio da Junta e acrescenta:

Ela permanece no colégio de São Paulo entre 1909 e 1911, não sabemos se à frente do jardim, mas certamente como professora de música, pois o seu nome aparece em folhetos de programas da igreja e do colégio e concertos de alunos, geralmente beneficentes. Roxy Grove, ao sair do colégio estuda na Europa e retorna aos Estados Unidos, tornando-se uma figura muito importante na *Baylor University*, sendo a fundadora do Departamento de Música daquela Instituição. (2006, p. 66)

Juntamente com Roxy, Bagby traz Carrol Harvey para atuar também como professora.

Anna foi buscar na colônia de Santa Barbara outras ajudantes, como foi o caso de Lucy McFadden. Várias outras vieram de Santa Bárbara e Anna as preparava para atuarem em outros colégios pelo Brasil a fora. Betty Antunes (2005, p. 409) informa que Lucy McFadden era de família presbiteriana e que filiou-se à Primeira Igreja Batista em São Paulo em 22 de setembro de 1907. Lucy McFadden foi professora de piano no Colégio Progresso Brasileiro, vindo a ser professora de Nephalia Gonçalves, também de família presbiteriana. Falaremos sobre Nephalia mais à frente.

Observa-se uma preocupação também em divulgar que os professores são “diplomados por conceituados estabelecimentos de ensino do país e do estrangeiro”, e que apresentam competência comprovada. Informa também que o Colégio dispõe de um automóvel, com o “intuito de facilitar a chegada à hora certa e para comodidades e segurança das alunas”. [Fig. 32]

Loureiro (2006, p. 68) informa que quando Miss Grove retornou aos Estados Unidos, Miss Willie Ross veio substituí-la no Jardim de Infância. Willie Ross também lecionou violino e antes que Miss Roxy viajasse elas apresentaram um programa musical com as crianças do Colégio. Outra professora que obteve grande sucesso no Colégio Progresso Brasileiro foi Miss Catherine Carrol, carinhosamente chamada por Kate, que veio para substituir Miss Ross. Informa ainda que Anna Bagby continuou preparando professoras para as diversas escolas batistas que se formavam no Rio de Janeiro, na Bahia, em Santos e Paraná.

¹² Importante destacar que os grifos e os sinais + são do próprio William Bagby, segundo prescrição de Loureiro.

Loureiro (2006, p. 79) apresenta que em 1912 Miss Roxy Grove é substituída por Miss Ethel Standefer. No prospecto de um Recital de alunos já consta o nome de Miss Ethel como professora de Música.

Segundo Loureiro (2006, p. 69), D. L. Gingrich (1944, p.9) ao citar o trabalho de Anna Bagby no Brasil, relaciona o nome de professoras que atuaram, nas mais diversas áreas ao lado de Anna. O que tinham em comum era o fato de terem estudado no *Mary Hardin-Baylor*, instituição no Texas, EUA, onde Anne havia trabalhado. São elas: Miss Olga Strechlineek, Mrs, Marjorie Taylor Stanton, Mrs. Paul C. Porter, Mrs. Bertha Mills Pettigrew, Mrs. Minnie Thomas Stegall, Miss Adélia Mattar, Miss Stella Thatcher, Miss Estella Ginsburg e Miss Henrietta Ginsburg. Helen Bagby, filha de Anna também atuou como professora, depois de ter estudado nos Estados Unidos.

Mais à frente falaremos sobre o Conservatório de Música que foi formado no Colégio, mas no momento queremos destacar o nome de Miss Stella Thatcher como sendo aquela que levantou esta bandeira.

A preocupação como a formação dos professores, implantada por Anna Bagby, tornou-se uma marca do Colégio ao longo dos anos. Localizamos um prospecto do Colégio Batista Brasileiro de 1930 e logo no início encontramos uma relação dos professores que atuaram naquele ano, com a formação de cada um e a atuação docente.

Tabela 3 - Professores do Colégio Batista Brasileiro em 1930.

Nome	Formação	Atuação
H. A. Zimmerman	B.A. - Th.M. Diplomado no curso de Música Sacra	Diretor
Jessie M. Zimmerman	B. A.- B.M. em Piano e Canto com o curso de aperfeiçoamento de ambos. Ex-aluna de Alfred Hall e F.R.G.O. Edinburgh	Diretora do internato e professora de Canto
Pedro Gomes	Formado no Ginásio e no Seminário do Colégio Batista de Pernambuco.	Diretor do Ginásio e da Escola Normal Livre anexa ao Colégio Batista Brasileiro
Martha Baker	B.A.- B.M.T.	Diretora do Curso Normal do Colégio Batista Brasileiro Superintendente dos cursos Primários e Médio
Giuseppe Manfredini	Diplomado pelo Conservatório Musical de Bolonha, Itália.	Diretor do Conservatório Musical Batista e professor de Piano
Ethelwin Porter	B.A. pela Miami University, Oxford, Ohio	Diretora do Curso Comercial
André Leekning	B.A. pelo Colégio Batista do Rio, formado no Seminário do mesmo	Professor de Matemática e Ciências
Othoniel Motta	Formado pelo Seminário	Professor de Português

	Presbiteriano, ex-lente dos Ginásios de Campinas e Ribeirão Preto – Estado de S. Paulo	
Tertuliano Cerqueira	Formado pelo Colégio Americano Batista e Seminário Batista de Recife e pela Faculdade de Medicina do Pará	Professor de Bíblia, Higiene e História Natural
Annie Carlton	Formada pela Escola de Corte e Costura Santa Inês, S. Paulo. Professora durante onze anos no Colégio Metodista de Ribeirão Preto	Professora de Trabalhos de Costura
Eva Miller	Diplomada no Baylor College, Belton, Texas. USA	Professora de Inglês e Ginástica
Simone Renaud	Formada pela Escola Secundária de Genebra, Suíça.	Professora de Francês e Música na Escola Normal Livre anexa ao Colégio Batista Brasileiro
Esther da Silva Dias	Diplomada pelo Colégio Batista do Rio de Janeiro	Professora de Aritmética no Curso Médio
Guilhermina Madeiros	Diplomada pelo Colégio Batista Brasileiro	Professora do 3º. Ano do Curso Primário
Nadima Garra	Diplomada pelo Colégio Inglês de Beirute, Síria	Professora de Árabe
Adélia Mattar	Formada nos EUA no curso de Marureza	Professora de Geografia e Ciências no Curso Médio
Hermínia Rodrigues	Formada na Escola Normal Mackenzie, S. Paulo	Professora de Caligrafia e Desenho no Curso Médio
Miss Mary Hall		Professora de Pintura e de Desenho dos Cursos Ginasial e Normal
Lydia Perez	Bacharel em Ciências e Letras pelo Colégio Batista do Rio de Janeiro	Professora de Leitura no Curso Médio
Agnes de Oliveira	Formada no Mackenzie College, S. Paulo	Professora de Português no Curso Médio
Noemi Gomes da Silva	Formada no Colégio Batista Brasileiro, S. Paulo	Professora do 2º. Ano do Curso Primário
Ludmilla Leekning	Diplomada pelo Colégio Batista Brasileiro, S. Paulo	Professora do 1º. Ano do Curso Primário
Zeni Bueno	Formada no Colégio Batista Brasileiro nos cursos de Madureza e de Trabalhadora Batista, S. Paulo	Professora do 1º. Ano do Curso Primário
Stella Perman	Formada nos cursos de Jardim da Infância e Primário no Colégio Batista Brasileiro, S. Paulo	Professora do Jardim da Infância
Alberto Marino	Formado no curso do Prof. Amore	Professor de Violino
Felicíssima de Souza Barros	Diplomada pelo Colégio Piracicabano e pelo Conservatório Dramático e Musical de S. Paulo	Professora de Piano e Solfejo
Nephalia Gonçalves		Professora de Piano e Concertista
Eliza Kerr		Professora de Piano
Leila Racy	Formada pelo Colégio Batista Brasileiro	Professora de Piano
Marietta Terrell	Diplomada pelo Hospital Samaritano	Enfermeira
Maria Camargo Rodrigues		Secretária da Livraria
Zaida Bueno	Diplomada pelo Colégio Batista Brasileiro nos cursos de Madureza e de Trabalhadora Batista, S. Paulo	Secretária do Diretor
José Gresenberg		Guarda-livros

Dr. T.R.Warren		Médico do Colégio
----------------	--	-------------------

Em relação ao Corpo Docente, encontramos as seguintes informações:

O corpo docente, além do presidente do Colégio, da sua digníssima esposa, da diretora do Internato e outros oito diretores de vários departamentos, conta atualmente vinte e um professores, na sua quase totalidade crentes professores.¹³

Por falta de espaço deixamos de dar os nomes dos diretores dos vários departamentos da instituição e do corpo docente, senão de alguns dos oficiais da administração:

Rev. Dr. Edgar A. Ingram, presidente do Colégio, rua Ministro de Godoy no. 107, Perdizes, S.Paulo

Miss Virginia Beck, diretora do Internato, Rua Dr. Homem de Mello, no. 51, Perdizes, S. Paulo

Rev. Salomão L. Ginsburg, diretor da propaganda e publicidade, Caixa 572, S. Paulo.

Destacamos também as informações trazidas por Kerr (2007, p. 93) sobre a prof. Nephalia Gonçalves, filha mais nova do Rev. Antonio Pedro Cerqueira Leite e Palmira Rodrigues. Ambos músicos, pertencentes à Igreja Presbiteriana e que lecionaram na Escola Americana, como apresentado por nós anteriormente. Seu pai faleceu quando ela estava com apenas cinco meses. Apesar de não ter convivido com ele, herdou seu talento musical. Kerr informa que ela sabia tocar violino. Nephalia foi casada com o pastor presbiteriano Rev. José Ozias Gonçalves.

Ainda no ano de 1930 vemos a presença de Eliza White Kerr no quadro de professores do Colégio Batista Brasileiro. Novamente Kerr (2007, p. 95) nos auxilia com suas informações. Eliza era filha de Emílio Kerr e deixou a cidade de Sorocaba para estudar no Colégio Batista, em São Paulo. Sua professora de Piano no Colégio Batista foi Lucy McFadden e depois estudou também na escola Chiaffarelli. Segundo depoimento de sua filha, Eliza lecionou desde muito jovem no Colégio Batista, tendo dado aulas também de canto coral e depois dedicou-se ao ensino particular de piano, tendo tido sob sua orientação o próprio Samuel Kerr.

¹³ Grifo nosso. Por esta informação podemos considerar a possibilidade de encontrarmos entre os docentes, pessoas não adeptas ao Protestantismo.

2.3.3. Música no currículo

Segundo Loureiro (2006, p. 77), “a música parece ter sido uma disciplina bem cuidada, talvez pelas habilidades e entusiasmo da professora Roxy”. Nesta época vários saraus e apresentações públicas foram realizadas. Além do entusiasmo de Roxy, vale a pena lembrar que Anna também era uma musicista e provavelmente aproveitasse essas apresentações públicas para dar maior visibilidade ao Colégio.

Podemos comprovar que a música estava no currículo através do Boletim Escolar de Eugenia Thomas, que se encontra publicado no livro de sua filha Betty Antunes de Oliveira, *Centelha em Restolho Seco* (2005, p. 710).

Em Setembro de 1922 o Jornal Batista noticia os grandes avanços experimentados pelo Colégio, que logo a seguir passará a ser denominado Colégio Batista Brasileiro. Apresentamos as informações sobre os cursos que o Colégio dispunha naquela ocasião e acrescentamos as fotos encontradas no Jornal Batista em nosso Álbum de Fotos [Fig. 33, 34]. Observa-se a presença da música no currículo:

O Colégio proporciona os seguintes cursos: Jardim da Infância, Primário, Médio, Preparatório e Superior. O Jardim da Infância está a cargo de uma competente professora, sendo o ensino feito pelos sistemas modernos, com o auxílio de jogos, cantos¹⁴ e ocupações interessantes. Anexo ao Jardim da Infância funciona uma classe preliminar, para crianças de 6 anos às quais é ministrado o ensino de leitura, aritmética, e caligrafia.

O curso primário é feito em três anos e consta do ensino de Leitura, Linguagem, Geografia, Historia Pátria, Aritmética, Caligrafia, Desenho, Trabalhos Manuais e Historia Sagrada.

Os cursos médio e preparatório, também de três anos cada, compreendem as seguintes matérias:

Aritmética, Português, Inglês, Geografia, Historia do Brasil, Caligrafia, História Sagrada, Francês, Álgebra, Geometria, Latim, Historia Universal, Coreografia, Higiene, e mais Costura, Ginástica, Desenho, etc., etc.

O curso superior de três anos, será equivalente ao do Ginásio do Estado de S. Paulo, constando das seguintes matérias:

Português, Francês, Inglês, Latim, Álgebra, Geometria, Trigonometria, Historia Universal, Desenho, Literatura, Alemão, Historia Natural, Física, Química, Cosmografia, Psicologia, Lógica, Historia da Filosofia, Historia Sagrada, Ginástica, etc., etc.

Em conexão com o curso ginásial (preparatório e superior) o Colégio manterá seis departamentos especiais – o de Belas Artes, o de Ciências Domésticas, o Comercial, o Normal, o de Odontologia, e o de Trabalhadoras Batistas.

No primeiro existem o estudo de pintura e de piano. É escopo do Colégio desenvolver o seu departamento de Música, a ponto de rivalizar com o conceituado Conservatório Dramático e Musical da Capital do Estado de São Paulo.

¹⁴ Grifo nosso

Ficamos curiosos com esta intenção de rivalizar com o Conservatório Dramático e Musical e fomos procurar entender sua atuação na cidade de São Paulo. No Anuário do Ensino do Estado de São Paulo de 1908-1909 (p. 334-335) encontramos as seguintes informações sobre o Conservatório Dramático e Musical da Capital do Estado de São Paulo:

O Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, fundado por iniciativa do Dr. Pedro A. Gomes Cardim, foi instalado a 1º. de março de 1906 em o edifício onde atualmente funciona por arrendamento, á Rua Brigadeiro Tobias, esquina da ladeira de Sta. Ifigênia, e inaugurou-se em 1º. de maio do mesmo ano, data em que se iniciou o ensino.

O instituto mantém dois cursos: um dramático, que habilitará para a interpretação e representação das obras de artes concernentes ao respectivo gênero literário, e outro musical, que habilitará a executar, interpretar e a elaborar obras desta natureza.

(...)

O curso musical subdivide-se em curso geral de música e cursos especiais de canto e instrumentos. O curso geral de musica compreende um curso preliminar de 7 annos e um superior de 6 annos. Os cursos especiais são assim distribuídos: canto individual, teatral e coral, piano, instrumentos de corda, instrumentos de sopro, harpa e órgão.

A diretoria é assim constituída:

Presidente: Senador Antonio de Lacerda Franco

Secretario: Dr. Pedro A. Gomes Cardim

Tesoureiro: Dr. Carlos de Campos

O corpo docente compõe-se de 5 professores do curso dramático e 7 do curso musical (estes catedráticos) e mais 5 professores contratados, 5 alunos auxiliares no ensino e 2 professores substitutos.

Em 1908 a matrícula total foi de 206 alunos de ambos os sexos, sendo 17 no curso dramático e 189 no curso musical.

Ao apresentar as informações sobre o Jardim da Infância, Dr. Ingram informa que o ensino é feito pelos sistemas modernos, com o auxílio de jogos e cantos.

2.3.4. Práticas musicais

Harrison (1987, p.66) nos informa que não empregavam pressão religiosa, mas que nas assembléias costumavam cantar e que as melodias e as palavras dos hinos atraíam a todos. “Era difícil suprimos hinários suficientes, porque as crianças os levavam para casa, apesar de protestos”.

Em seu trabalho sobre a educação batista no Brasil, Machado (1999) destaca algumas informações sobre o ensino de Música.

A música distinguiu-se entre as áreas desenvolvidas, até pelo despertar de algo prazeroso. No Colégio Batista Brasileiro de São Paulo, por exemplo, na visão de seus pensadores, a significância da temática ocorreu não só pelo valor do corpo docente e pela avaliação feita e os resultados alcançados no interior das igrejas batistas, mas também pela confiança da sociedade paulistana no empreendimento. Inicialmente tratava-se apenas de um curso musical, que mais tarde, foi transformado em Conservatório Musical Batista de São Paulo. (Machado, 1999: 108)

O sonho da criação de um Departamento de Música tornou-se realidade. Localizamos em um prospecto do Colégio (s.d.) a seguinte informação:

CONSERVATÓRIO MUSICAL BATISTA

Comunicamos á distinta sociedade paulistana que em vista da boa aceitação de curso musical deste Colégio, resolvemos transformá-lo em Conservatório Musical sob a direção do exímio maestro Giuseppe Manfredini, diplomado pelo Conservatório Musical de Bolonha, Itália, o qual tem ao seu cargo o ensino de piano.

O curso de violino estará sob a direção do talentoso professor Alberto Marino e o do canto a cargo de D. Jessie M. Zimmerman, diplomada nos Estados Unidos da America do Norte e com longa pratica de ensino.

O Conservatório Musical Batista funciona no prédio do Colégio Batista Brasileiro, á Rua Homem de Mello, 57, e todas as informações poderão ser obtidas na secretaria do mesmo das 9 da manha até ás 15 da tarde, telefone – 5-4422.

Localizamos várias fotos do maestro Manfredini, mas a que estamos disponibilizando no Álbum de Fotos é a que aparece no Álbum “O Cruzeiro” do ano de 1955, quando ele completava 25 anos de trabalho no Colégio Batista Brasileiro [Fig. 36]. O que nos dá o ano de 1930 como início de sua atividade no Colégio Batista Brasileiro e talvez a do Conservatório. Jardim (2008) informa que Manfredini atuou também no Colégio Santa Marcelina. [verificar](#)

Em “O Jornal Batista” de 18 de novembro de 1926, localizamos um artigo sobre o Colégio Batista Brasileiro de São Paulo, ressaltando a relevância do trabalho educacional desenvolvido pelas instituições evangélicas, no sentido de garantir um lugar para o Brasil entre as nações que progridem.

Incluindo no numero dessas instituições abençoadas está o Colégio Batista Brasileiro de S. Paulo, que tem por fim a estupenda idéia de elevar o sexo feminino, proporcionando à mulher brasileira uma educação liberal que a salve da ignorância, das superstições e do estado de servidão que ela no passado tem sofrido, preparando-a ao mesmo tempo para ganhar a vida independentemente, dirigir bem a sua própria família, agir e cumprir inteligentemente a sua missão nesta vida e preparando-a para a vida de além. (p. 5)

O mesmo artigo ainda aponta o grande desenvolvimento que se dá na instrução pública no Brasil nesse momento e como o Colégio Batista apresenta destaque entre os melhores de qualquer país. Chama atenção para o fato de possuir edifício próprio, num bairro

dos mais aprazíveis da cidade de S. Paulo “e instalado segundo as regras da moderna ciência sanitária, em terreno espaçoso, oferecendo para a saúde, para o desenvolvimento físico e para o conforto dos estudantes, solida garantia em condições excepcionais”.(p.5)

Destaca ainda o fato do possuir excelente equipamento para o ensino, por utilizar os métodos mais modernos, uma biblioteca, dois ônibus para o transporte dos alunos externos, garantindo a segurança dos mesmos. “Por preceito e, por exemplo, cultivam-se os ideais de conforto, de higiene, de amor ao belo, e os sentimentos de lealdade e entusiasmo [...].

O destaque para a moderna ciência sanitária coloca o “Batista” no perfil da modernidade dos anos 20, segundo nos mostram os estudos de Heloisa Pimenta, Rocha e outros autores.

Neste artigo pudemos constatar que mesmo tendo deixado a direção do Colégio os Bagby continuam acompanhando de perto os acontecimentos.

Depois de dezoito anos de lutas titânicas e de esforços inauditos, dando ao Colégio Baptista um nome de respeito e admiração, o casal Bagby solicitou da Junta de Richmond um substituto, e em 1919, no mês de julho, o casal Ingram assumiu a direção desse árduo trabalho, aliviando do peso da responsabilidade e administração esses obreiros veteranos e consagrados, ainda que o interesse dos mesmos jamais arrefeceu, pois o Dr. Bagby continua, como antes, ocupando atualmente a presidência da Junta dos Administradores.

Em seguida o artigo apresenta a informação que 72 alunos foram matriculados no primeiro semestre do ano de 1919, sendo 18 internas. O programa de ensino na época abrangia: Jardim da Infância, Curso Primário e Médio e Piano¹⁵. Informa também que houve um aumento significativo no número de alunos após a transferência do Colégio para o novo prédio construído em Perdizes, que aconteceu em julho de 1923. Alcançaram mais de trezentos alunos, sendo sessenta internas. O programa dos cursos foi aumentado “com cinco anos adicionais para um curso de madureza”.

As informações são de que o Colégio continua crescendo e destaca a questão da educação da mulher.

Logo após a transferência do Colégio para o belo e majestoso edifício no Alto das Perdizes, cujo equipamento e preparo para o fim em mira, que é a educação da mulher brasileira, é sem igual, o numero dos matriculados chegou a quatrocentos e trinta, havendo necessidade de recusar a muitos pais de família que procuravam esta instituição para a educação de suas filhas, provando assim o alto conceito e o bom nome que o Colégio tinha alcançado.

¹⁵ Grifo nosso.

Os cursos regularmente instituídos em 1926 são:

Jardim da Infância

Curso Primário, de três anos

Curso Médio, de três anos

Curso Ginásial e Normal, de cinco anos – seguindo o programa do Ginásio Pedro II e da Escola Normal de São Paulo

Curso de Aperfeiçoamento – destinado às professorandas do Colégio, Curso de Pedagogia, Psicologia e prática de ensino, sob a direção da Inspetora.

Curso Comercial, de dois anos

Curso de Belas Artes – dirigido pelo maestro Manfredini, com seis auxiliares. Consiste este Curso de piano, violino, canto, pintura e outras matérias do Curso Ginásial.

Curso Prático – consta de corte, costura, trabalhos manuais, arte culinária, bem como outras matérias escolhidas do Curso Normal, Ginásial e Belas Artes.

2.3.5. Músicas utilizadas

Muitas foram as músicas utilizadas no Colégio Progresso Brasileiro, quer sejam vocais ou instrumentais. Nos momentos devocionais, os hinos do Cantor Cristão, como apresentado anteriormente por Helen Bagby. Nos saraus e apresentações públicas com Miss Roxy Groce e Miss Willie Ross, as músicas do repertório para piano e violino.

Para termos uma idéia do grau de exigência no ensino de Piano e Violino no Conservatório Musical Batista, transcrevemos a seguir o programa utilizado. Estes foram retirados do Prospecto do Colégio de 1930.

PROGRAMA DO CURSO DE PIANO

PRIMEIRO ANO

Leber-Stark – Método teórico prático. Parte I (Ivaldi)

Cesi – Livro 1º.

Czerny – Estudos Elementares

Pozzoli - Estudos Elementares

Kohler – Pequenos estudos. Op. 151-159

SEGUNDO ANO

Cesi – Livro 2º. - Escalas
Czerny –Germer – 1º. volume
Pozzoli – 10 Estudos fáceis
Bertini-Mugellini - Livro 1º. Op. 100

TERCEIRO ANO

Cesi – Livro 3º. – Arpejos
Leber-Stark – Método - Parte II (Ivaldi)
Czerny –Germer – 2º. Volume
Benoir-Chiaffarelli – 25 exercícios (uma parte)
Bach-Mugellini – 23 peças fáceis

QUARTO ANO

Czerny –Germer – 3º. Volume
Cesi –3º. volume – Arpejos (terminar)
Zilcher – Estudo de oitavas
Benoir-Chiaffarelli – 25 exercícios (uma parte)
Bach-Mugellini – 23 peças fáceis (terminar)

QUINTO ANO

Cramer-Bulow – 50 estudos
Eggeling - Estudo de oitavas
Barroso Netto – Estudo de agilidade
Benoir-Chiaffarelli – 3º. Volume
Bach-Mugellini – Invenções a 2 vozes
Bach-Mugellini – Suítes francesas

SEXTO ANO

Cramer-Bulow – 50 estudos (terminar)
Leber-Stark – 3ª. parte (Ivaldi)
Clementi – Gradus ad Parnassum
Bach-Mugellini – Invenções a 3 vozes
Bach-Mugellini- Suítes inglesas

SÉTIMO ANO

Oswald – 3 estudos
Clementi – Gradus ad Parnassum
Kessler Mugellini – 24 estudos Op. 20
Kullak - Estudo de oitavas
Bach-Mugellini - Partitas
Bach-Mugellini – Cravo bem temperado
Chopin-Cesi – Estudos

Beethoven – Sonatas

OITAVO ANO

Tausig – Exercícios diários

Bach-Mugellini – Cravo bem temperado

Chopin-Cesi – Estudos

Liszt – Estudos transcendentais

Beethoven – Sonatas

NONO ANO

Liszt-Paganini – Estudos

Schumann – Estudos Sinfônicos

Estudo das obras mais difíceis da literatura do piano antiga e moderna.

Matérias Complementares (Obrigatórias)

Nos primeiros três anos Teoria Musical, Leitura Rítmica, Solfejo e Ditado Musical.

No quarto ano – Harmonia

No quinto e sexto ano, Harmonia e História da Música

Observação: *O Colégio Batista Brasileiro confere o “Diploma do Conservatório Batista” à aluna que completar o Curso Musical, mas para obter este Diploma é mister que a aluna tenha completado o Curso Médio Literário deste Colégio ou seu equivalente em outra instituição.*

Em outro prospecto, que não está datado, além do programa de ensino de Piano encontramos também o programa de ensino de Violino.

PROGRAMA DE ENSINO DE VIOLINO

PRIMEIRO ANO

Wohlfahrt – escola de violino

O. Sevik – opus II, 1ª. parte

Wohlfahrt – estudos 1ª. parte

Hrimaly – Estudos das escalas

SEGUNDO ANO

Hrimaly – Estudos das escalas

O. Sevik – opus II, 1ª. parte – continuação

Kaiyser - estudos 1ª. parte

L. Potnoff – estudos melódicos, 1ª. parte

Peças:

Sitt – Livro de peças pequenas

Jacoby – Fantasia pequena da ópera “Lucrezia Borgia” de Donizeti

Editiono Peters – Livros de peças clássicas de maestros antigos

TERCEIRO ANO

Schradiack – escola preparatória de violino, 1ª. parte

Hrimaly – escalas 2ª. e 3ª. posição

Kaiyser - estudos 2ª. e 3ª. parte

Peças de Concertino

Sitt – concertino

Singille – Fantasia “Trovatori” de Verdi

Schubert – Sonatina

Simonetti – Madrigal

Dabola – Air varié, tema de Paccini

QUARTO ANO

Mazzas - estudos melódicos, 1ª. e 2ª. parte

Hrimaly – escalas 4ª, 5ª, 6ª e 7ª posição

Schradiack – escola de técnica de violino, 1ª. parte – continuação

O. Sevcik – escola de técnica de violino, 2ª. parte

Peças e Concertos

Viotti – um concerto

Rhode - um concerto

Kreutzer - um concerto

Raff – Kavatine

Moszkowski – danças espanholas

Beethoven-Kreisler – Rondino

Wieniawski-Kuyawiak – Dança Polaca

QUINTO ANO

Schradiack – escola de técnica de violino, 2ª. parte – continuação

Kreutzer - um concerto

Peças, Sonatas e Concertos

Kreutzer - concerto

Viotti – concerto

Rhode – concerto

Bach – concerto
Bériot – concerto
Mozart – concerto
Haendel – sonatas
Mozart – sonatas
Beethoven – sonatas
Kreisler – composições diversas
Alard – fantasia da ópera “Margarete” de Gounod
Wieniawski – 2 mazurcas

SEXTO ANO

Sevcik – escola de técnica de violino, 3ª. parte e 4ª. parte
Hrimaly – escalas todas as posições
Fiorillo – estudos
Rhode – estudos
Saint Lubin – estudos de concertos

Peças, Sonatas e Concertos

Beethoven- 2 romanças
Bach – concerto
Mozart – concerto
Spohr – concerto no. 2
Wieniawski - concerto
Wieniawski – polonaise brilhante
Vieuxtemps – fantasia apaixonata
Sarasate – dansa espanhola
Haendel – sonatas
Mozart – sonatas
Beethoven - sonatas
Tartini – sonata
Bach – solo partitas
Bach – concerto para dois violinos
Mazzas – duos
Spohr – duos
Bériot - duos

SETIMO ANO

Sevcik – estudos de acordes
Dont – capriccios
Gaviniée – capriccios

Peças, Sonatas e Concertos

Kreisler – composições diversas
Wieniawski – Tarantella
Vieuxtemps – Balada e Polineza
Bruch – Concerto

Mozart – Concerto
Mendelssohn – Concerto
Vieuxtemps – Concerto
Spoehr – Concerto (nos. 8 e 9)
Beethoven – Concerto
Brahms – 3 grandes sonatas
Beethoven – Kreutzer-sonata
Cesar Frank – Sonata
Bach – solo partitas

Curso de Virtuosidade

Wieniawski – capriccios
Paganino – capriccios
Wieniawski – Concerto
Brahms – Concerto
Dvorak – Concerto
Tschaikowski – Concerto
Joachim – Concerto Húngaro
Ernst – Concerto Húngaro
Paganini – Concerto e composições diversas
Glazounoff – Concerto
Bach – Chaconne

Matérias Complementares (Obrigatórias)

Nos primeiros três anos: Teoria Musical, Leitura Rítmica, Solfejo e Ditado Musical.

No quarto ano: Harmonia

No quinto e sexto ano: Harmonia e História da Música

No programa do Curso da Escola Normal apresentado nesse Prospecto de 1930 encontramos a Música como disciplina para o Primeiro Ano, com 2 aulas por semana e Orfeão com 1 aula por semana. No Segundo Ano repete-se a mesma carga horária e no Terceiro Ano continua apenas o Orfeão com 1 aula semanal.

Valendo-nos das informações deste Prospecto, podemos afirmar que a Música estava presente no Jardim da Infância a partir do seguinte texto:

Aceitamos crianças de 4 a 5 anos de idade no Jardim. Crianças de 6 anos de idade entrarão no 1º. ano. Aqui desperta-se o interesse das crianças; dão-se lições de cousas e ciências naturais; ensina-se a contar, a distinguir as cores, a reconhecer os direitos dos outros, a cooperar uns com os outros por meio de jogos, cânticos, etc. Acima de tudo, prende-se interesse no aprender. (Prospecto do Colégio Baptista Brasileiro – Ano de 1930 – São Paulo, p. 20)

Podemos afirmar que o ensino da música permaneceu durante os anos que se seguiram e apresentaremos a seguir algumas evidências encontradas nos relatórios apresentados pela direção do Colégio à Junta da CBB, nos recortes de *O Jornal Batista* e pelo *Anuário do Colégio Batista Brasileiro de 1933*, intitulado *O Cruzeiro*, publicado pelas diplomadas¹⁶.

Destacamos do relatório do *Colégio Batista Brasileiro de São Paulo* para o ano de 1933, apresentado pelo diretor J. A. R. Morgan as seguintes informações:

O Conservatório de Música do Colégio é um dos melhores de São Paulo. O Curso, além de ser bem organizado é outrossim bem executado. O Colégio concede diplomas aos que terminam este curso.

O Corpo Docente do Colégio é composto de uns 30 professores de ambos os sexos, bem preparados e dedicados ao trabalho de ensino. Eles são conscienciosos a respeito de seu trabalho e do desenvolvimento de seus alunos. (...)

Durante o ano de 1933, matricularam-se 296 alunos no Colégio. (...) cinco alunos receberam o diploma do Curso Ginásial, e uma aluna recebeu do Conservatório de Música do Colégio.

Houve através do ano organizações, tais como, Côro, Clube de Português, de Inglês, de Artes Culinárias, Liga Pró-Temperança, Sociedade Protetora dos Animais etc., trabalhando para o desenvolvimento dos alunos.

No Colégio Batista Brasileiro, pudemos observar que houve “circulação de professores”. Entre os professores de música, foram acolhidos professores formados no *Colégio Piracicabano*, de confissão metodista, professores formados no *Mackenzie College*, de confissão Presbiteriana ou ainda em outras instituições sem compromissos religiosos.

Percebemos através das notícias de jornais que nem todos os professores eram comprometidos com o protestantismo.

Destacamos a atuação de Fernando de Azevedo como Parainfo na Turma de Formandos de 1933. Registro encontrado em *O Cruzeiro* de 1933. Confirmando o bom trânsito dos professores da escola pública na escola americana.

Na tentativa de responder a duas de nossas perguntas de pesquisa, “Quais eram as músicas utilizadas na época? Foram registradas em partituras?”, saímos à procura de material.

No Arquivo Histórico do Colégio Batista Brasileiro, conseguimos localizar três livros de músicas infantis com partituras. Aqui eles serão mencionados e no terceiro capítulo, algumas de suas peças serão analisadas.

O livro *Nature Songs for Children*, de Fanny Snow Knowlton apresenta Copyright de 1898, sendo editado por Milton Bradley Company em 1912. Traz na contra capa a indicação: *Colégio Progresso Brasileiro*. Apresenta sessenta e três canções, divididas em cinco seções:

¹⁶ Trata-se de um álbum publicado como livro com capa dura, contendo muitas fotos com legendas explicativas.

The Months (12 canções) , Flower Songs (8 canções), Bird Songs (6 canções), Games (12 canções), Miscellaneous (17 canções), Sacred Songs (8 canções).

No livro “Songs and Games for Little Ones” encontramos a informação: From “Tonic SOL-FA Music Course” na primeira página, porém não localizamos a data da publicação, nem a editora. Outra questão que deve ser ressaltada é que ao final do livro são apresentadas sugestões para cantar e brincar.

O terceiro livro é intitulado *Ring Songs and Games*, compilado por Flora Clifford Kemp, apresenta Copyright de 1907, sendo editado por Milton Bradley Company em 1928. Traz 34 canções para crianças.

Estas canções serão analisadas no próximo capítulo.